



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS- UFT  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO ACADÊMICO EM  
EDUCAÇÃO-PPGE/ CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS**

**LIZETE DE SOUSA COELHO**

**UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: O ESTUDO DE CASO NO POLO DA UMA  
EM PARAÍSO DO TOCANTINS**

**Palmas -TO  
2022**

**LIZETE DE SOUSA COELHO**

**UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: O ESTUDO DE CASO NO POLO DA UMA  
EM PARAÍSO DO TOCANTINS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu da Pró-Reitoria de pesquisa e Pós-Graduação, Mestrado Acadêmico em Educação, Universidade Federal do Tocantins, objetivando o título de Mestre em Educação, sob a orientação da Dra. Neila Barbosa Osório.

**Palmas -TO  
2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- C672u Coelho, Lizete de Sousa.  
    Universidade da Maturidade: o estudo de caso no polo da UMA em  
    Paráíso do Tocantins. / Lizete de Sousa Coelho. – Palmas, TO, 2022.  
    96 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins  
    – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em  
    Educação, 2022.  
    Orientador: Profa. Dra. Neila Barbosa Osório  
    Coorientador: Luis Sinésio Neto
1. Universidade da Maturidade. 2. Acadêmicos. 3. História e Memória. 4.  
    Políticas Públicas. I. Título

**CDD 370**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FOLHA DE APROVAÇÃO

**LIZETE SOUSA COELHO**

**UNIVERSIDADE DA MATURIDADE: O ESTUDO DE CASO NO POLO DA  
UMA EM PARAÍSO DO TOCANTINS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação. Foi avaliada para obtenção do título de Mestre em Educação e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Neila Barbosa Osório

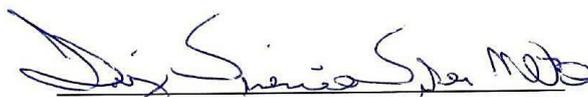
**Data de aprovação: 25 / 10 / 2022**

**Banca Examinadora**



---

Prof. Dra. Neila Barbosa Osório, PPGE-UFT



Prof. Dr. Luiz Sinésio Silva Neto, PPGECS-UFT



---

Prof. Dra. Daniela Patrícia Ado Maldonado, PPGE-UFT

**Palmas -TO  
2022**

Dedico este trabalho a minha família,  
Alípio Barbosa Neto, meu esposo, e aos meus  
filhos, Andressa, Alípio Júnior e Hylanna.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por permitir que eu realizasse este trabalho de imensa grandeza.

Meus pais, pelos ensinamentos para a vida, agregando amor, humildade e respeito para com as pessoas, em especial, as mais velhas.

A minha orientadora, merecedora de toda honraria, professora Doutora Neila Barbosa Osório, e ao professor Doutor Luiz Sinésio Neto, pelo carinho e dedicação em defesa das pessoas idosas.

Aos acadêmicos do polo da UMA de Paraíso do Tocantins, nos quais busquei conhecimento por meio de suas histórias, memórias e experiências de vida.

Ao professor, escritor e gramático, Alcides Nascimento Marinho, meus agradecimentos pela valorosa parceria e incentivo para essa jornada acadêmica.

Ao escritor, poeta e imortal da Academia tocantinense e paraisense de letras, Dourival Martins Santiago, agradecimentos, hoje e sempre.

A minha colega de jornada acadêmica, Elizangela Fernandes Pereira Evangelista pela parceria no percurso dessa caminhada.

Ao Professor Doutor Idemar Vizolli, pelo aprendizado que juntos construímos.

A professora Adriana, minha parceira, amiga de toda hora.

A todos muito obrigada!

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta a implantação e implementação do polo da Universidade da Maturidade - UMA, no Município de Paraíso do Tocantins. Tem como objetivo geral compreender e discutir, na voz dos idosos acadêmicos, suas experiências com a implantação e implementação do polo da UMA em Paraíso do Tocantins, bem como a importância das políticas públicas envolvidas. Na pesquisa, destacam-se como objetivos específicos: Relatar a experiência da implantação e a implementação do polo da UMA em Paraíso do Tocantins; Evidenciar, pela voz dos idosos acadêmicos experiências com a implantação e implementação do polo da Universidade da Maturidade de Paraíso do Tocantins e seus relatos de vida; Identificar a existência de políticas públicas indicadas à pessoa idosa na observância da legislação vigente; Apresentar abordagens sobre o fenômeno do envelhecimento. O estudo evidencia as políticas públicas implementadas e preconizadas pela legislação brasileira, bem como, o fenômeno do envelhecimento e sua relevância marcante para a vida desses acadêmicos em um novo cenário representativo das histórias e memórias entre gerações. Essa pesquisa é de natureza aplicada, abordagem qualitativa e tem como aporte investigador o estudo de caso. Participaram da pesquisa dez acadêmicos, matriculados no ano de 2022, no polo da Universidade da Maturidade, do Município de Paraíso do Tocantins. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e presencial. Como resultado, indica-se que a implantação do polo da UMA deu voz aos acadêmicos em uma fase da vida em que os indivíduos detêm experiência acumulada com o decorrer do tempo, pois trata-se de um espaço de educação intergeracional e de inclusão social. O espaço educacional da UMA é considerado, pelos acadêmicos, o melhor lugar para que suas vozes, seus desejos e sentimentos sejam expressos por meio da história e memória. Assim, reafirma-se que todas as pessoas, de diferentes gerações, podem aprender e reaprender em um mesmo espaço coletivo de representatividade singular. A experiência vivida por esse grupo etário é uma lição para a vida, haja vista que os idosos são guardiões do passado. Por fim, a pesquisa ressalta a importância das políticas públicas de atendimento à pessoa idosa, como direito constitucional, e a garantia efetiva desses direitos. Desse modo, é possível que todas as gerações cheguem ao envelhecimento com mais dignidade.

Palavras-chave: Universidade da Maturidade. Acadêmicos. História e Memória. Educação intergeracional. Políticas públicas.

## ABSTRACT

This research presents the implantation and implementation of the pole of the University of Maturity - UMA, in Paraíso do Tocantins. Its general objective is to understand and discuss, in the voice of elderly academics, their experiences with the implantation and implementation of the UMA pole in Paraíso do Tocantins, as well as the importance of the public policies involved. In the research, the specific objectives are: To report the experience of the deployment and implementation of the UMA pole in Paraiso do Tocantins; To highlight, through the voice of the elderly academics, experiences with the deployment and implementation of the University of the Maturity pole in Paraiso do Tocantins and their life reports; Identify the existence of public policies targeted at the elderly in conformity with current legislation; Present approaches to the phenomenon of aging. The study evidences the public policies implemented and recommended by the Brazilian legislation, as well as, the aging phenomenon and its remarkable relevance for the lives of these academics in a new scenario representing the history and memories between generations. This research is of an applied nature, with a qualitative approach and has a case study as an investigative input. Ten academics participated in the research, enrolled in the year 2022, at the University of Maturity, in the city of Paraíso do Tocantins. The data was collected by semistructured and face-to-face interviews. As a result, it is indicated that the implementation of the UMA pole gave a voice to the academics in a phase of life in which individuals have accumulated experience over time, being a space for intergenerational education and social inclusion. UMA's educational space is considered, by the academics, the best place for their voices, their wishes and feelings to be expressed through history and memory. In this way, it is reaffirmed that all people, from different generations, can learn and relearn in the same collective space of singularrelevance. The lived experience of this age group is a lesson for life, considering thatthe elderly are guardians of the past. Finally, the research highlights the importance of public policies for the elderly, as a constitutional right, and the effective guarantee of these rights. In this way, it is possible for all generations to reach aging with more dignity.

Keywords: University of Maturity. Academics. History and Memory. Intergenerational education. Public policies.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 01- Desempenho da população idosa absoluta do Brasil, entre os anos de 1970 a 2010.....	29
Figura 02- Dados estatísticos do envelhecimento populacional do Brasil - 1970 a 2010.....	31
Figura 03- Causa de dependência absoluta do Brasil - 1970 a 2010. ....	32
Figura 04: Aula inaugural dos acadêmicos da primeira turma do polo da UMA de Paraíso do Tocantins. ....	56
Figura 05 -A pesquisadora e a 1ª turma do polo da UMA/ Paraíso do Tocantins. ....	57
Figura 06 - A pesquisadora e a 1ª turma do polo da UMA/ Paraíso do Tocantins. ....	58
Gráfico 01- Brasil de 1970 - Pirâmide Etária. ....	33
Gráfico 02- Brasil de 2010- Pirâmide Etária.....	34
Quadro 01 - Participantes da Pesquisa. ....	51
Quadro 02 - Perfil dos acadêmicos do polo da UMA /Paraíso do Tocantins.....	52
Quadro 03 - Perfil dos docentes do polo da UMA /Paraíso do Tocantins. ....	56

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial da Saúde
PAIEM	Plano de Ação Intergeracional para o Envelhecimento em Madri
PEA	População Economicamente Ativa
SESC	Serviço Social do Comércio
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UMA	Universidade da Maturidade
UFT	Universidade Federal do Tocantins

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.</b> ....	<b>12</b>
<b>2 EVENTO : ENVELHECIMENTO E INTERGERACIONALIDADE.....</b>	<b>23</b>
Concepções sobre o envelhecimento.....	23
Envelhecimento populacional do Brasil intergeracionalidade .....	27
Intergeracionalidade.....	35
Educação Intergeracional: aprendendo com o outro.....	38
O idoso no cenário da Universidade da Maturidade – UMA/UFT.....	40
<b>3 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PESSOA IDOSA.</b> .....	<b>43</b>
Promoção da pessoa idosa no contexto social .....	43
Constituição Federal de 1988 .....	44
Estatuto do Idoso – Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003 .....	44
Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994 .....	45
Conselhos Municipais do Idoso .....	46
Fundo Municipal do Idoso.....	46
Marcos das Políticas Públicas voltados para a pessoa idosa .....	47
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>49</b>
Metodologia.....	49
<b>4.11. Organização temporal.</b> .....	<b>49</b>
Espaço selecionado para realização da pesquisa e público participante.....	50
Transcrição das entrevistas e análise dos acontecimentos narrados.....	53
<b>5 RELATOS SOBRE A IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO POLO DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE – UMA/UFT EM PARAÍSO DO TOCANTINS</b> .....	<b>54</b>
<b>6 ACADÊMICOS DO POLO DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE UMA/UFT DE PARAÍSO DO TOCANTINS.</b> .....	<b>60</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS.</b> .....	<b>80</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>89</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DA ENTREVISTA.</b> .....	<b>90</b>
<b>APÊNDICE B - RESPOSTAS DOS PARTICIPANTES DA ENTREVISTA.</b> .....	<b>91</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Primeiramente, o desejo de realizar essa pesquisa se deu no ano de 2020, ocasião privilegiada que tive em participar de uma formação para professores voluntários do polo da Universidade da Maturidade - UMA- da Universidade Federal do Tocantins - UFT- em Paraíso do Tocantins, na sede da Prefeitura desse Município, com profissionais que trabalham diretamente com pessoas idosas da referida Universidade.

Naquele momento, vi a importância de conhecer uma realidade educacional nova, colocando o idoso em um cenário de destaque e empoderamento, com possibilidades reais de escutar as vozes dessa população, que há muito tempo ecoam nos quatro cantos do mundo, sem que muitos as percebam.

O projeto, Universidade da Maturidade – UMA/UFT, significa uma alternativa plausível para as pessoas adultas e idosas que a sociedade brasileira exclui, em uma fase da vida que detém experiência acumulada e sabedoria. Trata-se de um espaço de convivência social e educacional, de aquisição de novos conhecimentos voltados para o envelhecer sadio e digno e, sobretudo, para a tomada de consciência da importância de participação do idoso na sociedade, enquanto sujeito histórico e ativo. Além disso, o local contribui para a conscientização política, orientação social e resgate/preservação de culturas.

Esses são os três eixos que permeiam a Universidade da Maturidade, que opera combatendo as três pobrezaas que atingem o envelhecimento humano mundial, designadas pela Organização das Nações Unidas - ONU: economia, conhecimento e poder. (ONU, p.8, 2005).

É importante que se enfatizem os principais problemas que justificam a criação deste projeto, em uma universidade pública e gratuita: o alto índice de analfabetismo, violência, maus tratos, ausência de uma consciência crítica a respeito da participação do idoso na efetivação das políticas públicas e a invisibilidade familiar e social.

A reflexão acerca do assunto provocou-me a motivação para ir ao encontro dessa geração experiente na vida e cheia de vontade para prosseguir a caminhada na perspectiva de poder continuar sendo vista como pessoas capazes de ensinar e aprender com o decorrer do seu tempo. Assim, nasce, em mim, o desejo de compreender o processo do envelhecimento humano na perspectiva de uma educação intergeracional nos espaços públicos e acadêmicos, bem como, de direitos constitucionais indicados a essa população.

É necessário, portanto, que essa população frequente uma universidade para informar suas culturas, trocar experiências e estudar as novas, além de aprender a pensar individual e coletivamente e tornarem-se autores da própria história. Pela primeira vez na história da humanidade, estamos vivendo ou convivendo com cinco gerações e, tanto o resgate como a preservação de culturas distintas são fundamentais para sustentarmos uma relação intergeracional sem conflitos, que é mais uma demanda mundial que preocupa os estudiosos da área.

Segundo pesquisas avançadas, o Brasil terá um grande contingente de pessoas idosas em cerca de duas décadas. O avanço significativo da expectativa de vida humana em todo o mundo fará com que a sociedade mundial, ainda no século XXI, veja o envelhecimento como um fenômeno que se torna mais presente na população. Sendo uma realidade no país, isso provoca mudanças desafiadoras que o Estado brasileiro terá que enfrentar.

O Brasil e o mundo enfrentam os desafios da Covid-19, doença desconhecida que abalou as nações e as instituições de saúde em todo o mundo, mais precisamente a partir de 2020. O primeiro caso de Covid-19, no Brasil, foi diagnosticado em 26 de fevereiro de 2020, em uma pessoa idosa. Segundo as estatísticas de casos da doença e de óbitos por faixa etária no Brasil e no mundo, os casos de maior incidência acometem as pessoas adultas. Contudo, o coeficiente de letalidade é maior entre a população idosa.

A incidência de mortalidade causada pela Covid-19 tem afetado desproporcionalmente a população idosa, considerando a presença de comorbidade associado ao processo do envelhecimento populacional. Nesse viés, verifica-se uma questão desafiadora para o poder público, no sentido de garantir direitos referentes à saúde pública da pessoa idosa. Do ponto de vista demográfico, as mortes estão associadas à idade, raça e renda.

Entende-se que, nesse cenário de longevidade, é fundamental identificar instrumentos que possibilitem aos idosos cuidarem da saúde física e mental. Esses materiais serão identificados a partir do momento em que o idoso tiver sua voz ressoando por todos os lugares. A Universidade da Maturidade, polo implantado em Paraíso do Tocantins, deve ser o melhor lugar para que essas vozes possam expressar seus desejos e sentimentos por meio de suas memórias e narrativas. A história de vida dessa população urbana e rural denota tempos difíceis, mas, geralmente, felizes pela vida simples que viveram no passado.

A população de idosos cresce de forma acelerada mundialmente e, o cenário brasileiro, cada vez mais envelhecido, conseqüentemente, causa alteração relevante na conjuntura social. Assim, o envelhecimento vive novos paradigmas, um novo padrão e, para isso, é necessário conhecer e escutar a voz dessa geração para que suas vivências sejam reconhecidas pelas

histórias narradas e entender a subjetividade, como sujeito e dono do seu tempo. Nesse caminhar da vida, a esperança ou a expectativa de vida se define pela aproximação dos anos que a pessoa espera viver.

Os eventos políticos, culturais e econômicos são marcados por épocas distintas, o que resulta convivências entre as gerações X, Y, Z e Alfa. Nesse cenário de gerações distintas, é preciso estabelecer estratégias de promoção e respeito pela diversidade. Assim, se constrói uma sociedade para todas as idades, o que subsiste a necessidade de diálogo intergeracional e, também, um desejo de educar e encaminhar os adultos para uma velhice saudável e consciente de seu papel num mundo da diversidade como o nosso, no intuito de aprender e reaprender durante o tempo em que se vive.

De acordo com Bourgeois (2002, p.13), “aprender enquanto se vive é aprender melhor a duração da vida; é, desde logo evidenciar ainda mais o fato de que nós vivemos diversas etapas como se vivêssemos várias vidas sucessivas”.

Considera-se que a educação intergeracional proporciona a educação ao longo da vida, gerando benefícios a todos, inserindo as gerações, sociedade e comunidade. Para Palmeirão e Menezes (2009), “a educação intergeracional é um desafio de interesse maior na sociedade atual”. Afirmar que a educação intergeracional seja nova é uma pretensão para pesquisadores da área, pois as gerações mais velhas sempre educaram as novas gerações, assim, a aprendizagem acontece simultaneamente.

A dinâmica do trabalho com a pessoa idosa por meio da UMA/UFT envolve uma existência verdadeira e social, provavelmente, nunca visto em nenhum momento anterior. Nesse processo, vive-se a história única, com cinco gerações de culturas diferentes. Por isso, é importante assegurar o convívio intergeracional, promovendo a vida e a vivência em outros espaços. Sobre a educação e a construção digna da velhice, Lima (2006) corrobora que:

A educação vem ajudar a construir sua velhice, de maneira digna, inserindo na família, na sociedade, estampando estigmas que o aprisionam. Por meio dela, o idoso tem a chance de mudar o rumo de sua vida, redimensioná-la e redirecionar suas ações para ter liberdade de escolhas, (que na maioria das vezes lhes são negadas por imposição ou por superproteção), emergir com novos pensamentos, novas maneiras de ser e estar no mundo. Realizar uma verdadeira reforma no seu pensamento. Aprender a pensar, a fazer uma nova leitura da sua realidade, a ser consciente, a ser sujeito.

Desse modo, as considerações tecidas elucidam que a Universidade da Maturidade representa a pessoa idosa, sendo um lugar de aprender e ensinar as experiências de vida. Envelhecer é uma vitória brilhante para a humanidade. No entanto, retrata um grande desafio em todo o mundo. As interações intergeracionais promovem e estimulam a convivência respeitosa entre velhos e novos, que identifica valores e o respeito à diversidade de

pensamentos. Em relação a esse cenário, do ponto de vista de Sáez (2002, p.104):

a educação intergeracional indicam “processos e procedimentos que se apoiam e se legitimam enfatizando a cooperação e interação entre duas ou mais gerações, assegurando a partilha de experiências, conhecimento, habilidades, atitudes e valores, com o fim de aumentar os respectivos níveis de autoestima e auto relação pessoal.

Nessa perspectiva, as narrativas dos idosos da Universidade da Maturidade indicam que todas as pessoas de idades diferentes podem aprender e reaprender no mesmo espaço de humanização e empoderamento dessas gerações, por meio de suas memórias e histórias narradas, referente à época que viveu em uma mesma sociedade. Esse período foi determinante para os relatos memoráveis sobre a família, hábitos e valores, sendo referência para outras gerações. Diante disso, para Randall (2002), “o envelhecimento é um processo biográfico, que compreende incessantemente o contar e o recontar contínuos das experiências vividas”.

Observa-se, na voz dos idosos, que suas experiências narradas trazem, ao tempo atual, reflexões e dados históricos sobre suas trajetórias de vida, que se percebe nos gestos, no olhar, no expressar da fala e na singularidade de cada um. Nesse caminhar surreal, comemoramos o que disse Freire (2012, p.91):

Somos moços ou velhos muito mais em função de como pensamos o mundo, da disponibilidade com que nos damos, curiosos ao saber, cuja procura jamais nos causa e cujo achado jamais nos deixa satisfeitos e imobilizados. Somos moços ou velhos muito mais em função da vivacidade, da esperança com que estamos sempre prontos a começar tudo de novo, se o que fizemos continua a encarar o sonho novo.

É fundamental ouvir e dar voz aos idosos para que eles sejam capazes de desnudar suas histórias, experiências já vividas e as expectativas futuras. A narrativa da memória e história dessa geração é importante para a construção da identidade e possibilita a outras gerações aprender e reaprender com as experiências ao longo da vida.

Nas palavras de Bosi (2012, p.60), “as narrativas das lembranças de uma pessoa idosa é provavelmente averiguar uma história social próspera, sendo que elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e definidas”. Assim, são desvendadas diferentes experiências de vida, manifesto de emoção e reconhecimento do muito que viveram e do que aprenderam com a vida, bem como, a maneira que multiplicaram as riquezas de vida e experiências que lhe renderam na vida. Difícil saber quem aprendeu com quem, pois as experiências enriquecedoras tomaram conta do eu e do outro. Devido a isso, consideramos esse projeto o reflexo de uma história de gente que se interessa por gente.

O Projeto UMA - Universidade da Maturidade - objetiva uma proposta pedagógica para atender adultos e idosos, no intuito de promover qualidade de vida para essa população.

Desse modo, é fundamental reconhecer que o espaço da educação, enquanto instituição de ensino pode contribuir significativamente e estimular as relações intergeracionais, considerando que “relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes grupos etários, não se restringindo ao contexto familiar”. (SENA, 2011).

Nesse cenário de convivência e experiências, possibilita-se ouvir as vozes dos idosos, como forma de representatividade desses heróis do tempo, e escutar suas histórias, que revelam sentimentos memoráveis e servem como base para construir outras histórias e trajetórias de vida. Nas palavras de Bobbio (1997, p.30), “somos aquilo que lembramos. As palavras sábias atravessam o mundo sem envelhecer”. Assim, todos nós somos novos, maduros e idosos experientes por tudo que já vivemos. Com isso, a idade avançada demonstra a beleza da vida.

As palavras de Pretti (1991) indicam que as narrativas individuais acontecem com maior frequência na voz dos indivíduos mais velhos e experientes, tolerância natural em serem verdadeiros “contadores de histórias”. “As recordações do passado são contínuas nos diálogos entre pessoas velhas. O idoso usa suas histórias do passado para refletir o presente, querendo apresentar o objetivo para preservar sua imagem por meio da linguagem” (BODEM e BIELBY, 1983; PRETI, 1991).

A memória indica o momento de executar a função da lembrança acumulada no decorrer dos anos. As narrativas intergeracionais possibilitam o protagonismo do velho e do novo a se encontrarem em épocas distintas. O conhecimento da experiência é divergente do saber científico, da informação e da prática. Sob essa perspectiva, “O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana”. (LARROSA; 2002, p.26). Desse modo, a história é produzida entre humanos e o evento dos fatos memorizados e narrados pelos protagonistas de tantas décadas, é a vida do jeito que ela é, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece o que nos toca”. (LARROSA, 2015, p. 18). Assim, pretendemos interpretar as vivências presentes nos fatos para entender os sentidos concedidos pelos sujeitos da pesquisa.

Nesse olhar, as histórias narradas pelos idosos trazem, ao presente, o reencontro de suas vivências e experiências e desnudam as emoções para expandir as relações intergeracionais. Desse modo, é relevante que a voz dos idosos seja ouvida e entendida pela sua história e condição de vida em relação ao passado, tornando-se presente por meio das lembranças. “Os velhos mantêm os aspectos histórico-sociais da memória resguardados, por precisarem dela para sobreviver (...). O passado pertence aos velhos. As histórias exercem uma função peculiar: de refletir e escavar lembranças”. (ALMEIDA, 2001 p. 28). Dessa

maneira, os conhecimentos e o imaginário social da pessoa idosa não devem ser desvinculados do conhecimento sobre a memória. Nas palavras de Bosi (1979):

os velhos são guardiões do passado. São os velhos que resgatam a herança cultural e lembranças de uma geração. Por suas memórias nota-se as transformações no decorrer do tempo. A história é um movimento contínuo de todo dia, sem intervalo, porém se rompe, desfaz e se renova constantemente em cenários distintos. Os velhos exercem papel importantíssimo na transferência de crenças e valores das gerações.

De acordo com Bosi (1979), esse resgate “constitui o ato de recolher memórias dos velhos. A essência cultural emerge dos relatos singulares”. Nas palavras de Matos (2004):

memorar a velhice indica reconstruir o pensamento do sujeito no tempo presente, narrado pelas raízes sociais que foram presentes na vida desses sujeitos no decorrer do tempo. Cada pessoa é portadora e representa um conjunto de referências fazendo com que sua identidade revele momentos vividos no passado. Assim, as lembranças são componentes integrantes, processual da identidade restaurada por meio das recordações. Cada vida representa um documento. Esse documento representa a humanidade.

Em consonância a isso, para Candau (2012, p.150), “Não existe um verdadeiro ato de memória que não esteja acordado nos desafios identitários presentes”. Ele considera que “Os velhos reedificam sua existência, revivendo o trajeto familiar, instituindo na memória, lugar familiar, representatividade da família e das intergeracionais”.

De acordo com Barros (1989), “O corpo envelhece sem a sua permissão. A alma só envelhece se você permitir”. Ademais, segundo Almeida (2001, p.33) “a memória dos velhos pode deixar às claras um mundo com riquezas e diversidades que nem chegamos a conhecer. A partir dessas memórias, podem-se compreender momentos perdidos e, talvez, tornar mais humano o nosso presente”. Por fim, conforme Beauvoir (1990), “o destino dos velhos depende do destino da sociedade, principalmente no que se refere aos valores e princípios”.

Diante disso, qual será o futuro dessa sociedade de escolhas, que muito tem instituído o processo da exclusão do idoso entre outros regimentos dessa sociedade contemporânea? Os idosos não podem afastar-se de suas raízes memoráveis, que dão sentido ao elo do passado com o presente. Suas vozes exibem histórias de épocas e experiências singulares, que caminham com o tempo, sempre ensinando e aprendendo com as novas gerações.

As autoras França e Soares (1997, p.151) advogam os vínculos intergeracionais para romper preconceitos e abonam que “as trocas geracionais não devem se limitar a família e aos programas e políticas governamentais, mas serem expandidas às instituições privadas e a outras representações da sociedade”.

Nas afirmativas de Groisman (1999, p.44), a velhice contemporânea “não é um problema social é, antes de tudo uma construção social”. De acordo com Bosi (2012), ouvir e dar voz aos idosos é fundamental para que suas histórias de vida possam enriquecer outros

conhecimentos, manifestados por meio de suas memórias contadas no momento atual.

A Constituição Brasileira de 1988 apontou um novo critério para o Direito da Família, estabelecendo que cada membro familiar pudesse desfrutar individualmente de direitos essenciais. Por outro lado, o idoso ganhou prerrogativas de um novo status contemplativo com base no princípio da dignidade humana, evidentemente notório no Art. 1º, inciso III, sendo sustentado especialmente nos Artigos 229 e 230. Art. 229: “Os pais têm o dever de assistir os filhos, criar e educar os filhos menores e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência e enfermidade”. (BRASIL, 1988, Art. 229).

No Art.230, ressalta-se que “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”. § 1º “Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares”. § 2º “Aos maiores de sessenta e cinco anos é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos”. (BRASIL, 1988, Art. 230). Dessa forma, a análise dos Artigos 229 e 230 constata que a família tem deveres constitucionais.

A Política Nacional do Idoso, determinada pela Lei nº 8.842/1994, estabelece critérios legais indicados à defesa dos direitos da pessoa idosa. Dessa forma, criaram-se normas que buscam efetivar direitos ao idoso. No Art. 4º, constituem-se diretrizes da política nacional do idoso:

I – viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações; II – participação do idoso, através de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos; III – priorização do atendimento ao idoso através de suas próprias famílias, em detrimento asilar, à exceção dos idosos que não possuem condições que garantam sua própria sobrevivência; IV – descentralização político-administrativa; V – capacitação e reciclagem dos recursos nas áreas de geriatria e gerontologia e na prestação de serviços; VI – implementação de sistema de informações que permita divulgação da política, dos serviços oferecidos, dos planos, programas e projetos em cada nível de governo; VII – estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento; VIII – priorização do atendimento ao idoso em órgãos públicos e privados prestadores de serviços, quando desabrigados e sem família; IX – apoio a estudos e pesquisas sobre as questões relativas ao envelhecimento. (BRASIL, 1994).

A Lei nº 8.842/94, que estabelece garantias e direitos à pessoa idosa, ainda está sem aplicabilidade. Os órgãos governamentais e não governamentais estão inertes quanto aos processos de adaptação e sem articulação nos meios públicos e privados, deixando direitos fundamentais da pessoa idosa em vulnerabilidade.

Na criação e aprovação do Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741/2003, com objetivo principal de regulamentar direitos da pessoa idosa, dentre os direitos estabelecidos em lei, nomeiam-se direito à vida, proteção, saúde, ao trabalho, previdência social, educação, cultura,

ao lazer, moradia e ao voto. As políticas públicas, indicadas à pessoa idosa, devem oportunizar solidariedade entre gerações.

Nesse viés, Beauvoir (1990) anuncia ser difícil refletir sobre uma sociedade de justiça para pessoas velhas, considerando uma sociedade apontada e marcada pelas injustiças sociais. Dessa forma, assim como na sociedade francesa analisada por Beauvoir, é evidente esse desafio de diminuir as desigualdades, devido às problemáticas sociais que permanecem no Estado Brasileiro.

De acordo com o Estatuto do Idoso, em seu Art.7º, os Conselhos Nacionais, Estaduais, do Distrito Federal e Municipais da pessoa idosa, prenunciado na Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, guardarão pelo cumprimento de todos os direitos da pessoa idosa estabelecidos nessa Lei. Nas palavras de Tatagiba (2002, p.47-103), os Conselhos são definidos como:” [...] espaços públicos de composição plural e paritária entre Estado e sociedade civil, de natureza deliberativa, cuja função é formular e controlar a execução das políticas setoriais”.

Nessa perspectiva, há diversos desafios para fortalecer a efetivação desses espaços plurais e paritários. É preciso gestão, ação, equilíbrio, diálogo, resultado e tomada de decisões pautadas nos princípios éticos e voltadas à defesa dos direitos da pessoa idosa, observando o que diz a legislação das políticas públicas indicadas a essa população.

A Lei Federal nº 12.213, de 20 de janeiro de 2010, cria o Fundo Nacional do Idoso, que objetiva destinar e financiar programas e ações alusivas à pessoa idosa, levando em conta propiciar autonomia, integração e participação legítima na sociedade.

Na pesquisa “Fundo Nacional do idoso, um instrumento de fortalecimento dos Conselhos e de garantia de direitos da pessoa idosa”, datada de 2013, os autores enfatizam que:

A dificuldade de efetivação da Política e do Fundo Nacional do Idoso revelar que, no Brasil, entre prever na lei um equipamento e efetivamente criá-lo, entre publicar a lei e assegurar o direito, há diferenças e obstáculos que precisam ser amplamente conhecidos e superados pelos maiores interessados: os cidadãos brasileiros. (ALCÂNTARA, GIOCOMIN, 2013, p. 59).

É notório que há entraves para o cumprimento da Lei do Fundo Nacional do Idoso, como a ausência de gestão por parte dos Conselhos Municipais por desconhecerem a importância do Fundo e o que ele gera financeiramente para fortalecer direito do idoso. Considerando, ainda, a fragilidade de funcionalidade dos Conselhos em sua grande maioria, verifica-se que o assunto precisa ser mais estudado e debatido na sociedade, assim como o Fundo Nacional e Municipal do Idoso, temas atuais, relevantes que necessitam atenção especial pelos entes federados e comunidade em geral.

Assim, elaborou-se o problema da pesquisa a seguir: Quais foram as experiências vividas pelos acadêmicos com a implantação e a implementação do polo da UMA em Paraíso do Tocantins e a efetivação de direitos constitucionais regulamentados por políticas públicas?

Nesse cenário, conta-se com o objetivo da pesquisa: Compreender e discutir, na voz dos idosos acadêmicos suas experiências com a implantação e a implementação do polo da UMA em Paraíso do Tocantins e seus relatos de vivências, bem como a importância das políticas públicas envolvidas.

Ainda nesse cenário de definição do problema da pesquisa, veio a busca pela resposta da indagação que provocou o objetivo geral da pesquisa mencionado anteriormente. Nesse caminho, para se chegar ao referido objetivo, desenharam-se os objetivos específicos que seguem:

- 1) Apresentar abordagens sobre o fenômeno do envelhecimento;
- 2) Identificar a existência de políticas públicas indicadas à pessoa idosa na observância da legislação vigente;
- 3) Relatar a experiência da implantação e a implementação do polo da UMA em Paraíso do Tocantins;
- 4) Evidenciar, pela voz dos acadêmicos experiências com a implantação e a implementação do polo da Universidade da Maturidade de Paraíso do Tocantins e relatos de suas vivências.

Seguida da hipótese: As políticas públicas têm papel importante e constitucional no atendimento à pessoa idosa.

O escopo dessa pesquisa envolverá 10 (dez) idosos acadêmicos regularmente matriculados no ano de 2021, no polo da Universidade da Maturidade de Paraíso do Tocantins – UMA- UFT e a busca de dados.

Para Pádua (2004, p.74), o estudo de caso trata-se de abordagem qualitativa e coletiva de dados. As palavras de Oliveira (2002, p.50) destacam a competência do estudo de caso, enquanto método suficiente para identificar e analisar as múltiplas ocorrências de um mesmo fenômeno em vários casos.

Segundo Gil (2007, p.58), pode-se conceituar o estudo de caso como um estudo aprofundado sobre objetivos que podem ser um indivíduo, uma organização, grupo ou fenômeno e que pode ser aplicado nas diversas áreas do conhecimento. Nesse olhar, priorizou-se o método de pesquisa e o estudo de caso, sendo uma pesquisa de natureza aplicada e abordagem qualitativa.

Este trabalho foi estruturado em sete seções, sendo a primeira, a introdução, que apresenta o desejo de realizar esta pesquisa, conhecer uma nova realidade vivida por gerações distintas e refletir sobre a importância do processo de educação intergeracional da Universidade da Maturidade – UMA/UFT da Universidade Federal do Tocantins, de Paraíso do Tocantins, que representa a pessoa idosa.

Nesse contexto, verifica-se que os idosos acadêmicos da UMA são os guardiões do passado, por meio da memória, de história e experiências vividas, e o entrelaçam com o presente. Além disso, há um sucinto referencial sobre políticas públicas indicadas a essa população.

A segunda seção representa o referencial bibliográfico, que discorrerá acerca do envelhecimento humano, segundo os autores: Debert (1999), Beauvoir (1990), Neri (1991), Osório (2013), Almeida (2005), Salgado (1998), Haddad (2007), Unicovsky (2004), Vilas-Boas (2007), Mucida (2006), Lopes (2021), Cachioni (1999) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), considerando um processo organizacional indicado à pessoa idosa de forma plural e singular e discutindo direitos e equidades.

A terceira seção apresenta as Políticas públicas, evidenciando os direitos constitucionais indicados à pessoa idosa, presentes na Constituição Federativa do Brasil de 1988, Estatuto do Idoso e leis correlatas. Nesse cenário de direitos, objetiva-se garantir o direito à vida, proteger a pessoa idosa, possibilitar sua participação na comunidade, defender sua dignidade e zelar pelo bem-estar do idoso, entre outros serviços essenciais, como: saúde, transporte gratuito, moradia e acessibilidade.

A quarta seção apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa: o método que aplica o Estudo de Caso e a abordagem qualitativa e de natureza aplicada, indicando, assim, os caminhos trilhados para a realização da pesquisa. Ainda nessa seção, serão apresentados os acadêmicos do polo da UMA de Paraíso do Tocantins participantes da pesquisa, o local e as etapas realizadas no trabalho: entrevistas semiestruturadas e presenciais, rodas de conversas, transcrição das entrevistas e análise dos dados que foram coletados.

Nesta etapa da pesquisa, encaminham-se os procedimentos metodológicos indicados para a realização desta pesquisa, de forma a alcançar o objetivo principal: compreender e discutir, na voz dos acadêmicos, experiências com a implantação e implementação do polo da Universidade da Maturidade de Paraíso do Tocantins, seus relatos de vida e bem como a importância das políticas públicas envolvidas.

A quinta seção apresenta o relato da implantação e implementação do polo da Universidade da Maturidade de Paraíso do Tocantins. Nesse cenário, serão abordados temas como o fenômeno do envelhecimento, intergeracionalidade, educação intergeracional e o idoso no período da implantação e implementação do polo da Universidade da Maturidade de Paraíso do Tocantins.

A sexta seção apresenta a riqueza exuberante dos relatos de vivências e experiências dos acadêmicos do polo da UMA/UFT, ressignificando o tempo vivido, entrelaçando-o com o presente. Nessa perspectiva, as vozes dos idosos ecoaram para dar significado às experiências carregadas de sabedoria, agregando passado e presente e, ainda, projetando o futuro.

Na sétima e última seção, aponta-se as considerações finais sobre a implantação do polo da Universidade da Maturidade – UMA/UFT da Universidade Federal do Tocantins, em Paraíso do Tocantins, em um cenário da implantação e implementação do polo da Universidade da Maturidade de Paraíso do Tocantins e de representatividade da história e memória de um povo, que, ao longo tempo, agregou experiências vividas e a quem o presente propicia direitos, para que esses sujeitos possam ecoar suas vozes na contemporaneidade, respeitando a singularidade de cada acadêmico da UMA, na visão de uma educação intergeracional, dos direitos constitucionais e leis correlatas indicadas à pessoa idosa.

## **2 EVENTO : ENVELHECIMENTO E INTERGERACIONALIDADE**

### **Concepções sobre o envelhecimento**

Para a Organização Mundial de Saúde, OMS (2005, p.8),"o envelhecimento da população é um dos maiores triunfos da humanidade". Ainda sobre o que indica a OMS, considera-se uma pessoa velha a partir de 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento e, em países considerados desenvolvidos, acima dos 65 anos. Ressaltando a velhice como uma das fases do ciclo de vida, muitos estudiosos apontam, como argumento importante nos debates, fenômeno demográfico do envelhecimento populacional.

Sabe-se que envelhecer é um processo natural da vida, uma realidade inquestionável. O Brasil e o mundo se aproximam de um novo tempo, uma nova história protagonizada pela vivência e experiências de pessoas envelhecidas ao longo do tempo. Evidencia-se, portanto, um novo perfil da população idosa, tendo em vista a expectativa de vida dessa geração no século XXI.

Pesquisadores estudiosos e profissionais de distintas áreas do conhecimento consideram o estudo sobre a velhice e a terceira idade um tema muito debatido em nossos tempos. O interesse dessa gama de intelectuais sobre essa etapa da vida tem provocado o mundo científico e fomentado estudos relevantes sobre o fenômeno do envelhecimento populacional. De acordo com Leone, Maia e Baltar (2010), no início de seus estudos sobre a pessoa idosa, em 1970, não foi detectado um número satisfatório que evidenciasse grandes feitos com essa etapa da vida. Ainda segundo as abordagens dos autores mencionados, atualmente, há um campo diverso de profissionais que buscam novas pesquisas envolvendo essa área, denominada de velhice e terceira idade. Isso não só acontece na antropologia, mas há uma gama de outros profissionais conduzindo discussões a respeito dessa temática.

Em conformidade com Salgado (1998), outros estudiosos e pesquisadores que investem na área social precisam compreender e aprofundar, desconsiderando uma terminologia que se refira apenas à questão ideológica. Conforme Debert (1999) descreveu, a chamada terceira idade é, de fato, uma fase da vida do indivíduo considerada a etapa do envelhecimento. Para esse título de idoso, terceira idade ou mesmo velho, não há uma faixa etária estabelecida, visto que, para o autor, ela se diferencia de uma cultura para outra. O entendimento é que a velhice ou a terceira idade estão associadas ao mesmo contexto. Na linguagem do senso comum, a velhice remete à pessoa velha, aquela que chegou na fase final do envelhecimento. Dessa maneira, o termo terceira idade é considerado da mesma forma,

que, para a sociedade, tem sentido de leveza aceitável para chamar alguém de velho.

A filósofa Beauvoir (1976) realça a narrativa da velhice considerando algumas sociedades, em especial China antiga e Japão, que protegia seus idosos. Os chineses estabeleceram o poder centralizado e visto como autoritário e, para a autora, “a imagem da coletividade que deu a esta como base da família, toda casa devia obediência ao indivíduo mais idoso” (BEAUVOIR 1990, p.112). Provavelmente, naquela época, a pessoa idosa era vista como uma pessoa de poder celestial, considerando a longa experiência de vida, o que a colocava em espaço privilegiado, agregando valores.

Observa-se que, na idade antiga, os idosos eram considerados, por alguns, causadores de conflitos entre as gerações. Beauvoir (1990, p.122) afirmava que, outrora, a velhice era agregada à ideia de honra, sabedoria e experiência de vida. Descreve-se, ainda, que a longevidade outorgava direitos e poderes à geração dos idosos, como demonstra Beauvoir (1990, p. 136) ao evidenciar as afirmações do filósofo Aristóteles a seguir:

é preciso que o corpo permaneça intacto para que a velhice seja feliz; uma bela velhice é aquela que tem a lentidão da idade, mas sem deficiência. Ela depende ao mesmo tempo das vantagens corporais que se poderia ter e também do acaso. O declínio do corpo acarreta o do indivíduo inteiro.

Para Almeida (2005), na época Renascentista, por volta do século XVI, apareceram estudos indicando que a velhice era narrada, nesse período, como sinônimo de conquistas. Attias-Donfut (1991, p. 85) evidenciou um número reduzido de historiadores que apontam o século XVIII como “o nascimento do envelhecimento”, confirmando a velhice como uma idade sublime.

Debert (1999) ressaltou que a alta elite imperante da época considerava os idosos como pessoas sem muito valor, tratando-os com indiferença. Aproximadamente pela metade do século XIX, o quantitativo de pessoas velhas cresceu significativamente. Assim, não era possível ignorá-las, mas foram desestimadas e logo surge a percepção ambivalente da velhice.

O autor mencionado anteriormente ainda afirma que “esse movimento que marca a sociedade moderna, onde a partir da segunda metade do século XIX a velhice é tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais” (DEBERT 1999, p.14). Com o fortalecimento do capitalismo, em que o motor das relações produtivas e sociais torna-se o lucro, sobreveio a desvalorização social da pessoa idosa. O envelhecimento era compreendido como um processo natural do ciclo de vida e as alterações desgastadas pelo organismo eram vistas como normais nessa etapa da vida.

Entende-se que o envelhecimento compreende do nascimento ao fim do ciclo vital. Segundo cita Messy (1999, p.18), “se envelhece conforme se vive”. Considerando o termo

idoso referindo-se à pessoa de 60 anos ou mais, conceito instituído em 1962, na França, permutando entre velho e velhote, e oficializado mais tarde no Brasil para designar a pessoa idosa, sujeito do envelhecimento.

Diante desse conceito, Mascaro (1997, p.35) questiona se, “em nossos dias, uma pessoa de 60 anos, saudável interessada na vida produtiva, pode ser considerada velha? [...], mas, por outro lado, quantas pessoas aos 40 ou 50 anos já estão desgastadas, doentes e parecem tão velhas?”. A ideia da autora caracteriza um olhar crítico, procura definir essa faixa etária da vida e instituir padrões para envelhecimento.

Classificar uma pessoa como velha, para Neri (2001), começou, de forma ambígua e cronológica, a partir do nascimento, tendo em vista que “[...] idades funcionam como „relógios sociais“, estabelecendo agendas para o tempo e o ritmo esperados”. A autora enaltece a sua com Wagner (1985) que indica a velhice como um “estado de espírito”, vinculado por motivos diversos, envolvendo, por exemplo, a personalidade do indivíduo. Os estudos que buscam conceituar a velhice ou mesmo a terceira idade inferem que todas as tentativas são como voltar ao ponto de partida, porém de forma mais consistente.

O estudo sobre os significados de velhice, efetivado em 1997 e considerando faixas etárias, do ponto de vista da autora, não é antropologia, tampouco sociologia, haja vista que “essa pesquisa foi motivada pelo desejo de saber que tipo de definição etária os sujeitos utilizavam para avaliar o velho, a velhice e o envelhecimento. Agora sabemos que eles o fazem segundo os critérios sociais predominantes” (NERI 1991, p.88).

Diante dessa temática, Beauvoir (1990, p.17) apresenta uma reflexão crítica da velhice a seguir:

a velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo? Em que consiste este processo? Em outras palavras, o que é o envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança é uma mudança contínua? Caberia concluir daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É verdade que não. Semelhante paradoxo desconhece a verdade essencial da vida: ela é um sistema instável no qual se perde essa reconquista e equilíbrio a cada instante; a inércia é o que é sinônimo de morte. A lei da vida é mudar.

No entanto, o envelhecimento não é um processo homogêneo, visto que “[...] cada pessoa vivenciou essa fase da vida de uma forma, considerando sua história particular e todos os aspectos estruturais entre (seja de classe gênero e etnia) a elas relacionados como saúde, educação e condições econômicas” (MINAYO; COIMBRA JR., 2002, p.14).

O autor Groisman (1999) institui a velhice como classe social indicada pela invalidez e decaída física, bem como os de outros direitos conquistados, e um resultado importante do crescimento demográfico da população mundial social. Os autores Debert (1999) e Groisman

(1999) apontaram os anos de “1960 e 1970” como um período fortemente marcado pelo reconhecimento do sentido social da velhice e conquista de maior visibilidade para as pessoas que participam desse grupo etário. Logo, verifica-se que a temática do envelhecimento e longevidade humana subsiste desde a antiguidade, na perspectiva infinita da juventude.

Nos últimos tempos, a temática do envelhecimento e longevidade humana teve maior visibilidade, considerando o crescente número populacional de idosos em todo o mundo e, também, por ser um instrumento de estudo acadêmico. Desse modo, a partir de uma análise da velhice e do envelhecimento nas culturas primitivas, subentende-se que a velhice era vista de várias formas, sem algo pré-estabelecido.

Outrossim, faz-se importante abordar a perspectiva de Papaléo Neto (2002, p.10), que conceitua o envelhecimento como sendo “um processo dinâmico e progressivo” e enfatiza as perdas e os ganhos que o indivíduo passou a encarar, conforme as mudanças que ocorrerem no percurso da vida, considerando aspectos físicos, psicológicos e biológicos.

Para Silva(2009, p.12), o envelhecimento é um processo natural e gradativo, constituindo parte do ciclo biológico da vida. “Ele é inerente a todos os seres vivos: começa no nascimento, prossegue com o desenrolar da vida e termina com a morte”. Em contrapartida, Messy(1999, p.28) apresenta outro aspecto ao afirmar que “A velhice não é um processo como o envelhecimento, é um estado de espírito, um estado que caracterizou a oposição do indivíduo idoso”. A curta estadia no Novo Mundo fez bem ao sentimento da minha autoestima. Na Europa me sentia proscrito, aqui me via acolhido pelos melhores como um igual”.

Mucida (2006, p.32), ao relatar o avanço de sua idade, se diz velho, porém não percebe ausência de relações interpessoais ou redução do desejo de progredir em diferentes áreas. Assim, evidencia-se que a idade não possui ou limita a idade. Para enfatizar essa observação, a autora cita sua mãe de 81 anos de idade que diz:

para mim, a velhice é mais uma experiência, sinto-me mais segura com o que quero. Para outros, ela se queixa de doenças e o pensar na morte. Até hoje não acredito em velhice; estou velha de idade, de corpo, mas não me sinto velha, não uso a expressão „é a idade“. Não gosto de falar de velhice e idade; alguns que, com 50 anos se dizem velhos, talvez achem mais cômodo falar e pensar assim. Acho que não existe a velhice e, se existe, ela pode ser uma acomodação: se não posso comer uma coisa, como outra, se não posso fazer uma coisa, faço outra. Sinto-me mais segura, posso ensinar mais às pessoas, posso doar mais.

Dessa maneira, a velhice impõe ao sujeito revisitar seu jeito de ser no ambiente de convivência e as relações intergeracionais. Por isso, o processo de envelhecimento deve ser vivido ativamente (OMS, 2005). Sob essa perspectiva, com base na organização Mundial de Saúde, os pilares em que se ampara o envelhecimento ativo são a saúde, a segurança e a

participação. É considerável destacar que a OMS agrega ao termo “ativo” não apenas o bem-estar físico. Para essa agência mundial, envelhecer ativamente é um objetivo alcançado quando os órgãos responsáveis visam “aumentar a expectativa de vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas” que estão nesse percurso (OMS, 2005, p.13).

A OMS reconhece o termo envelhecimento ativo e a perspectiva de que a pessoa idosa é um sujeito participativo socialmente na contemporaneidade. Dessa maneira, envelhecer é um processo dinâmico e integrado à vida, mantendo práticas favoráveis vinculadas às políticas públicas direcionadas à economia, segurança, inclusão e participação nos segmentos sociais. Com isso, a saúde deve promover e realizar serviços que atendam o bem-estar e os elementos mental e social da mesma forma que se enfatiza a relevância física ao longo do ciclo da vida Almeida (2005). Desse modo, os descritores relacionados ao envelhecimento ativo indicam “qualidade de vida”, “comportamentos saudáveis” e “autonomia pessoal” como fatores primordiais conforme observado no Pilar da Saúde descrito oficialmente pela Organização Mundial de Saúde.

### **Envelhecimento Populacional do Brasil**

O século XXI é marcado por desafios, imprevisibilidades e incertezas em todas as esferas da vida humana e impactam a área da saúde de forma significativa. Referimo-nos ao aparecimento de novas doenças, bactérias resistentes a antibióticos, mudanças climáticas, crescimento dos cânceres e muitas outras. Mas o fenômeno do envelhecimento populacional é um crescimento vertiginoso de pessoas com 60 anos de idade ou mais e que trará muitas oportunidades para diversas áreas da saúde.

No Brasil, a previsão da OMS é que o País ocupará, até 2025, o sexto país do mundo em número de idosos. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE- reafirmam o acelerado envelhecimento da população brasileira nas últimas quatro décadas. Em 1970, esse grupo etário correspondia a 5% da população total, em 1980, 6%, em 1990 7%, em 2000, 8% e com previsão de 15% para 2025.

Em relação à expectativa de vida, no final dos anos de 1980, esse índice era de 66 anos, alcançando 68,6 anos no ano 2000 e ultrapassou os 72 anos em 2020. O envelhecimento populacional ocorre quando há redução das taxas de fertilidade e de mortalidade, favorecendo o acréscimo da longevidade. Assim, a questão do envelhecimento envolve aspectos cronológicos, biológicos, sociais, culturais, econômicos e psicológicos na perspectiva da melhoria e manutenção da saúde e da qualidade de vida do idoso.

Diante disso, torna-se imprescindível a implementação de políticas públicas que priorizem a prevenção e promoção da saúde, intervindo no foco nas doenças. Além de respostas concretas e abrangentes das políticas públicas, destacamos a oportunidade da formação de profissionais na geriatria e gerontologia, para a atuação em equipes multiprofissionais, humanização e ética no atendimento e tratamento dos idosos.

É relevante mencionar que o Brasil, por muito tempo, foi conhecido como país do futuro, em função do grupo etário de crianças de 0 a 14 anos de idade, cuja população era expressiva diante da população jovem, adulta e idosa. Entretanto, é visível o declínio do nascimento dessa faixa etária, que acontece de forma progressiva.

Conforme Lebrão (2007), o cenário do Brasil não é mais de um país onde a juventude predominou por várias décadas, visto que o tempo fez com que nós nos tornássemos idosos.

Camarano (2002) mencionou que o processo de envelhecimento já foi evidenciado mundialmente, demonstrando o número expressivo da população idosa em relação aos outros grupos etários. Ademais, o autor Moreira (2001) ressaltou que o envelhecer de uma população significa o crescimento populacional ampliado de pessoas idosas.

Segundo Carvalho e Garcia (2003), o processo do envelhecimento de um povo constitui modificação estrutural etária do aumento significativo de pessoas de 60 anos ou de 65 anos de idade.

No tocante à qualidade de vida das pessoas idosas, Camarano (2004, p. 86) anunciou que:

no futuro, os idosos terão melhores níveis de escolaridade e participação ativa na vida social e cultural. Tais características podem afetar positivamente as condições de saúde e bem-estar dos idosos apontando para um cenário positivo que dependerá, no entanto, de políticas públicas centradas na promoção da Saúde desde as primeiras idades.

A repercussão do declínio da mortalidade e, conseqüentemente, da fecundidade no envelhecimento populacional do Brasil foi percebida, ainda, no final do século passado, o que tem elevado o crescimento do povo idoso no Brasil. A respeito disso, Moreira (1998, p.2) expressa que:

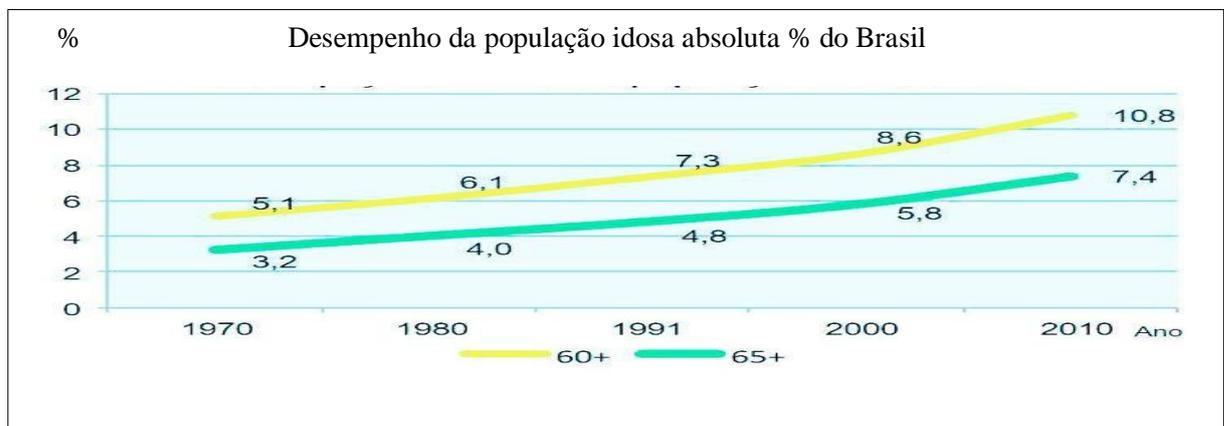
a queda da mortalidade brasileira que beneficiou proporcionalmente mais aos recém-nascidos reduzindo-se mais fortemente a mortalidade infantil combinada com os níveis de fecundidade ainda por algum tempo relativamente elevados fez com que o envelhecimento da população brasileira mensurado pelo aumento da população idosa acima de 60 anos, ... a população jovem - só se tornasse uma realidade social mais palpável já nas décadas finais do século XXI.

Os níveis de fecundidade e mortalidade, nas últimas décadas, vêm intercorrendo de forma intensiva e acelerada. Diante desse cenário, Oliveira (2015) reitera sobre a transição

demográfica como importantes mudanças e processos referentes à população, entre os quais se destaca o envelhecimento populacional.

O comportamento demográfico, visto como novo para o Brasil, consiste na diminuição do nascimento de crianças e no declínio de mortes, o que indica que o envelhecimento está em alta na população brasileira. A figura 01 indica o crescimento da atuação de pessoas idosas com mais de 60 anos da população do Brasil no decorrer dos anos e é nítido que há uma tendência de ascensão do grupo etário de idosos na totalidade da população brasileira.

**Figura 01-** Desempenho da população idosa absoluta do Brasil, entre os anos: 1970 a 2010



**Fonte:** Dados do IBGE - Censo 2000 e 2010

Observando os dados de 1970, percebe-se que a população idosa era marcada pela vulnerabilidade econômica vivida pelos idosos, considerando a expectativa de vida não tão satisfatória. Devido a isso, a pessoa idosa vivia em um cenário suscetível a condições sociais precárias.

Outrossim, o Brasil passava pelo processo de transição demográfica, período em que o crescimento de fecundidade era considerado alto e a população jovem se elevava nas estatísticas. Nesse cenário, o Brasil, no que se refere ao social, passava por dificuldades, tendo em vista o expressivo número de famílias. Nesse ínterim, houve redução da população idosa em todo o território.

O crescimento da população idosa, no Brasil, está relacionado à queda constante da taxa de fecundidade. Conforme o IBGE (2008), o Brasil mostrará crescimento de sua população favorável até 2039. Em 2019, esse crescimento foi constatado negativo. Segundo projeções do órgão, em 2050, a população de pessoas idosas, no Brasil, ultrapassará o número de crianças em todo o território, chegando a ser um dos países mais envelhecidos mundialmente. Com a redução do nascimento de crianças, o processo de envelhecimento tornou-se mais evidente, haja vista que a nova população de criança não é capaz de substituir,

demograficamente, a população economicamente ativa, de modo que é mais nítida a diferença entre a quantidade de adultos e idosos em relação ao número de crianças e adolescentes no cenário atual.

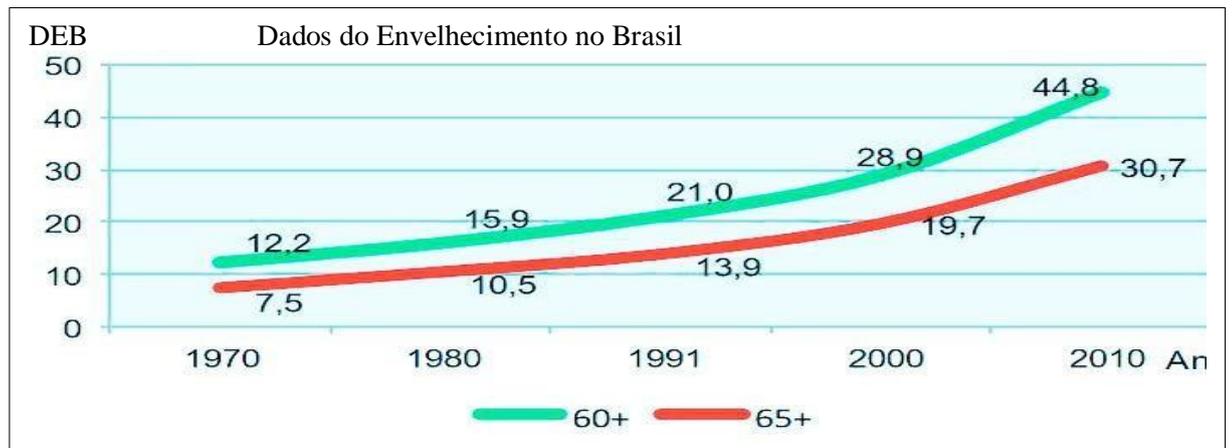
O autor Carvalho (2003) enfatiza o declínio da fecundidade e crescimento da população idosa em todo o país. Em conformidade com essa constatação, Alonso (2010) indica que o envelhecimento da população do Brasil é heterogêneo, espelhando o quanto as desigualdades regionais têm contribuído para que mais pessoas envelheçam mais rapidamente, porém de maneiras distintas. A respeito disso, Kalache (1987, p. 219) indica os impactos do crescimento da população idosa em território brasileiro:

o envelhecimento da população brasileira é um fato irreversível e que deverá se acentuar no futuro próximo imediato. O impacto dessa Nova ordem demográfica é imenso sobretudo quando se observa que os fatores associados ao subdesenvolvimento continuarão se manifestando por todo o tempo difícil de ser definido.

Com a redução do número da mortalidade, houve um aumento na longevidade e, com isso, o Brasil demonstra ascendência de pessoas idosas a partir de 80 anos de idade. Assim, o Brasil envelhecerá de forma acelerada, diminuindo o grupo etário de crianças e aumentando a população idosa, considerando a boa expectativa de vida desse grupo etário. Conforme os autores Carvalho e Wong (2003): “Nas próximas décadas o declínio da mortalidade no Brasil se concentrará provavelmente nas idades mais avançadas. Esse sim terá como feito uma aceleração do processo do envelhecimento”.

Na figura do gráfico 02, verifica-se a predisposição do processo do envelhecimento progressivo do País e, mediante análises e evidências sobre esse fenômeno, demonstra-se o número de pessoas idosas comparado ao número de 100 crianças. Esses indicativos durante os anos mostraram que o número da população idosa cresce aceleradamente, comparando ao número de crianças.

As estatísticas sobre o envelhecimento quase quadruplicaram entre 1970 até 2010. Nesse sentido, percebemos um processo gigantesco de diminuição de crianças e verifica-se que o número de pessoas idosas está constantemente aumentando. Apresenta-se, a seguir, o índice que aponta a população com idade de 60 anos ou mais com 44,8% em 2010, isto é, para 100 crianças no ano 2019, existiu, no Brasil, aproximadamente, 44 pessoas idosas.

**Figura 02** - Dados estatísticos do envelhecimento populacional do Brasil -1970 a 2010

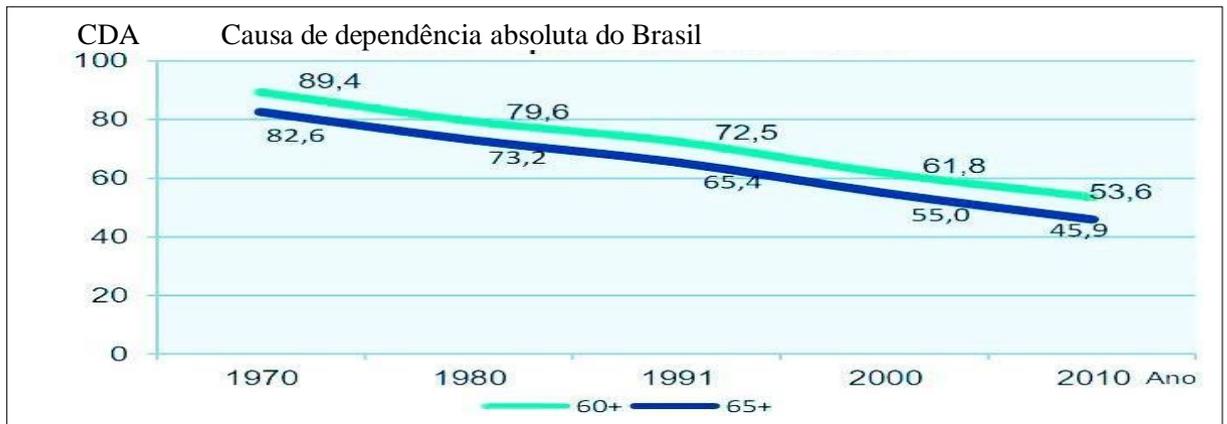
**Fonte:** Dados do IBGE - Censo 2000 e 2010

Desde a década de 1970, o Brasil participa de uma mudança na organização dos três grupos etários populacionais que impactam radicalmente a economia brasileira.

Conforme Vasconcelos e Gomes (2012), o Brasil, em 1970, inicia verdadeiramente a chamada redução demográfica com a baixa taxa de fecundidade, natalidade e mortalidade, tendo em vista a ascensão da expectativa de vida. Essas mudanças motivaram importantes transformações estruturais e etárias do país, devido ao crescimento expressivo da população idosa e à diminuição do número de crianças.

Ainda no início dos anos de 1970, houve declínio significativo em relação quantitativa de pessoas com idade de 15 anos ou menos, em relação à população de idade entre 59 e 64 anos esses. Devido a isso, não entraram no indicativo de não participantes de forma direta da População Economicamente Ativa (PEA) do país, tendo em vista que necessitavam dos grupos em idade ativa.

O indicativo do crescimento total da população idosa no Brasil apresenta-se na figura 03, demonstrada abaixo, considerando que, na década de 1970, o motivo da dependência em sua totalidade representava declínio seguidamente, efeito das modificações da partilha dos três grupos etários. Economicamente, o motivo do declínio de dependência, para o Brasil, caracterizava a oportunidade de crescimento, considerando quantitativo de jovens em produtividade, mesmo com a redução da representatividade de crianças. Apesar do crescimento numérico de pessoas idosas, os impactos são superáveis, tendo em vista a parcela de jovens que o país evidencia.

**Figura 03** - Causa de dependência absoluta do Brasil - 1970 a 2010

Fonte: Dados do IBGE - Censo 2000 a 2010.

Observando a pirâmide na década de 1970, sua aparência tradicional característica de países subdesenvolvidos se direciona para um novo contexto, o qual se assemelha a de países mais desenvolvidos.

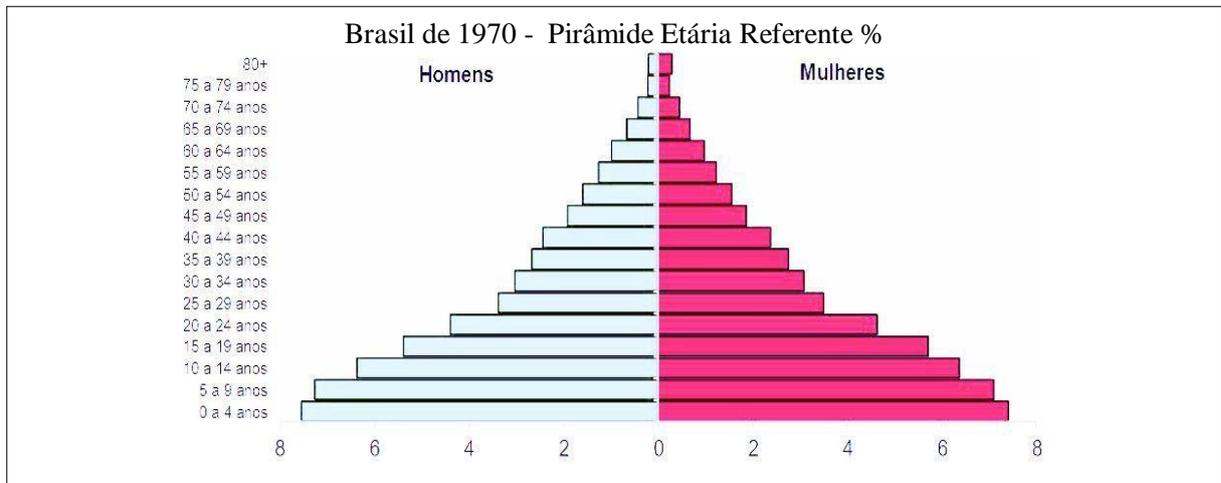
Para Camarano (2004), o período indicado conveniente para crescimento do Brasil, com declínio demonstrado pelo motivo de independência de crianças e pessoas idosas, já indicava a realidade que seria no ano de 2020. Considerando a partir do mesmo ano, a redução de quantitativo de jovens produziria importantes impactos em função do número de jovens e da idade ativa, bem como o aumento de número de idosos.

É importante ressaltar que a PEA do Brasil está em crescimento e permanecerá desse modo até 2025. Nesse entendimento, Vasconcelos e Gomes (2012, p. 548) desenham o estágio do Brasil na transição demográfica como:

momento atual da transição demográfica proporciona ao país condições muito favoráveis. É o chamado bônus demográfico. Esse momento especial, que toda a sociedade experimentou e deverá experimentar, caracteriza-se pela redução da razão de dependência e sua relação com a proporção de população em idade ativa (15 a 59 anos). O impacto da redução do componente juvenil da razão de dependência ainda não foi superado pelo aumento do componente de idoso.

Por fim, Agich (2008) indica que o processo do envelhecimento se encaminha como um dos grandes desafios da contemporaneidade. Por isso, faz-se necessário um cuidado especial antecedente para haver coerência social entre as gerações.

Outro cenário que deve ser evidenciado nas décadas de 1970 e 2010, diz respeito às modificações dos grupos etários nacionais. Nos gráficos a seguir, especificamente na pirâmide do gráfico 01, há um comparativo entre as pirâmides, indicando o ordenamento de diversos grupos etários por sexo no Brasil nas referidas décadas.

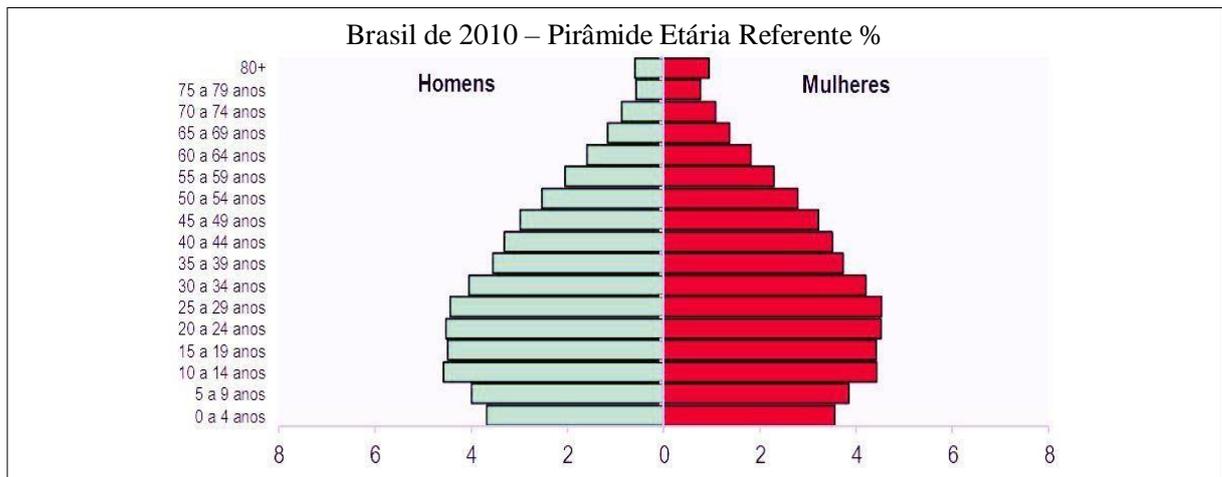
**Gráfico 01 - Brasil de 1970 – Pirâmide Etária**

**Fonte:** Dados do IBGE – Censo de 1970.

Nessa mesma época, a pirâmide etária avaliava os procederes demográficos da época, considerando os indicativos predominantes de fecundidade do país. A pirâmide já indicava e possuía a aparência típica de países com baixa rentabilidade econômica e social. Por si só, o cenário socioeconômico da época do país já refletia sobre a atitude demográfica da população.

O alto índice de natalidade impactava no tamanho das famílias. Dessa forma, esse grupo etário indica a base bem expandida da pirâmide, tendo em vista os grupos etários de crianças e jovens da população. A pirâmide indicava que a base e a parte mediana demonstravam elevação, e seu ápice era estreitado, por motivo do pequeno número de pessoas.

Notadamente, no ano de 2010, data do último censo demográfico, as modificações e estruturas etárias da população brasileira acompanharam o mesmo trajeto de declínio das barras de representatividade do grupo etário das crianças e o ampliamiento das barras que caracterizaram o grupo etário dos jovens, adultos e pessoas idosas. A pirâmide do gráfico 02 indica dessemelhança em relação à pirâmide 01. A configuração da pirâmide etária 02 demonstra o país em modo de transição.

**Gráfico 02 - Brasil de 2010 - Pirâmide Etária**

**Fonte:** Dados do IBGE – Censo de 2010.

Observa-se, ainda, o encolhimento da base, declínio de natalidade, avolumamento no centro da pirâmide e representatividade da pessoa idosa. Já, em 2010, a pirâmide etária aparece avaliando as modificações e procedimentos demográficos em um cenário econômico de impactos culturais e organizações dos grupos etários por idade, além do declínio da base da pirâmide, consequência da baixa natalidade, e o número de idosos e adultos expandido.

Com a redução da taxa de fecundidade e do número de crianças, a mortalidade em declínio e o aumento da estimativa na expectativa de vida, a população tornou-se mais envelhecida. O cenário, no país dos anos 70, indicava o início da transição demográfica. Por outro lado, o cenário atual indica avanços concebíveis perceptíveis na expectativa de vida e aumento da população idosa. Com esse desenho, o Brasil caminha para seu alicerçamento populacional. Desse modo, o envelhecimento é nítido, como afirmam Freire (2015) e Kalache *et al* (2020, p.2), respectivamente, nas citações a seguir:

somos moços na medida em que lutando vamos superando os preconceitos. Somos velhos se apesar de termos apenas 22 anos arrogantemente desprezamos os outros e o mundo.  
Reconhecimento da importância da luta pelos direitos das pessoas idosas se dá mediante o cenário brasileiro atual no qual se envelhece [...] mal e preconceito.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005) destaca que o envelhecimento da população consiste em uma das maiores conquistas humanas, pois é a primeira vez, na história, que a maior parte das pessoas pode ter expectativa de vida acima dos 60 anos de idade. Contraditoriamente, esse processo representa um dos grandes desafios contemporâneos, principalmente, na área da saúde, em seus sistemas, orçamentos e profissionais. Assim, há a exigência de compreensão do fenômeno do envelhecimento em toda a sua complexidade por parte dos responsáveis pela implementação e gestão das políticas

públicas de saúde, pelos gestores das instituições e pelos profissionais da área.

Essa compreensão é urgente, visto que possibilitará a identificação e adoção de novos paradigmas de atenção à saúde do idoso, voltados à superação dos modelos assistenciais vigentes, que são centrados na doença. Entretanto, a implementação de políticas públicas voltadas ao enfrentamento dos efeitos deste fenômeno tem se apresentado de forma problemática, principalmente, pela constatação da crise política dos setores da saúde e previdência (GOLDMAN, 2000).

Dessa forma, a realidade brasileira não se encontra preparada para absorver, minimamente, essa demanda posta pelo envelhecimento populacional, ou seja, o envelhecimento saudável e a ampliação das oportunidades que emergem do aumento da longevidade estão condicionados a um fator central: a saúde. Diante disso, o Brasil precisa refazer caminhos e redirecionar políticas públicas para priorizar atendimento à pessoa idosa.

Portanto, é necessário rever e fortalecer o sistema de ensino, com o intuito de qualificar, especialmente os profissionais da área da saúde, para o trabalho, aumentar investimentos em políticas públicas e em tecnologias para ofertar saúde e qualidade de vida, manter e melhorar os programas de alimentação saudável, criar uma cultura de práticas esportivas e fazer intervenções necessárias para toda população. Desse modo, caminhando nesta direção, certamente, teremos um Brasil inclusivo para todas as gerações.

### **Intergeracionalidade**

O processo de envelhecimento populacional vem apresentando crescimento em diversos países, ainda que em ritmo e tempo diferentes e essa é uma realidade iminente desde o século XIX. Devido a isso, é preciso reestruturar a sociedade, resultando na integração e nas relações intergeracionais desses sujeitos no contexto da contemporaneidade, considerando, além disso, o rápido fluxo das renovações tecnológicas, econômicas, sociais e culturais que qualificam o tempo de hoje e ressoam nas relações firmadas entre pessoas de gerações diferentes, com ênfase na definição de geração segundo Debert, (1998, p.60), isto é, que "não se refere às pessoas que compartilham a mesma idade, mas às que vivenciaram determinados eventos que define trajetórias passadas e futuras" .

As relações intergeracionais, de acordo com Lopes (2021), alcançam vários aspectos, que envolvem elementos como: família, trocas de experiências, dependência, benefícios e conflitos em função das relações sociais que acontecem entre pessoas, independente da geração. Moragas (1997) define que os vínculos intergeracionais acontecem entre sujeitos

ligados a diferentes gerações, mas que comungam os mesmos acontecimentos históricos, culturais e sociais.

Há pouco tempo, as relações intergeracionais receberam uma voz de destaque importante, principalmente, as que envolvem pessoas velhas. Nesse sentido, o destaque tornou-se a velhice que, de certa forma, ganhou visibilidade no cenário científico e político, considerando as mudanças ocorridas, tirar demograficamente em nível mundial, com o resultado do crescimento considerável da população velha no mundo (LOPES, 2000).

Relações de gerações nas palavras de Magalhães, (2000, p.37):

as gerações são mais que cortes demográficos. Envolvem segmentos sociais que comporta relações familiares, relações entre amigas e colegas de trabalho, entre vizinhos, entre grupos de esportes, artes, cultura e agremiações científicas. Implicam estilos de vida, modos de ser saber e fazer, valores, ideias, padrões de comportamento, graus de absorção científica e tecnológica, comporta memória, ciência, lendas, tabus, mitos, referências religiosas e civis.

Desse modo, a Intergeracionalidade está associada às relações sociais e, em geral, não se limita a pessoas novas ou velhas, mas acontece em qualquer lugar, em diferentes grupos sociais e entre distintas gerações (TEIGA, 2012). A forma como a juventude saudável percebe os idosos, para Agich (2008), impacta na maneira como a sociedade se comporta diante dessa população. Segundo ele, os sinais empíricos propõem que essas formas de entendimento são motivadas socialmente, mesmo que ainda não sejam, necessariamente, determinantes.

Ao se falar em relacionamento e desenvolvimento humano, Agich (2008) descreve que é o afeto que conecta pai, filho e, posteriormente, os sujeitos do mundo. A vida humana representa o desenvolvimento humano, que considera eventos primordiais que envolvem a interdependência.

Para Ramos (2011), sempre quando nos referimos às relações intergeracionais agrega-se, normalmente, uma vivência entre jovens e idosos. Entretanto, o autor indica realidades existentes no núcleo familiar e na própria sociedade, ou seja, vários tipos de Intergeracionalidade juntamente a outros componentes. O autor menciona casos de uma família em que existem três gerações: avós, mãe e filhos, além de trabalhadores em uma empresa, no próprio lar, outros cenários em que podem conviver as gerações de 60,70, 80 e 90 anos.

Alguns autores apresentam a intergeracionalidade como uma interação planejada coletiva entre indivíduos de várias idades, vivendo distintos períodos da vida em distintas circunstâncias, tendo como convicção a equidade e solidariedade. Neri (2005) estabelece o marco conceitual intergeracional, sendo o termo usual para designar as relações que acontecem entre pessoas de diversas gerações. Isso colabora para certificar um novo

significado para a velhice, que passa a ser vista de modo mais suave e estimulador. Confirmando essa concepção, Kachar(2001) afirma que a escola indicada para idosos ensina a reexaminar o que esse grupo pensa e cria laços, preparando-os para uma nova referência da velhice, um período da vida que pode ser produtivo, no qual os indivíduos partilham outros grupos intergeracionais.

Desfazer preconceitos, considerados relevantes, para que os sujeitos compreendam a importância da pessoa idosa e do adolescente-jovem, é uma atividade que deve ser refletida e priorizada. Aprimorar a forma de lidar com direitos individuais relacionados à criança, ao adolescente, aos jovens e às pessoas idosas demanda empenho continuamente de todos e é um trabalho que envolve não somente o governo, mas uma luta de todos. Enfatizando, assim, as palavras de Freire(2003, p.34):

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis, na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consequência de sua inclusão é que gerou sua educabilidade.

O conceito de Intergeracionalidade associa-se às relações sociais e não, necessariamente, limita-se à infância e aos idosos, visto que essas relações acontecem em outros espaços: na família, mercado de trabalho, igrejas e universidades, dentre outros, somando indivíduos de gerações diversas (TEIGA, 2012).

De acordo com Ribeiro e Paúl (2011), as vivências entre humanos são requisitos que embasam e realçam nosso agir: "[...] as nossas relações são as âncoras em que estruturamos as nossas prioridades, em uma convivência harmoniosa com os outros e nos faz sentir seguros, apoiados e compreendidos, contribuindo para a definição da nossa identidade, pois aquilo que pensamos de nós contribui para a imagem que vamos construir de nós próprios”.

Esse cenário de representatividade da Universidade da Maturidade institui-se como espaço de promoção das relações intergeracionais do ser humano e da condição humana. O projeto UMA, como proposta pedagógica inovadora, promove qualidade de vida, oportuniza aprendizagens significativas e proporciona troca de experiências vividas ao longo da vida, sobretudo, no sentido de resgatar valores éticos e culturais que a sociedade brasileira negou no decorrer do tempo. Portanto, é necessário que essa geração tenha voz e oportunidade, por isso a UMA é um ambiente indicado para ouvir histórias, expressar sentimentos dessa população e favorecer o encontro de gerações.

### **Educação Intergeracional: aprendendo com o outro**

A educação intergeracional não é um fato novo, considerando que as gerações mais velhas sempre educaram as mais novas. Desse modo, o aprendizado acontece entre elas, no entanto, somente há pouco tempo que se despertou o interesse por parte dos estudos em conceituar e investigar prováveis consequências de ordem social, histórica, cultural, geracional, econômica e tecnológica, que constituem o corpo social contemporâneo.

Na perspectiva do aprender com o outro indivíduo, considera-se importante, no processo de envelhecimento saudável, um meio de fortalecer as relações entre os diferentes pensamentos contemporâneos. Ressalta-se que a literatura traz definições e conceitos de educação intergeracional, que também pode ser conceituada como aprendizagem intergeracional. Dessa forma, a educação intergeracional, estabelecida segundo Sáez (2002, p. 104), diz respeito a:

processos e procedimentos que se apoiam e se legitimam enfatizando a cooperação e integração entre duas ou mais gerações, assegurando a apostila de experiências conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, com o fim de aumentar os respectivos níveis de autoestima e auto realização pessoal. Objetivo é mudar e transformar-se no aprendizado com o outro.

O autor considera a educação intergeracional um processo que auxilia na superação de estereótipos desfavoráveis mediante a idade do indivíduo. Por outro lado, Garcia (2002, p. 21) evidencia que a educação intergeracional significa obter determinados comportamentos e atitudes a fim de se instruir outras aprendizagens.

O mesmo autor indica que a educação intergeracional é "um diálogo de culturas, com base em campos motivacionais comuns, tentando descobrir os valores simbólicos conducentes ao enriquecimento de projetos de vida em diferentes grupos". Há pouco tempo, Mannion (2012, p. 397) expõe um conceito em que busca abranger a profundidade conceitual de quê:

Educação intergeracional (a) envolve pessoas de duas ou mais gerações na participação de uma prática comum que acontece em alguns lugares; (b) envolve diferentes interesses entre gerações e pode ser empregue para melhorar o indivíduo, a comunidade, o ambiente através da resolução de algum problema ou desafio; (c) exige disposição de que a gerações cada vez mais separadas comuniquem reciprocamente (por meio de atividades que envolvem consenso, conflito, ou cooperação), com a esperança de que se originem e partilhem novos significados, práticas e lugares intergeracionais, e (d) exige disposição de ser sensível aos lugares e uns aos outros, de forma continuada.

Nesse cenário, que desponta do lugar de experiência da Educação Intergeracional, entende-se que esta acontece no meio de pessoas de distintas gerações, sem que, necessariamente, possuam laços familiares entre si. Dessa forma, a referida educação pode acontecer nos espaços educacionais formais e não formais.

No cenário internacional, verifica-se que o diálogo a respeito desse assunto tão importante ganhou destaque em 1993, época em que foi celebrado o Ano Europeu de Solidariedade das Gerações. Esse evento apresentou demandas importantes sobre as velhas estruturas sociais, do ponto de vista econômico e profissional, almejando um futuro promissor para todos, independentemente da idade. Com um olhar sobre a temática de Educação Intergeracional, esse evento importante, ocorrido em 2002, chancelou o Plano de Ação Intergeracional para o Envelhecimento em Madri -PAIEM.

Observando dez anos após esse evento, precisamente em 2012, foi declarado como o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Sociedade Intergeracional. A partir dessa data, os países de todo o mundo passaram a fomentar as atividades relacionadas à Educação Intergeracional, com o propósito de unir pessoas de diferentes gerações e compartilhar aprendizagens. Conforme Villas-Boas *et. al.* (2017, p. 2), a educação intergeracional colabora para:

[...] Melhorar as relações intergeracionais; gerar mais respeito mútuo entre as gerações; aumentar a reciprocidade entre as gerações; aumentar a participação e implicação dos indivíduos na comunidade e sociedade; diminuir o declínio cognitivo que normalmente acontece com o processo do envelhecimento, aumentar o bem-estar e a qualidade de vida dos indivíduos, aumentar a coesão social; estabelecer redes sociais de apoio social que favoreçam a integração social, promover a educação para a saúde a educação cívica, a educação familiar, a educação ambiental, entre outros aspectos [...].

As tecnologias são ferramentas importantes para impulsionar as relações de Intergeracionalidade, tendo em vista que os jovens são possuidores de maior conhecimento tecnológico, podendo contribuir ensinando aos mais velhos (SANCHEZ MARTÍNEZ KAPLAN E BRAULEY, 2017). A aprendizagem no percurso da vida deve facilitar de forma satisfatória para que a pessoa idosa possa viver de maneira saudável e ser envolvida na sociedade, além de proporcionar aos mais novos reflexão sobre o processo de envelhecimento (VILLAS-BOAS *et. al.*, 2016). Desse modo, é perceptível que aprender por meio das tecnologias deve abranger diversas gerações, de forma que promova inclusão social e digital para idosos venha e estreite laços de confiabilidade (BEHAR *et. al.*, 2013).

Considerando o que foi abordado, conforme a concepção de Marques (2016), o encontro entre gerações é uma oportunidade de oferecer a ambos a experiência de um vínculo significativo, transformador e integrador. Quando nossa sociedade possibilitar que as diferentes gerações tenham mais pontos de encontros e de convivência, somente então conseguiremos resgatar, gradualmente, o sentido de viver em comunidade.

### **O idoso no cenário da Universidade da Maturidade – UMA/UFT**

A Constituição Federal de 1988, dentre outros marcos constitucionais, como a Lei nº 8.842/94, “dispõe sobre a Política Nacional do Idoso Lei 10.741/2003, cria o Estatuto do Idoso estes, apontam de modo inquestionável a importância ao atendimento geral do direito da pessoa idosa ter uma velhice decente, ativa e de respeito”.

A Lei nº 9394/96 - Título I - Da Educação - Art. 1º - infere que “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e manifestações culturais”. Nesse viés, para fomentar a aprendizagem, inclusive, os Artigos 37 e 38 - EJA - estabelecem educação para jovens e adultos. Esses marcos constitucionais apresentam a importância de pensar a educação com como instrumento indispensável na vida do idoso, haja vista que o processo educacional possibilita ao idoso condições de bem-estar e melhor qualidade de vida.

Em consonância a essa perspectiva, Guimarães (1997) assevera que o idoso é tratado sobre a tutela constitucional enquanto categoria de pessoa fragilizada perante a sociedade e, portanto, merecedora de maior proteção. A Universidade da Maturidade representa o espaço de uma educação intergeracional, possibilitando a construção de novos conhecimentos entre gerações. Desse modo, destacam-se as universidades públicas e as instituições particulares, de forma que o diálogo propicia o fortalecimento do processo do envelhecimento como “A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato ninguém passa dez horas sem nada aprender” (MÉSZÁROS, 2008, p. 47).

A UMA é uma instituição acolhedora de sonhos, de partilha e de bem querer. É um projeto pedagógico envolvente que permite a troca de experiências e conhecimentos, evidenciando o idoso como protagonista de todo o processo. É nesse espaço que o idoso aprende e reaprende com o outro, por meio das experiências entre gerações, haja vista que "os programas educacionais para idosos funcionam como instrumento para prolongar a, até a terceira idade, o processo de sociabilização que se inicia na infância, atravessa a adolescência, atingir a idade adulta e o envelhecimento" (CACHIONI, 1999).

Conforme enaltece Osório (2013):

a Universidade da Maturidade - UMA/UFT hoje é renovada a atitude de “ser velho”. Esta instituição evidencia um diferente estilo de vida para as pessoas com idade, a partir dos 45 anos. Apresenta também uma variação nas formas de envelhecer ativamente e com cidadania no século XXI, destacando esse momento histórico, onde a ousadia tecnológica patrocina a longevidade humana.

A referida Universidade da Maturidade é considerada um espaço onde se semeiam memórias, além da multidisciplinaridade de atividades mentais e socioculturais, bem como cuidados sobre a saúde. Devido a isso, foi solicitado, pela comunidade, a implantação de um polo da UMA para o Município de Paraíso do Tocantins, localizado na região central do Estado, à margem da BR 153.

É relevante mencionar que com a construção da rodovia Belém-Brasília (BR-153), veio o impulso do progresso, a esse Município, levando-o em pouco tempo à categoria de Distrito, sob a denominação de Paraíso do Norte, por meio da Lei Municipal de Pium N° 01, de 22 de fevereiro de 1963.

Pela Lei do Estado de Goiás n° 4.716, de 23 de outubro do ano corrente, o Distrito passou à categoria de Município, sendo instalado em 1° de janeiro de 1964. Por meio do Decreto Legislativo n°, Art. 4°, de 1° de janeiro de 1989, publicado no D.O./TO n° 01, o Município passou a denominar-se Paraíso do Tocantins.

A história de Paraíso do Tocantins entrelaça com a história da implantação do polo da Universidade da Maturidade-UMA/UFT em Paraíso. A narrativa histórica mergulha no passado, aflora a memória de edificação de um território e propicia aos acadêmicos da UMA, construir uma nova história coexistente entre si.

Com a implantação do polo da Universidade da Maturidade em Paraíso do Tocantins, surgem muitas oportunidades, colocando os idosos em condição privilegiada no tocante às políticas públicas indicadas à pessoa idosa nesse espaço educacional permanente para idosos, além de retratar o legado de valorização humana. Assim, o idoso deve ser inserido na sociedade, legitimando-se o seu conhecimento e experiências adquiridas no correr dos anos.

Como afirma Haddad (2007, p.26) “Negar o direito à educação, e negar o próprio sentido da humanização, é descaracterizá-lo, desnaturalizá-lo”. Em consonância a esse princípio, o contexto social de inclusão de pessoas idosas, no processo educacional da UMA, propicia autonomia e a troca de experiências entre gerações, com isso, o preconceito passa a ser irrelevante e, geralmente, indicando qualidade de vida, para essa população. O acadêmico da UMA é uma pessoa capaz de gerenciar sua própria vida, com qualidade e bem-estar. Por isso, pode-se afirmar que esse espaço oportuniza criar vínculos de amizade, ensinar e aprender com o outro, além de gerar seu próprio conhecimento.

A educação ao longo da vida deve ser considerada um estímulo ao conhecimento. Nesse sentido, cita-se a educação com proposta pedagógica da UMA como o caminho metodológico que entrelaça uma história ou outras experiências compartilhadas entre gerações. A educação é o elemento que impulsiona, é responsável pelo bem-estar subjetivo e

está associada a outros fatores que evidenciam qualidade de vida, saúde, melhor expectativa de vida e oportunidades. Com a representatividade de cenário, o idoso protagoniza saberes no meio contextual do espaço acadêmico.

Segunda análise feita por Cabral (1997), os grupos “são lugares onde os idosos tecem relações de proximidade, acolhimento e aconchego caloroso”. A atuação desse grupo etário fortalece a construção de laços afetivos entre participantes. A UMA é condutora de oportunidades existenciais das relações sociais e das intergeracionais. O polo da UMA de Paraíso do Tocantins é um espaço instituído para partilhar saberes preexistentes, dar voz aos idosos, aprender com eles e colocá-los em situação privilegiada nos segmentos sociais.

A autora Unicovsky (2004) considera que o processo educacional deve colaborar para que idosos possam vencer obstáculos impostos pela idade e pela sociedade, “proporcionando-lhes o aprendizado de novos conhecimentos e oportunidades, para buscar o seu bem-estar físico e emocional”. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a UMA fortalece a educação intergeracional e inspira segurança, tranquilidade, respeito, solidariedade e afetividade à população idosa.

Os autores Cachioni e Neri (2004, p.48) evidenciam que “na frequência aos bancos escolares, os idosos têm chance de encontrar alternativas dinâmicas de autodesenvolvimento e atualização”. Nessa mesma visão, Santos *et al.* (2011) indicam a integração de idosos nos programas de educação de modo que facilite o acesso à aprendizagem, com independência vitoriosa para melhor qualidade de vida.

De forma análoga, Mott (2016, p. 259) enfatiza que “a educação é fator fundamental na formação crítica do Idoso é função determinante para que ele tenha qualidade de vida e condições de se manter ativo e consciente da sua própria velhice”. Nesse cenário, que evidencia a valorização do idoso, percebe-se que os acadêmicos do Polo da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins,

estão prontos para se sustentarem no conhecimento adquirido e para uma inserção participativa na sociedade, que os destacam e os colocam em condições de igualdade na competitividade dos dias atuais. Estão preparados, para discussões sobre todo tipo de assunto, onde quer que estejam (OSÓRIO; SIVAL NETO 2013, p.21).

Desse modo, a educação possibilitará ao idoso a ressignificação da própria velhice, para viver de forma digna, com princípios e pensamentos inovadores, em uma sociedade igualitária, com plena consciência de cidadania, não só com deveres, mas com direitos e voz.

### **3 POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PESSOA IDOSA**

#### **Promoção da pessoa idosa no contexto social**

Com maior longevidade, autonomia, qualidade de vida e independência econômica, o segmento da população idosa irá ocasionar impactos nas regras atuais da sociedade. Entretanto, essa transformação não é ainda percebida e enfatizada de maneira adequada pela sociedade com antecedência no decorrer do próprio processo de envelhecimento. Portanto, torna-se relevante o conhecimento mais acurado das expectativas e necessidades próprias do futuro idoso, bem como a sua adequação e integração social.

Ressalta-se que a velhice deveria ser mais uma etapa da vida esperada, no entanto, é abordada como a mais imprevisível. Assim, pode-se o sentido de nossa vida, que envolve questões referentes ao futuro que nos espera, uma vez que nós não sabemos quem seremos, se ignorarmos quem somos, considerando que isto é necessário se quisermos assumir na totalidade nossa condição humana.

Segundo a OMS, o envelhecimento populacional é uma conquista da humanidade no século XXI, ocasionado pelo fortalecimento das políticas de saúde públicas e sociais em países desenvolvidos, por isso, ele não é considerado um problema.

Entretanto, para as nações em desenvolvimento, o envelhecimento populacional poderá se tornar um problema, caso não sejam elaborados e executados programas e políticas públicas que promovam o envelhecimento digno e sustentável e que contemplem os direitos, as necessidades, as preferências e a capacidade das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Para que se promova o envelhecimento ativo e que adicione qualidade de vida, é necessário que se fortaleçam as políticas e programas de promoção de uma sociedade inclusiva e coesa para todas as faixas etárias. Assim, o reconhecimento do direito à vida, dignidade e longevidade deve ser objeto da agenda oficial dos governantes das três esferas de governo.

De acordo com as projeções da ONU, a população idosa deverá superar a população menor de 14 anos em 2050. Essa inversão da pirâmide populacional demonstra o novo papel do idoso em nossa sociedade como, também, a necessidade da promoção do desenvolvimento de sua independência e autonomia da vida social.

## **Constituição Federal de 1988**

A Constituição Brasileira de 1988 trouxe a possibilidade da participação efetiva da sociedade no desenvolvimento das políticas públicas, por meio dos Conselhos Paritários, o que resultou na elaboração de diversas leis, que vieram atender às expectativas demandadas pelos diversos segmentos sociais. Desse modo, o documento desenvolvido foi o marco no sentido de ampliar os olhares do idoso para novas perspectivas no âmbito de sua cidadania.

A população brasileira tem tido um crescimento na expectativa de vida por vários fatores que se relacionam com sua qualidade de vida. A tendência, para as próximas décadas, é que o índice de expectativa de vida chegue aos 80 anos, aproximadamente. Não podemos nos esquecer, entretanto, que mais do que envelhecer, é preciso encontrar formas de viver positivamente e de forma assertiva esses anos adicionais de vida, período para a atuação do Estado, que deve estar comprometido com a longevidade de qualidade em espaço digno na sociedade da qual participam.

Art. 230. A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.

§ 1º Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares.

## **Estatuto do Idoso – Lei nº 10.741, de 01 de outubro de 2003**

Ao abordar temáticas relacionadas à pessoa idosa, é importante mencionar o Estatuto do Idoso e reforçar as suas garantias de direito que proporcionem aos idosos dignidade, conforme o que determina os Artigos 1º, 2º e 3º:

Art. 1.º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Art. 2.º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. 7 Art. 3.º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Ressalta-se que somente normas jurídicas não são suficientes, mas a efetivação delas, para que os direitos sejam exercidos pelos idosos, porque seu efetivo exercício é o elemento fundamental e imprescindível de inclusão do idoso na sociedade, ou seja, o idoso precisa exercer um papel ativo na vida social, para que a sociedade trate-o com respeito e dignidade. Dessa forma, a concretização da cidadania ocorrerá, por meio do espaço político, como o direito a ter direitos.

Entende-se que o pressuposto para se ter direitos está relacionado ao exercício da cidadania em um Estado democrático de direito como o país em que vivemos, no qual a população idosa, mediante a participação efetiva no processo democrático, busca a efetivação de seus direitos, ou seja, luta para a elaboração de leis específicas voltadas a esse grupo social, conforme o Estatuto do Idoso.

Entretanto, sem o amparo do sistema legal, o segmento social dos idosos não estaria instrumentalizado para reivindicar essa efetivação em seu aspecto sócio-político e cultural. O distanciamento entre legislação e a realidade dos idosos, no Brasil, é notório e, para que essa situação se modifique, é preciso que se fomente o debate e que se estimule a mobilização permanente da sociedade.

### **Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994**

Ao estudar sobre a história do idoso como cidadão de direitos, observa-se que, após a Constituição de 1988, surgem conquistas no que se refere à proteção social do idoso e à garantia de direitos à saúde. Em 1994, por meio da Lei nº 8.842, foi promulgada a Política Nacional do Idoso, regulamentada pelo Decreto nº 1.948/96, que teve como principal finalidade “assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”.

No ano de 1999, de acordo com a Portaria nº 1.395/GM, aprova-se a Política Nacional da Saúde do Idoso, que reconhece a necessidade de se atender com qualidade à crescente população idosa, promovendo recursos técnicos, materiais e humanos para essa finalidade. Posteriormente, de 2003 até nos dias atuais, obteve-se a maior conquista na área: a aprovação do Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741/2003), que “amplia a resposta do Estado e da sociedade às necessidades da população idosa”.

Desse modo, a saúde do idoso é evidenciada como uma das principais prioridades em 2006, quando foi publicado o Pacto pela Saúde, por meio da Portaria nº 399/GM, que indica que “Nele estão contempladas três dimensões: pela Vida, em Defesa do SUS e de Gestão”. Nesse mesmo ano, a Política Nacional do Idoso é atualizada, por meio da Portaria nº 2.528, reconhecendo que a população idosa tem suas especificidades e que, para promover a saúde, é necessário conhecê-las e, em conformidade com as quais, pautar as políticas públicas.

Essa portaria busca “garantir atenção adequada e digna para a população idosa brasileira” e estabelece estratégias para a promoção de saúde. Além disso, segue a recomendação da OMS a respeito do envelhecimento saudável e ativo e está “em consonância com os princípios e diretrizes do SUS”.

### **Conselhos Municipais do Idoso**

O Conselho Municipal da Pessoa Idosa é o órgão que os representa e é responsável para articular e manter o diálogo permanente com os poderes públicos e com a comunidade na busca de resultados compartilhados. Um dos pilares do Conselho é manter a harmonia com as políticas nacional e estadual, em conformidade à Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, além de promover e garantir os direitos dos idosos, com a “supervisão, o acompanhamento, a fiscalização e a avaliação da Política Nacional do Idoso, no âmbito da respectiva instância político-administrativa”.

Os Conselhos devem ter normas em vigência às leis já aprovadas e regularizadas. Suas atribuições, na esfera municipal, podem permitir a presença de várias tendências políticas e ideológicas, para que se tenha maior representatividade, bem como a presença de outros organismos do poder. Dessa maneira, nenhum Conselho poderá pertencer a partidos políticos, uma vez que tem a finalidade consultiva, normativa, deliberativa e de formular políticas indicativas à pessoa idosa.

Nesse contexto, vale ressaltar que o Conselho precisa estar aberto a debates participativos e democráticos para defender, de forma veemente, os direitos do idoso junto à municipalidade, visto que esse órgão é um receptor de recursos públicos destinados a essa faixa etária. Essa participação é necessária para que os referidos recursos sejam executados de forma correta e contribuam para uma sociedade mais organizada e participativa.

O estudo a respeito dos Conselheiros, no Brasil, despontou, a partir do ano de 1991, fundamentado pela Constituição de 1988: “os conselhos, pela sua intrínseca ligação com as políticas e sociais, apresentam como lugares onde o público alvo das mesmas políticas, através de sua representação, tem um lugar de assento”. (BREDEMIER, 2003, p.86).

### **Fundo Municipal do Idoso**

O Fundo Municipal do Idoso, um instrumento fundamental, foi instituído para viabilizar a implementação das políticas e ações voltadas para a promoção, proteção, defesa e melhoria da qualidade de vida do idoso, seguindo as primícias da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.

A instituição do Fundo Municipal do Idoso foi uma conquista importante e recente em relação à promulgação da Lei nº 13.797, de 03 de janeiro de 2019. A partir do exercício de 2020, ano-calendário de 2019, a pessoa física poderá optar em doar recursos provenientes do Imposto de Renda, no ato de sua declaração anual. Com isso, as receitas destinadas aos

municípios, por este mecanismo, passam também a ser deliberadas pelos Fundos Municipais, que poderão utilizar esses recursos em prol da implementação das políticas públicas para o idoso.

A sublimidade do Conselho, assim como o do Fundo Municipal do Idoso, promove direitos. Por isso, ter Conselhos de direito operantes e o Fundo para angariar recursos são pressupostos relevantes, para assegurar, de modo mais efetivo, a implementação de políticas públicas em favor das pessoas idosas do Brasil. Dessa forma, o papel do Conselho Municipal do Idoso e dos Fundos indica o processo da garantia desses direitos a esse grupo etário.

Nessa vertente, é dever do poder público garantir a essa população condições de vida adequada. A família, a sociedade e o poder público, em parceria, devem assegurar aos idosos aproximação aos bens culturais, possibilitando a integração na comunidade em que vivem. Esses direitos são todos assegurados, pressupostos da Constituição Federal, Art. 115, da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Assim, os direitos e proteção dos idosos devem ser assegurados tanto pelo o poder público como pela sociedade.

### **Marcos das Políticas Públicas voltados para a pessoa idosa**

Os marcos políticos apresentados nessa pesquisa indicam as conquistas, no que se refere ao cuidado da promoção de saúde à população idosa. Ao longo do tempo, a sociedade passou por mudanças na constituição populacional e a política acompanhou este processo de transformações. Com isso, nos dias atuais, esta se encontra mais comprometida com a promoção do envelhecimento saudável e ativo, com atenção integral à pessoa idosa.

No entanto, mais do que leis que envolvam este segmento etário, é preciso, também, a criação e manutenção de espaços que estimulem sua participação social, com estímulos a sua autonomia e independência, buscando formas que, respeitando as possibilidades, possam aumentar sua qualidade de vida e fomentar maior capacidade de realização de suas funções cotidianas e de lazer.

No âmbito privado, o novo nicho, que surge com o envelhecimento da população, estimula a criação de novos espaços de convivência, que incluem grupos de dança e atividades como: pilates, caminhada, hidroginástica, viagens turísticas, teatros e cursos de idiomas, entre outros. Nesse sentido, o Serviço Social do Comércio - SESC- foi um precursor destas atividades, buscando combater a imagem associada à terceira idade de invalidez e, atualmente, este realiza ações que buscam incluir o idoso, respeitando suas características individuais.

Em contrapartida, no setor público, objetivando inserir os idosos de baixa renda, existem políticas públicas de assistência que promovem o envelhecimento saudável e ativo. Devido a isso, por todo o país, existem projetos públicos que estimulam a participação social na terceira idade, valorizando experiências e potencializando escolhas e decisões, fatores fundamentais para que as pessoas possam envelhecer com qualidade de vida e, conseqüentemente, ter a tão sonhada longevidade saudável.

Portanto, é de vital importância que os municípios sejam comprometidos com atividades gratuitas voltadas aos idosos, como os Centros de Convivência. Esses espaços são fundamentais na manutenção da saúde do idoso, uma vez que estimulam sua participação social e promovem atividades que estimulam o corpo e a mente.

A sociabilidade é um fator primordial para o envelhecimento saudável e ativo, assim como a manutenção da autonomia e elevação da autoestima, embora seja relevante considerar, em políticas públicas voltadas à saúde do idoso, o conhecimento da realidade da terceira idade e suas demandas.

O conceito de equidade deve ser destacado buscando reconhecer a diversidade da população e responder às suas diferentes reivindicações, considerando a singularidade de cada indivíduo. Pensar em ações que estimulem o envelhecimento saudável e ativo deve se adequar social e culturalmente ao panorama geral do envelhecimento no Brasil, avaliando o processo de envelhecer tanto no geral, como em suas variáveis.

É importante destacar que ainda impera o pouco envolvimento do Estado na promoção de políticas públicas voltadas à população idosa, com foco nas características socioeconômicas, que modulam as condições do envelhecer e o não reconhecimento destas demandas na elaboração de políticas que podem impactar positivamente o envelhecimento saudável e ativo.

A elaboração de políticas públicas, em suas muitas frentes, está intimamente relacionada a uma concepção crítica da realidade, entendendo que o Brasil apresenta condições sociais, econômicas e culturais distintas, historicamente determinadas, o que se refere à realidade populacional. Desse modo, estimular o envelhecimento saudável e ativo não pode estar dissociado do entendimento da pessoa idosa em sua totalidade, dentro de múltiplas variáveis, nem da visão da sociedade em seus diversos segmentos.

#### **4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Nesta etapa da pesquisa, encaminharam-se os procedimentos metodológicos indicados para a realização desta pesquisa, de forma a alcançar o objetivo principal: compreender e discutir, na voz dos acadêmicos experiências com a implantação e implementação do polo da Universidade da Maturidade de Paraíso do Tocantins e seus relatos e experiências de vida, bem como a importância das políticas públicas envolvidas.

O presente trabalho teve como aporte investigador o estudo de caso, pesquisa de natureza aplicada e abordagem qualitativa e evidenciou-se o espaço onde aconteceram as entrevistas com idosos do polo da referida Universidade.

Em seguida, foram realizadas as etapas da pesquisa de forma organizada, observando cada uma delas apresentadas a seguir: revisão de literatura bibliográfica sobre o tema do estudo e conceitos principais; realização das entrevistas semiestruturadas; transcrição das entrevistas coletadas com os idosos e estruturação sistemática dos resultados.

Por fim, houve a análise dos dados que foram coletados presencialmente, utilizando a técnica da entrevista semiestruturada e presencial. Utilizou-se, também, rodas de conversa, nas quais os idosos relataram suas experiências de vida e suas vivências de forma espontânea.

##### **Metodologia**

O planejamento, incontestavelmente, representa o elemento norteador de todos que se “debruçam” em busca de respostas para um determinado objeto de estudo. Desse modo, o pesquisador, após definir a temática a ser estudada, terá que traçar estratégias, as quais lhe permitirão ir ao encontro de seus verdadeiros objetivos. Nesse sentido, ressalta-se a importância de definir os meios que serão utilizados para alcançar os objetivos propostos na pesquisa.

##### **organização temporal**

Inicialmente, o primeiro contato com os acadêmicos da primeira turma do polo da UMA de Paraíso do Tocantins aconteceu na primeira aula que realizei, no início do mês de maio de 2022, cujo objetivo era dar o direito de voz, para que eles relatassem suas experiências com a implantação e implementação do polo da UMA. Outros encontros presenciais aconteceram, no polo da UMA, com os 60 (sessenta) acadêmicos, regularmente matriculados.

Nessa primeira aula que conduzi, tive a oportunidade de me apresentar, como

professora e pesquisadora e fiz a exposição do tema: Universidade da Maturidade: o Estudo de Caso no polo da UMA em Paraíso do Tocantins. Em seguida, discutimos sobre direitos constitucionais, fundamentados na Constituição Brasileira de 1988 e no Estatuto do Idoso/2003, com Documentos que tratavam desses assuntos, expostos em sala de aula.

Dando continuidade a aula, ouvimos a música de Luiz Gonzaga – Asa Branca, como história vivida pelo povo nordestino na década de 70. Em seguida, retomamos ao tema do trabalho e conduzi esse grande grupo em uma roda de conversa, na qual foram seqüenciados os temas sobre direitos constitucionais, envelhecimento humano, a importância da Implantação do polo da UMA em Paraíso do Tocantins, com garantia de direitos à pessoa idosa, momento de interação dos acadêmicos, professora e coordenador do polo da UMA de Paraíso.

Ainda no grande grupo, ou seja, com os 60 (sessenta) acadêmicos, houve, espontaneamente, manifestação por parte deles, almejando participar da pesquisa. Dentre eles, 15 (quinze) manifestaram interesse, entretanto, apenas 10 (dez) decidiram participar efetivamente da pesquisa. Com esses acadêmicos indicados, ou seja, com grupo menor, em uma roda de conversa, tratou-se de aprofundar mais sobre o tema da pesquisa. A partir daí, as conversas foram intensas e provocadoras, principalmente, sobre a importância da implantação do pólo em Paraíso do Tocantins, os direitos indicados à pessoa idosa, inclusão no mercado de trabalho, além de outras falas pertinentes ao assunto abordado.

Posteriormente, foram realizadas as entrevistas semiestruturadas, individual e presencial, conforme perguntas elaboradas pela pesquisadora. Esse período se estendeu pelo tempo necessário para a realização do pleiteado. Por fim, realizou-se as transcrições dessas entrevistas. Ressalta-se que todas as entrevistas estão anexas nesta pesquisa.

Na pesquisa descrita, realizou-se o estudo, análise, registro e compreensão dos fatos. Desse modo, utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada e rodas de conversa no cenário indicado para obtenção dos dados coletados, por meio de participantes da pesquisa, ou seja, os idosos do polo da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins.

### **Espaço selecionado para realização da pesquisa e público participante**

Esse trabalho foi desenvolvido no polo da Universidade da Maturidade-UMA/ UFT de Paraíso Tocantins, localizada na Avenida Bernardo Sayão, esquina com a Rua Tocantins, centro, CEP - 77.600-000 – Município - Paraíso do Tocantins, Estado do Tocantins. Foi submetido à avaliação e aprovação, tanto da coordenação da Universidade da Maturidade

como do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Tocantins – UFT. O referido Comitê é composto por uma equipe de profissionais qualificados que trabalham pela garantia de direitos dos sujeitos da pesquisa, além de garantir que a pesquisa percorra suas etapas, conforme os padrões éticos estabelecidos.

Durante essa formação continuada, fui motivada pela proposta pedagógica inovadora, indicada a pessoas adultas e idosas, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida, na perspectiva de uma educação intergeracional. Para fins éticos, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, para conhecimento, fez-se a leitura do TCLE. Posteriormente, certificou-se de que quinze acadêmicos manifestassem o desejo de participar da pesquisa. De imediato, foi entregue o documento para assinatura de consentimento.

Na oportunidade, explicou-se que, a qualquer momento, no decorrer da pesquisa, o acadêmico poderia desistir do pleito, mesmo que tivesse assinado o Termo de Consentimento. Assim, foi esclarecido aos acadêmicos que as entrevistas a serem realizadas obedeceriam ao horário, conforme o tempo disponível de cada participante, que as entrevistas seriam gravadas e as falas transcritas, respeitando a história de cada acadêmico. Falou-se, também, da roda de conversa com os acadêmicos acerca do tema apresentado.

Dos quinze participantes que apresentaram livre manifestação para participar da pesquisa, cinco não devolveram o TCLE de autorização. Devido a isso, participaram da pesquisa sete mulheres e três homens e optou-se pelo uso de pseudônimo, como forma de preservar a identidade de cada participante e valorizar os artistas locais.

Fizeram parte da pesquisa, acadêmicos entre 55 a 78 anos de idade, pessoas que percorreram caminhos, protagonizaram saberes e são donos de uma voz incansável. A eles foi dado o direito de voz para narrar suas experiências com a implantação e implementação do polo da UMA no Município de Paraíso do Tocantins e suas histórias de vida, constituídas de saberes em sua singularidade. Com isso, a partir da escuta, relacionaram-se outros saberes, outras vivências e sentimentos embalados de emoções, sem se importarem com a idade que carregam consigo.

**Quadro 01** – Participantes da Pesquisa

Nº	Acadêmicos (pseudônimo)	Sexo
1	Nora Maciel	Feminino
2	Dorinha Brandalise	Feminino
3	Maria Cândida	Feminino
4	Didi Marinho	Feminino
5	Martha Maria	Feminino
6	Lara Siqueira	Feminino
7	Maria Eduarda	Feminino
8	Assis Wanderley	Masculino
9	Niltinho Tavares	Masculino
10	Mauro Batista	Masculino

Fonte: Autoria própria

Nesse espaço de convivência social e educacional, foi possível verificar os perfis desses acadêmicos demonstrados na tabela a seguir:

**Quadro 02** - Perfil dos acadêmicos do polo da UMA /Paraíso do Tocantins

ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	QUANTIDADE	APOSENTADO	IDADE
Superior incompleto	Radialista	01	Não	60
Superior completo	Teólogo	01	Não	59
Ensino Médio completo	Servidora público municipal	01	Não	57
Magistério	Servidor público estadual	01	Sim	72
Magistério	Fazendeira/ Caminhoneira	01	Não ( Pensionista)	70
Ensino Fundamental Completo	Do lar	01	Não	61
Ensino Fundamental Completo	Do lar	01	Sim	81
Ensino Fundamental Incompleto	Empresário	01	Sim	78
Ensino Médio completo	Balconista (Panificadora)	01	Não	55
Ensino Médio completo	Artesã/Conselheira do Cons. Mun. de Saúde	01	Sim	73

Fonte: Autoria própria

### **Transcrição das entrevistas e análise dos acontecimentos narrados**

A entrevista é instituída como fonte de evidência importante da pesquisa. Sob essa perspectiva, realizou-se a leitura das entrevistas transcritas, elegendo conteúdos, de forma que a análise das respectivas narrativas se deu de forma qualitativa, em que se buscou entender e valorizar as experiências vividas por cada participante da pesquisa do polo da UMA de Paraíso do Tocantins, bem como perceber a riqueza dos detalhes que surgiu da exuberante singularidade dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

Quando há aplicação da entrevista de uma pesquisa qualitativa, essa pode ser entendida como uma conversa direcionada, considerando as abordagens de Berg(2001) e Minayo(2000), que estabelecem a entrevista na forma de um diálogo com finalidade. Ressalta-se, ainda, a alusão feita por Glesne(2015), que relata uma entrevista como um mecanismo que permite a interação entre vários interlocutores. Essa interação representa o diálogo como processo entre entrevistador e entrevistado. Portanto, o entrevistador deve promover base, dados e perguntas.

## **5. RELATOS SOBRE A IMPLANTAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO POLO DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE – UMA/UFT EM PARAÍSO DO TOCANTINS**

O processo de implantação do polo da Universidade da Maturidade – UMA/UFT, no Município de Paraíso do Tocantins, teve início em meados do mês de fevereiro de 2020, quando fui convidada pela assessoria do Gabinete do Prefeito Moisés Avelino para participar da primeira formação continuada com a presença da coordenadora e professora Dra. Neila Barbosa Osório da referida Universidade e do professor Dr. Luiz Sinésio Neto, no auditório da Sede da Prefeitura Municipal de Paraíso do Tocantins, sobre a implantação de um polo da UMA/UFT.

Desse encontro, vários profissionais da educação, saúde e assistência social participaram, com objetivo de ministrar aulas no futuro polo da UMA em Paraíso, na perspectiva de educação intergeracional, nunca visto em território paraense.

Dessa primeira formação continuada, participaram, também, a Vereadora Josefa Araújo e outros membros da comunidade local. A parlamentar informou aos presentes do seu desejo que esse polo da UMA fosse implantado em Paraíso. Segundo a parlamentar, as conversações em torno do assunto tinham sido amplamente difundidas no poder executivo.

Nesse ínterim, surgiu, em mim, como Secretária Municipal de Educação e Cultura de Paraíso, o desejo de conhecer e aprofundar conhecimentos sobre o processo de educação intergeracional e direitos constitucionais indicados a essa população, que, há décadas, ficaram à margem do esquecimento. Percebi que o polo da UMA, implantado em novo território, poderia proporcionar direitos e vozes a esses sujeitos.

A implantação do polo da UMA teve início no ano de 2020, período em que o Brasil e o mundo enfrentavam a avalanche da COVID – 19, que levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a decretar estado de emergência de saúde pública de relevância mundial. Assim, não foi possível iniciar às aulas, considerando o avanço avassalador da COVID – 19 e o fato de que as pessoas idosas eram as mais vulneráveis à doença, considerando a idade e comorbidade dessa população.

Posteriormente, mesmo com a vulnerabilidade da saúde pública em todo Brasil, provocados pela COVID – 19, o Município de Paraíso do Tocantins não recuou com o plano de implantação de um polo da UMA. Logo, iniciou o processo de infraestrutura para a sua funcionalidade. Espaço pronto e vitalizado. Em seguida, houve a aquisição de materiais: cadernos, mochilas e camisetas personalizadas com o slogan da UMA/UFT.

No ano de 2021, em uma nova gestão, foi tratado o processo de convênio entre Universidade Federal do Tocantins e o Município de Paraíso do Tocantins, proseguindo com os trâmites legais para que o polo da UMA de Paraíso fosse oficializado em conformidade com o Acordo de Cooperação entre a Universidade Federal do Tocantins e a Prefeitura Municipal de Paraíso do Tocantins.

Essa parceria teve como objeto a realização de ações/atividades desenvolvidas pela criação de um polo do Projeto de Extensão da Universidade da Maturidade- UMA/UFT, com vigência de 5 anos, a contar, a partir da assinatura efetivada em 25/01/2021, signatário: Luiz Eduardo Bovolato, Reitor da Universidade Federal do Tocantins -UFT e Celso Soares Rego Moraes, Prefeito de Paraíso do Tocantins.

Ainda, durante o ano em curso, a pandemia da COVID - 19 continuava em fase ascendente, em todo território brasileiro, o que impediu que o sonho da implantação de um polo da UMA fosse realizado e adiado por mais um tempo.

Somente no primeiro semestre de 2022, iniciou-se o novo processo: a implementação do polo da UMA/UFT em Paraíso do Tocantins. O sonho tornando-se uma realidade. Portanto, como professora e pesquisadora, participei da implantação e implementação desse polo. Desse modo, inicia-se o processo de matrículas da primeira turma de acadêmicos do polo UMA/UFT em Paraíso do Tocantins, com 60 (sessenta) pessoas idosas, regularmente matriculadas para o ano letivo de 2022. Com as matrículas efetivadas, os futuros acadêmicos do referido polo estavam prontos para escreverem uma nova história de vida, em um cenário novo, de um novo tempo.

No final do mês de abril de 2022, realizou-se a segunda formação continuada para profissionais das Secretarias: Educação, Saúde e Assistência Social, selecionados pela Secretaria Municipal de Educação e Juventude para dar início ao primeiro ano letivo de aulas para os 60 (sessenta) acadêmicos da primeira turma da UMA de Paraíso. Nessa formação, eu já estava como pesquisadora, com a temática envolvendo a pessoa idosa e políticas públicas.

É importante ressaltar que o quadro de professores é de excelência, com formação acadêmica em: Bacharel em Direito, Administração, Sistema de Informação, Historiadores, Pedagogos, entre outros profissionais da comunidade envolvidos em palestras sobre: Direitos Humanos, Direitos Constitucionais, entre outros assuntos. Dos professores regentes, apenas a pesquisadora é voluntária, os demais pertencem ao quadro efetivo das Secretarias mencionadas anteriormente.

**Quadro 3-** Perfil dos Docentes do polo da Uma/Paraíso do Tocantins

ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	QUANTIDADE
Curso Superior em Direito	Bacharel em Direito/Professora	01
Curso Superior em Administração	Servidora Pública Municipal	01
Curso Superior em Sistema de Informação	Servidora Pública Municipal	01
Curso Superior em História	Bacharel em História/Coordenador da UMA	02
Curso Superior em Pedagogia	Pedagoga	02
Curso de Assistência Social	Assistente Social	01
Curso de Psicologia	Psicóloga	01

Fonte: Autoria própria

Logo após esse evento, foi realizada a aula inaugural com a presença da coordenadora e professora da UMA/UFT- Campos de Palmas, Dra. Neila Barbosa Osório, do professor Dr. Luiz Sinésio Neto, do prefeito municipal, vereadores, professores da UMA e, especialmente, os protagonistas do evento: os acadêmicos da primeira turma do polo da UMA de Paraíso do Tocantins.

**Figura 4-** Aula inaugural- 1ª turma/acadêmicos da primeira polo da UMA de Paraíso do Tocantins

Fotografia tirada por João Paulo - Coordenador do polo da UMA/ Paraíso do Tocantins (2022)

Devido a dedicação e empenho de todos envolvidos no processo de implantação e implementação, ficou tudo pronto para o início de uma nova história de vida estudantil desses acadêmicos. As sementes lançadas, regadas e abraçadas chegavam ao pódio protagonizando história e memória do tempo vivido.

Em 02 de maio de 2022, iniciam-se as aulas para primeira turma do polo da UMA de Paraíso Tocantins, com um total de 60 (sessenta) acadêmicos. Essas aulas acontecem nas terças e quintas-feiras, das 14h às 17h, no Auditório da Câmara Municipal de Vereadores de Paraíso, até que seja concluída a revitalização da Sede própria do polo da UMA.

**Figuras 5** - A pesquisadora e a 1ª turma do polo da UMA/ Paraíso do Tocantins



**Fotografia tirada por João Paulo** - Coordenador do polo da UMA/ Paraíso do Tocantins (2022)

**Figuras 6 - 1ª turma do polo da UMA/ Paraíso do Tocantins**



**Fotografia tirada por João Paulo - Coordenador do polo da UMA/ Paraíso do Tocantins (2022).**

Desse modo, a implantação e implementação do polo da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins, encontram-se efetivadas, com direito a voz e tendo em sua estrutura curricular: Educação Intergeracional, Tecnologia Social, Empreendedorismo, Reminiscência e palestras educativas e informativas com temas diversificados. Posteriormente, foi possível realizar as entrevistas com dez acadêmicos, sendo 7 (sete) do sexo feminino e 3 (três) do sexo masculino.

Um dos contatos emocionante e mais importante com os acadêmicos aconteceu, no momento das entrevistas dessa primeira turma. Eles mergulharam em suas histórias e experiências de vida com a alma e o coração. O sentimento de pertencimento do que viveram e que ainda vivem, evidencia a manifestação singular de uma história de vida ao longo do tempo.

Como pesquisadora, tive a oportunidade de conhecer a diversidade de experiências vividas por gerações distintas. Ouvir os relatos dos acadêmicos envolvidos nesta pesquisa é voltar na linha do tempo da história e memória desses sujeitos e compreender a importância da política de educação intergeracional na vida de cada um.

Com a implantação e implementação do polo da UMA, constatou-se, que os acadêmicos da primeira turma, vivem um novo momento da sua história. Com o polo implantado e implementado, as vozes dos acadêmicos, ganharam lugar de destaque,

valorização e representatividade para a comunidade local e fora. O momento atual, vivido por esses acadêmicos é de encantamento, de se sentirem vistos como nunca, antes. Evidencia-se um novo recomeço de uma nova história de vida, não só para eles, mas, para todos que convivem no espaço familiar e educacional.

A inclusão desses idosos em um projeto de educação intergeracional, proporcionou igualdade de direitos entre pessoas, como condição humana. Além disso, os acadêmicos da UMA de Paraíso, conquistaram direitos já garantidos pela legislação em vigência.

Assim, com a implantação e implementação desse polo, os idosos matriculados no primeiro semestre de 2022, da primeira turma, agregam aprendizado, partilham experiências vividas, fortalecem direitos constitucionais e abrem caminhos para escrever uma nova história em suas vidas.

Percebe-se que a implantação e implementação do polo da UMA tornou-se um marco importante, para acadêmicos e profissionais envolvidos no processo de educação intergeracional, o novo cenário abria portas para receber homens e mulheres de gerações distintas, mas, com um único olhar: aprender e ensinar, considerando suas vivências e experiências, cheias de representatividade e sabedoria, acumuladas ao longo do tempo de vida.

Verificou-se que os acadêmicos da primeira turma do polo da UMA de Paraíso têm demonstrado o gosto pela música, dança, passeios e participação em eventos. Eles são atentos às aulas e fazem perguntas pertinentes, conforme o assunto trabalhado em sala de aula. Além disso, são contadores de histórias e exercem papel social de mães, pais, avós e avôs.

No polo da UMA, não há rico ou pobre e nem se evidencia intelectualidade superior ao outro. Nesse ambiente, somos todos iguais. É um renascer para a vida, porque com o passar dos tempos, seremos todos idosos. A beleza singular estampada no olhar, no abraço, em cada gesto, transborda as emoções. A velhice é apenas um processo da vida e fazer parte da UMA é ser valorizado como cidadão e cidadã paraisense.

A UMA é um espaço de convivência social entre as gerações, do direito a voz a quem tem direito a ela. Representa, para os acadêmicos, um ambiente que traz vida nova, saúde física e mental. Conviver e partilhar experiências vividas com quem ensina e aprende, é mergulhar no passado da história e memória das gerações, entrelaçando com o presente. É ser surpreendido a cada encontro. A riqueza de detalhes das experiências desses sujeitos, provoca-nos a querer escutá-los sempre mais, enquanto sujeito histórico e donos do seu tempo.

## **6 ACADÊMICOS DO POLO DA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE /UMA/UFT DE PARAÍSO DO TOCANTINS**

Esta seção apresenta relatos de vivências e experiências de vida dos acadêmicos da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins. Nesse espaço da pesquisa, estão expostas e comentadas as informações coletadas no processo de entrevistas, bem como nas rodas de conversas compartilhadas.

A trajetória vivida pelos acadêmicos do polo da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins é parte inspiradora de suas experiências protagonizadas em dois tempos distintos: o passado e o presente. Seus relatos manifestam momentos inesquecíveis ao longo da vida. Suas experiências são múltiplas tanto quanto os sujeitos são efetivamente singulares.

Considera-se que as experiências vividas por uma pessoa é, sobretudo, um relato de um narrador acerca de sua existência ao longo do tempo, um relato cheio de representatividade e experiências vividas e partilhadas entre gerações. A velhice, regularmente, defrauda dos idosos momentos de carinhos e de partilha social. O distanciamento das experiências outrora vivenciadas encaminha ao mundo sóbrio um passado distante. Esse passado traz as lembranças da infância, a morada na casa dos pais, namoros, o trabalho ativo, entre outros aspectos subjetivos da vida humana. Por fim, percebe-se que a memória do ser humano é a sua companheira ao longo do tempo, como aponta Bobbio (1997, p.53):

o tempo do velho (...) é o passado. E o passado revive e a memória. O grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho atraíram nossa atenção.

Considerando o que foi mencionado, afirma-se que o sujeito ao relatar suas experiências de vida se remete ao passado e relembra de momentos únicos e de tudo o que se efetivou com sua participação nas experiências daquela época. Esse vínculo entre os relatos do transcorridos e a reminiscência dos mesmos vai ao encontro da memória.

Desse modo, a memória não é história, mas um instrumento que nos permite conectar ao passado. Os relatos das experiências de vida de qualquer sujeito, apresentados como a manifestação da reminiscência, são privilégios para manter alguns conhecimentos, pelos quais se encaminham a “um conjunto de funções psíquicas, gerações às quais o homem pode atualizar impressões e informações passadas ou que ele representa com o passado” (LE GOFF 2003, p 419).

Nesse cenário, rico de acontecimentos narrados e de uma multiplicidade das

experiências dessa geração repleta de vigor e exuberância, a história traz o passado e se aprofunda no presente como um ato legítimo da reminiscência do “eu” e do “outro”. Diante disso, “a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e os testemunhos do passado”(BOSI, 2003, p.15).

É notório que a memória liga fatos do tempo e permite que a narrativa exiba o brilho singular expresso nos relatos contados pelos os acadêmicos do polo da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins. Os relatos dos fatos do passado e do presente, apresentando os idosos como sujeitos e donos do seu tempo, foram realizados por meio das entrevistas e depoimentos. Desse modo, ressalta-se que “a memória é um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido conotado pela cultura e pelo indivíduo” (BOSI, 2003, p.53).

Portanto, relatar vivências de vida é como mergulhar nos caminhos trilhados e voltar ao passado singular cheio de experiências, nos permitindo entender a subjetividade e as ressignificar o tempo vivido. As experiências de vida relatadas pelos acadêmicos do polo da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins remetem às lembranças de uma época considerada boa e de um presente que, certamente, estão vivendo com intensidade.

Para muitas pessoas idosas, voltar à sala de aula, nos dias atuais, é reiniciar o caminho que ficou para trás, reviver e viver uma nova história e realizar um intercâmbio do passado com presente. Nesse processo, a idade não lhes afronta, mas traduz conhecimento, mesmo não sendo um censo comum.

Narrar uma história é vivê-la duas vezes, como protagonista de identidades em um contexto espontâneo. O processo narrativo existe desde o princípio do mundo. As histórias dos acadêmicos do polo da UMA/UFT de Paraíso Tocantins foram contadas e ouvidas. Dessa forma, Silva ( 2008, p.185) “[..] A narrativa é um recurso humano vital e fundamental. Para além de um recurso literário, a narrativa pode ser considerada um dos procedimentos através dos quais tornamos a vida e o mundo interpretáveis”.

Para Barthes (2001, p.19), “[..] A narrativa está presente, em todos os tempos, em todos os lugares, em todos em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade não há, em hipótese alguma, povo sem narrativa [..]”. Assim, narrar histórias é inerente ao ser humano, por ser social e histórico, contribuindo para dar significado ao acontecimento, seja de forma coletiva ou mesmo individual. É uma narrativa de poder, que reconhece identidades sobre o passado entrelaçado com presente.

Nessa perspectiva, os acadêmicos do polo da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins validaram experiências de vida, manifestando suas lembranças memoráveis sobre suas vidas ao longo do tempo, bem como o presente como reinício de uma grande jornada em sua

trajetória de vida e a alegria de fazer parte da Universidade da Maturidade, como um processo de inclusão social, refletindo sobre as políticas públicas voltadas à idade deles. Ademais, ressalta-se, ainda, a importância da inserção deles no mercado de trabalho.

Como autora de si mesma, dona de suas palavras e gestos, „Nora Maciel“ exibe a singularidade de uma pessoa simples, mas dotada de representatividade de uma bela experiência de vida que começou a ser construída de modo indicativo e com determinação, brindando o futuro dela na UMA. Nesse cenário, a longevidade e a Intergeracionalidade, indicaram um caminho percorrido, no qual se utilizou a técnica da entrevista semiestruturada e das rodas de conversas, agregando experiências que evidenciaram as vozes dos idosos acadêmicos do polo da Universidade da Maturidade – UMA/UFT de Paraíso do Tocantins. Considerando que a memória é um fenômeno atual que entrelaça o passado com o presente, além de brindar e evidenciar o futuro.

Conforme relata Pierre (1993), “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história é uma representação do passado”. O que se narra de fato? Certamente, narra-se a história desde o nascimento ao tempo presente, além de brindar e evidenciar o futuro. Como afirmou Critelli (2012, p.51):

Nossa própria história nos ronda numa síntese emblemática e silenciosa. É uma síntese, pois certamente condensa a autointerpretação que viemos fazendo de nós mesmos e das razões de sermos como nós mesmos. É emblemática porque, na maioria das vezes, está ligado a algum episódio que refenda e fundamenta tal autointerpretação. E é silenciosa porque quase nunca falada e expressa: acompanhamos em surdina.

Ressaltando essa afirmação, surge o cenário que oportuniza voz aos sujeitos da pesquisa do polo da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins, iniciando a ordem das perguntas indicadas aos participantes da pesquisa, como a apresentada a seguir: Como tomou conhecimento da criação do polo da UMA/UFT em Paraíso do Tocantins? Diante dessa pergunta, a acadêmica „Nora Maciel“ afirmou que tomou conhecimento, por meio de uma conversa com uma amiga, neste ano de 2022. Eis o seu depoimento:

aí, fiquei de olho... esperando o dia certo para me matricular. Essa Covid-19 atrapalhou um pouco o início das aulas. Mas dou graças a Deus por estar na UMA. Quero ficar por aqui, por muito tempo. Vou formar e receber o diploma. Falo isso por lembrar da fala da Doutora de Palmas sobre a nossa formatura. Estou vivendo uma vida nova. Estou animada... a UMA coloca os velhos na sociedade para aprender coisas novas, valoriza a gente como pessoa humana, não olha para nós com o olho torto. Ao se referir à felicidade, afirma ser uma pessoa feliz: “Tenho família boa. Criei os meus filhos e agora ajudo na criação dos meus netinhos. Continuo trabalhando com crochê, vendo tudo. Para se trabalhar com dignidade, idade pouco importa. É só querer. Acho a minha vida linda. Tive uma criação exemplar por meus pais. Eles foram a base de tudo em minha vida. Eles me ensinaram a trabalhar. Meus avós, sempre foram presentes na minha vida. Dificuldades, tive muitas. Venci. Enquanto vida tiveram, viveram felizes. Muitas coisas eu vivi e vivo até hoje. As dificuldades do passado ficaram para trás. Pouco me lembro. Não importa, foram lições para a minha vida.

Nesse ambiente de questionamentos, constatou-se que o caminho percorrido por outra acadêmica, „Dorinha Brandalise“, traz as lembranças e experiências de vida cheia de uma representatividade, por ela mesma, elogiável. Quando interpelada sobre a criação do polo da UMA/UFT em Paraíso do Tocantins, o seu relato foi pontual e assertivo:

tomei conhecimento por meio de uma pessoa de minha família, sobre essa faculdade para pessoas da minha idade. Eu e minha família estamos satisfeitos com tudo, por aprender as coisas por aqui. Me sinto uma pessoa valorizada e feliz aqui na UMA. Vejo que é preciso investir mais dinheiro para melhorar cada vez mais a vida dos idosos. Até aqui, sou uma vencedora. A velhice é uma etapa da vida que deve ser encarada a cada dia. Amo minha idade. Tenho uma boa convivência com meus familiares. Conviver com netos é melhor que com os filhos. A felicidade não existe, eu busco ela a todo momento, se eu choro, logo em seguida, estou sorrindo. Em relação à Saúde Pública, considero boa. A pessoa idosa deve continuar no mercado de trabalho, mesmo sem ter diploma. A experiência conta quem somos. Estou aqui para aprender, não tenho vergonha disso, nem da idade que tenho. A minha história de vida eu acho que foi muito boa. Aprendi coisas boas com meus pais, avós e com todos da família.

Ao mergulhar na memória e história de „Dorinha Brandalise“, percebe-se que, muitas vezes, nem mesmo as marcas do tempo e a idade avançada conseguem abater os longevos contemporâneos em meio às dificuldades da vida. Há um descortinar do desejo de aprender e de estabelecer outros vínculos com outros sujeitos entrelaçados com o passado e o presente. Rousso (2002) declara que memória é uma retrospectiva do passado e presente e que, hoje, busca-se o passado de forma a estabelecer relações do que foi e do que é como memória viva de uma geração.

Considera-se que o relato da acadêmica é um mergulho no passado e no presente. São momentos compartilhados e experiências vividas. nos quais o narrador ou narradora é testemunha de sua própria história, pois narrar uma história é lembrá-la, senti-la, comover-se e carregar momentos gravados na memória. Por isso, busca-se averiguar as experiências vividas no passado e no presente como fonte inesgotável de saberes. Segundo Silva *et al* (2008, p.31), “a experiência de relatar sua história de vida oferece àquele que conta uma oportunidade de (re) experimentá-la, re-significando sua vida”.

Por conseguinte, só conhecemos uma pessoa a partir do aprendizado de ouvir a sua voz, relatando suas experiências ao longo de vida. Partindo desse entendimento, é possível compreender quais vitórias, mudança de humor e mesmo descontentamentos que ocorreram no percurso da vida. Reviver o passado é aprender a sentir saudades de um determinado momento da vida. Thomson (1997, p.57) evidencia que “construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos ou para outras pessoas no convívio social”.

De acordo com o autor,

ao narrar uma história, identificamos o que pensamos o que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para se ajustem as nossas identidades e aspirações atuais.

O relato da acadêmica é um mergulho ao passado que entrelaça com o presente. Para Brandão(2005), o ato de ouvir a pessoa idosa, propiciando-lhe o direito à voz, por meio da busca e ressignificação da singularidade de suas histórias, é exequível e fortalece, de forma significativa, a sua autoestima e sensação de pertencimento.

De acordo com Benjamin(1994), o ofício de narrar, pouco utilizado em tempo da informação ágil e utilizável, continua sendo o mecanismo que permite tanto a troca de experiência, como fazer com que a população se torne mais comunicativa. Não podemos desapropriar-nos do direito de permutar experiências, pois esta não substitui a vivência transmitida de pessoa para pessoa, independentemente daquele que carrega sua história de vida ou mesmo de outro não viajante. O narrador incorpora histórias e carrega sabedoria ao longo da vida ou relatos por outros sujeitos. O narrador é, também, carregador da liberdade e interpretador de história da forma como quiser.

Nesse caminho, demonstra-se a experiência compartilhada de „Maria Cândida“, acadêmica da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins:

eu tomei conhecimento do Polo da Universidade da Maturidade – UMA, em Paraíso do Tocantins, por meio da minha filha que me passou o link. Abri e li as informações sobre a UMA. Sou feliz em fazer parte da Universidade, pois aqui a gente aprende e faz novas amizades. Me sinto incluída, aqui fui bem recebida, não fiquei de fora, graças a Deus. Acho que é valorizar o idoso. Me vejo como uma idosa mais feliz. Faço os meus afazeres de boa. A minha vivência com toda a família, considero muito boa. Conviver com netos é melhor do que com os filhos. A felicidade não existe, mas eu a procuro. Posso estar chorando, como posso sorrir minutos depois. Precisamos de saúde para continuar no mercado de trabalho. Eu tenho experiência com o trabalho, mas é importante o estudo para arrumar algum emprego, ou ocupação. A minha história de vida eu acho boa. Meus pais e avós me ensinaram muitas coisas. A minha maior tristeza foi que perdi dois de meus irmãos. Então, sou feliz com minha idade e agradeço Deus por tudo. Gratidão pela vida, gratidão por tudo.

O relato de „Maria Cândida“ vai ao encontro com o que diz o livro de Bosi (1994, p.47) Memória e Sociedade, no qual o autor assegura que, por meio da memória, não somente o passado surge, agregando-se a convicções que indicam o presente, bem como transfere uma série de instituições construídas pela relação do presente com o passado, ocupando todo o espaçamento da consciência:

pela memória, o passado só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as concepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando espaço todo da consciência.  
A memória aparece como força subjetiva e, ao mesmo tempo, aprofunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Ainda sobre o relato de „Maria Cândida“, de acordo com as abordagens do Josso (2010, p.130) é por meio do texto biográfico, que sentimentos e emoções vêm à tona, revivemos os momentos passados e aprendemos com o que já foi vivido. Nos relatos, geralmente, o relator faz a combinação do passado com o presente e o futuro. Para isso, inicia-se o processo do relato com o passado e se finaliza com a sensação de expectativa por algo que pode aparecer:

falam de sua própria história percebendo como sujeitos da ação num determinado contexto, a partir do qual relacionam com a atualidade e com todas as informações adquiridas posteriormente. Dando um novo sentimento para o vivido, ou seja, resignificando e construindo/reconstruindo a própria identidade, num movimento constante de metamorfose. (HOSSEIN, 2009).

Com isso, o cenário do relato da acadêmica „Maria Cândida“ marca e revela de modo que evidencia suas experiências passadas e mergulha no presente. Para Bruner (2008, p.118), a narrativa se constitui na “capacidade de dar forma à história e à experiência”.

Outro acadêmico da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins, „Assis Wanderley“ afirmou que:

tomei conhecimento da criação do polo da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins por meio do site oficial da Universidade da Maturidade, do governo Municipal, ainda antes da pandemia da Covid-19. Uma boa notícia e uma excelente oportunidade. Procurei a equipe responsável para me inscrever no projeto. Estou feliz pela oportunidade de socialização, de aprender e de compartilhar conhecimentos. A equipe que nos acolhe é de primeira, professores conceituados e nós da UMA, representamos todo o segmento da sociedade paraense. Eu me sinto dentro do processo de inclusão social garantido pelo Estatuto do Idoso. O poder público deve assegurar à pessoa idosa direitos preconizados pela legislação brasileira. Eu me considero uma pessoa experiente na vida, mas não envelhecida. Este ciclo da vida é uma fase maravilhosa. Amo minha família. A nossa convivência é harmoniosa. Sobre a felicidade, a felicidade é um estado de espírito. Eu entendo que a felicidade é todo momento especial da vida. Quanto ao sistema de saúde, eu acredito que falta muita coisa para melhorar. A gente precisa de mais atenção por parte de nossos governantes. Com saúde, a pessoa idosa tem a possibilidade de ser incluído novamente no mercado de trabalho. Considerando a boa expectativa de vida nas últimas décadas, a experiência de homens e mulheres maduros é retorno garantido para a economia do país. A oportunidade de voltar aos estudos é excelente! Acho que nunca é tarde para aprender e compartilhar conhecimentos, aqui na UMA, estamos vivendo este momento, que é um momento de integração e muito especial na vida da pessoa idosa. A minha história de vida é bacana. Nasci em Paraíso do Tocantins e sou de família pioneira. Já contribuí e continuo contribuindo para o desenvolvimento do nosso município. Sou radialista e servidor público. Tenho 60 anos de idade. Não me importo com a idade que tenho hoje, sou agradecido a Deus por todas as bênçãos recebidas.

Nesse cenário, o contador de histórias remete ao passado, emerge o presente e ainda projeta o futuro. A partir disso, sua voz ecoa e viaja por caminhos percorridos e sempre entrelaçados com o presente.

O autor Bruner (2014, p.96) menciona que “É através da narrativa que nós criamos e

recriamos a individualidade; que o eu é o produto de nosso contar e não uma essência a ser persuadida nos recônditos da subjetividade”. O caminho trilhado pelo narrador enaltece as experiências vividas e compartilhadas. Por outro lado, o presente desperta emoções da alma, um tributo à existência humana. Para o referido autor “se nos faltar a capacidade de fabricar histórias, nós mesmos, não existirá uma como a individualidade”.

É nítido o reverberar da voz da pessoa idosa, que permite que os registros da memória dos acadêmicos da UMA reconstruam experiências vividas, tragam marcas do passado cheio de representatividade e se aprofundem no tempo presente. Conforme Bosi (1994, p.91), “O narrador é um mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo”.

Ainda segundo o autor, o narrador, é aquele que narra a sua própria história de vida, responsável por elaborar a sua autobiografia a forma mais segura em que o sujeito pode lembrar o que já viveu, ou seja, é a própria reconstrução da memória. Dessa forma, os detalhes de outrora cruzam com o presente, dando maior significado à trajetória de vida em cenário distinto.

Segundo Mucida (2009, p.15), “a memória constitui-se de traços das experiências vividas, sentidas ou imaginadas”. Esse é um dos meios para conectarmos e manifestarmos a reminiscência. Por que temos que lutar pelos idosos? Porque eles são fonte da essência cultural, em que o passado se conserva e o presente se prepara. (BOSI, 1994, p.45).

O relato do acadêmico „Assis Wanderley“ cria um cenário novo para relacionar a memória a sua experiência de vida, no percurso desse novo tempo. A sua voz transmite a singularidade de um sujeito, ainda capaz de mergulhar em outros cenários da vida.

Constatou-se que a memória dos idosos se une com outras memórias ao rememorar histórias, o que nos encaminha para outro tempo de forma compartilhada, surgindo, desse modo, a memória coletiva. Conforme Halbwachs (2003, p.27), “para evocar o próprio passado em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outros, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade”. Em relação ao que afirma Bosi, “[...] À memória das pessoas também dependeria desse longo e amplo processo, pelo qual sempre “fica” o que significa. [...] (Bosi, 1987, p. 27).

Os idosos, como guardiões do passado, agregam experiências de vida como protagonistas do tempo para nos fazer entender o presente. “Se lembramos, é porque os outros, as situações presentes nos fazem lembrar. O maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, quando nossos amigos ou outros homens nos provocam” Bosi

(1994, p.54). Dessa maneira, evidencia-se que as vivências e experiências de uma pessoa estão guardadas em sua memória como um ser único e singular.

Segue o depoimento do acadêmico da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins „Niltinho Tavares“:

eu tomei conhecimento sobre o Polo da UMA, de Paraíso do Tocantins, por meio do noticiário local e também por outra acadêmica da instituição. Estou feliz por fazer parte da UMA e isso faz dele, uma pessoa melhor e mais participativa, inclusa como aluno. Não vi escolha de pessoas para estudar na UMA, sei que entrei e estou aqui. Ao falar de direitos da pessoa idosa, disse que este direito ele tem. Sou da UMA e isso é um direito meu. Paraíso poderia ter uma casa para idosos morar. Tem muitos idosos passando dificuldades financeiras e dificuldades de convivência familiar. Sou um idoso feliz, que já venceu muitas coisas na vida. Agradeço a Deus todos os dias pelo dom da vida. A velhice vem para todos. Ou envelhece ou morre cedo. Graças a Deus, tenho uma família que me ama. Meus netos são meus filhos duas vezes. Sou feliz demais, pois a felicidade é ter uma família que goste da gente, e que sorte a gente tem de ter ela também. O Sistema de Saúde tem que melhorar. Do jeito que está, muitas pessoas, principalmente, os velhos estão morrendo por falta de atendimento. O idoso precisa ter oportunidade de trabalho. Ainda sou um idoso que aguenta trabalhar, mas isso não acontece com outros. O povo acha que nós não damos conta de mais nada. Voltar a estudar é sinal que os velhos estão de pé, de olho no futuro. A minha história de vida, sempre foi de altos e baixos. Um dia está bom, outro não, e assim vai. Me lembro muito bem dos meus pais, dos ensinamentos deles, para nós, filhos. Vou carregar comigo todos esses ensinamentos para sempre. Os meus 78 anos de idade, para mim, estão bem vividos. Conto a minha idade para qualquer pessoa, pois idade para mim representa experiência de vida. Estou vivendo o melhor momento da minha vida e está tudo muito bom. Tudo é aprendizado. Estou construindo uma nova história aqui na UMA/UFT de Paraíso do Tocantins.

„Niltinho Tavares relata vivências e experiências de vida com simplicidade de quem já viveu momentos bons e outros nem tanto. Seu relato mostra as circunstâncias da vida e que tudo é um aprendizado. Observou-se que o cenário de contação ou narração de histórias trouxe a emoção da experiência e de conhecimentos acumulados no correr dos anos, como se ali houvesse uma biblioteca itinerante.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os textos são o plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem à ficção e se materializam na vida real (RODIRGUES, 2005, p.4).

Ressalta-se que a arte de contar histórias segue a humanidade desde o princípio aos nossos dias. Por meio das narrativas, o ser humano protege a memória, espalha conhecimentos, compartilha saberes, expressa emoção e faz uso harmônico da voz. As histórias que cada pessoa escolhe para guardar em sua memória possibilitam ao contador de histórias ressignificar a sua identidade. Considerando isso, Larosa (1999, p. 52) afirma que “O sentimento do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos de nós mesmos [...], em particular, das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo

tempo, o autor, o narrador e o personagem principal”.

A arte da narração é uma verdadeira engrenagem e esta deve ser presença constante na vida das pessoas. A memória não é um sonho, mas um trabalho, conforme Bosi (1994). É uma tarefa que requer do narrador o empenho que vai do físico à emoção. A oralidade é um ato essencial da vida humana, podendo ser compartilhado entre outras pessoas.

Relatar fatos da vida aproxima as pessoas e ressignifica vivências e experiências. As narrativas aquiescem, independentemente, da forma como são narradas, e disseminam as experiências vivenciadas, no trajeto dos sujeitos informantes. Nesse sentido, Dezin (1984, p. 32) nos instrui que “As pessoas comuns universalizam, através de suas vidas e de suas ações, a época histórica em que vivem”. Dessa forma, a memória é relevante para evolução da história, considerando que é elemento fundamental para se agregar estudos e conhecimentos.

Para Le Goff, (1994, p.424), “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a liberação e não para a servidão dos homens”.

Segue depoimento da acadêmica „Martha Maria“:

eu tomei conhecimento da criação do polo da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins por meio de uma amiga vereadora. Logo me interessei para retomar meus estudos, que há muito tempo deixei. Esta notícia eu recebi há dois anos atrás. Mas com a Covid-19, tudo parou. Mas, estou aqui, na UMA. A acadêmica transmite felicidade e diz que a cada dia, é um novo dia, uma nova história e um novo assunto, disse estar muito feliz pela possibilidade de aprender algo novo todos os dias. Eu me sinto aceita por todos da UMA, incluída nesse grupo da Faculdade da Maturidade. Narra sua participação em projetos sociais importantes, tais como: Liga Feminina do Câncer, Ministra da Eucaristia, entre outros. Ainda trabalho com artesanato e bordado. Queria que houvesse mais investimentos em políticas públicas destinadas à pessoa idosa em Paraíso do Tocantins, tanto em nível estadual, como nacional. Fez elogios ao projeto dos idosos com a existência da UMA em Paraíso do Tocantins. Sou uma pessoa idosa vencedora e que a velhice é normal para todos. Deve ser triste para quem fica falando que é uma pessoa velha. Vivo feliz com minha família. Amo meus netos, pois são filhos duas vezes. Sempre peço a Deus para nunca permitir desfazer a minha mesa, pois nos reunimos em datas festivas e fora delas. A felicidade para mim é estar de bem com a vida. O trabalho é muito importante para o idoso. Tem experiência e é uma forma de ser ativo e valorizado. Estar na UMA é uma alegria muito grande para mim. A possibilidade de aprender coisas novas é uma oportunidade importante para mim, que não consegui continuar com os meus estudos no tempo certo. A minha história de vida teve início e vai terminar um dia, como a história dos meus pais e avós. A minha infância foi na fazenda. Meus pais eram muito tranquilos. Estudamos na fazenda e na cidade. A condução para ir até a escola estudar era um caminhão de bancos de pau. Depois fomos para o colégio na cidade do Paraná, depois em Mato Grosso. Sou feliz com a idade que tenho, pois velhos são os números que se contam todos os anos.

No entanto, Bosi (2003) entende a história individual de um sujeito como ela expandiu durante o percurso da vida, no dia a dia, ou até mesmo na rotina, jamais perdendo sua importância. Em momentos distintos, pode-se reencontrar com o passado, nesse cenário, é como se tudo fosse contado a todo instante por nós mesmos. A memória faz com que

voltemos ao passado, ouvindo as vozes que ecoam no presente. A recordação se institui pelo processo da narrativa, conforme elucidada Bosi (2003, p. 68): “A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a memória”.

Os acontecimentos do passado estão registrados na memória como uma fonte que esclarece o que já ocorreu, ressignificando eventos do passado. Esses momentos memoráveis vêm à tona, quando são evocadas por qualquer pessoa, pois, o passado ainda existe. Ele não passou, visto que habita no presente e replaneja o futuro. Por isso, Bosi (1994) e Halbwachs (1990) consideram a memória como um ato de recordar.

A memória é lembrança viva e plural. Ela aparece quando motivada por eventos do passado. A particularidade da reminiscência, segundo Bosi (1994, p.14), relaciona-se às testemunhas orais, que, quando evocados pelos indivíduos, enaltecem suas vivências. Para a autora, “enquanto evoca, está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência”.

No depoimento proferido em uma conversa de grupo, Bosi (1987, p.49) relata que “seu talento de narrar vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria vida; sua dignidade é a de encontrá-la até o fim sem medo”. Para a acadêmica „Lara Siqueira“, “a criação do polo da UMA/UFT em Paraíso do Tocantins, veio para possibilitar aos idosos momentos de aprendizagem, valorização humana e um jeito novo para o encontro de pessoas de épocas distintas”. Fundamentando o que já foi mencionado, eis o relato de „Lara Siqueira“:

foi bom a existência da UMA/UFT em nossa cidade! Tomei conhecimento desta Universidade da Maturidade através de uma vereadora amiga, que ligou para mim e perguntou se eu não queria fazer parte desta instituição. Na mesma hora disse que queria. Estou aqui. Estou muito feliz em fazer parte da UMA. A pessoa que criou essa universidade aqui em Paraíso está de parabéns. Estou gostando muito. Sinto que é um lugar de bênçãos para mim. Aqui fui bem acolhida pelos professores e coordenadores. Sou feliz aqui, entrei com o pé direito neste lugar. Paraíso do Tocantins bem que podia ter também uma casa de apoio para os idosos, para melhorar a vida de muitos de nós. Acho que falta essa casa nesta cidade. Eu sou uma pessoa idosa, sem frescura, pois venci obstáculos e continuo na luta. Sou uma vencedora com orgulho. Sou aposentada. A velhice para mim é uma das etapas da vida da gente que se tem história para contar. É isso. Encaro numa boa. Vivo em paz com minha família. Eu na minha casa e cada um, na sua casa. Nós nos encontramos muito, principalmente, nas datas comemorativas: dia das mães, dia dos Pais, Natal e Ano Novo. Amo meus netinhos. Felicidade para mim é estar de bem comigo e com os outros. Acho que é por aí. Bem que a saúde poderia ser melhor. Se fosse, a gente viveria melhor. Os políticos deveriam se importar mais com a gente. A gente só trabalha se tiver saúde. E o idoso precisa e deve trabalhar, isso é vida, é ser enxergado pela sociedade. Faz muito tempo que estudei. Quase não tive oportunidades. Meus pais não tiveram condições para isso. De repente, eu com essa idade, estudando é muita sorte para uma velha, beirando os 80 anos. Quando paro e volto no passado de minha vida, vejo tudo com alegria. Meus pais me ensinaram coisas boas para a vida como: respeito, honestidade, correção e ser uma pessoa do bem. Criei meus filhos junto com meu esposo, ensinando para eles coisas boas, assim como meus pais me ensinaram. Amo minha família. Sou feliz! Amo minha idade. Tem muita gente por aí que respeita a gente, que gosta da gente. Agora, na UMA, é que tudo vai ficar melhor ainda.

A acadêmica da UMA relata sua experiência de vida com a leveza da alma. Ela consegue alcançar o passado e viver o presente em sua singularidade. Ademais, mergulha no

passado, entrelaçando-o com o presente em condições de recriar o futuro, e expõe segredos e aprendizados das experiências vividas.

Portanto, percebe-se que as experiências vividas pelos idosos trazem um cenário cheio de representatividade do passado para compartilhar e ressignificar o presente na nossa memória. A UMA/UFT veio para dar representatividade e voz a essas pessoas experientes e vividas, muitas vezes, consideradas excluídas ou párias no mundo contemporâneo. Fazer o relato de sua experiência de vida é desenhar os eventos e os anseios atuais. Como Bosi (1994, p.91) definiu, “A arte de narrar é uma relação de alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana”.

Descrever as vivências e as experiências desses idosos é refazer caminhos, aprender e reaprender com o passado e com o presente, além de apresentar uma perspectiva para o futuro próximo. Bosi (2012, p.62) enfatiza que: “Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu” Para apropriar-se da própria trajetória de vida, da qual o indivíduo é condutor, faz-se necessário provocar eventos em que essas experiências de vida sejam recordadas, ressignificadas e relevadas em diversos lugares, mesmo que esse tipo de atividade esteja escasso. Raramente, as pessoas idosas têm oportunidade para compartilhar suas vivências e suas experiências, o que faz essas pessoas se sentirem solitárias e desprovidas de diálogo, muitas vezes, por falta de acolhimento e empatia.

Em tempo recente, a acadêmica do polo da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins fez do cenário escolhido, a UMA, um lugar de encontro com o seu passado e presente. A partir desse protagonismo, ela marcou território com suas lindas experiências de vida. Nesse sentido, dar direito e voz a quem tem direito é permitir que o cidadão refaça caminhos agregando o passado e o presente. Assim, „Lara Siqueira“ (2022) comunga sua história e memória, busca sua identidade e enaltece a sua experiência de vida como forma de pertencimento. Então, “[...] a memória é a reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida” (BOSI, 1994, p.10).

„Maria Eduarda“, acadêmica da UMA/UFT, relata:

eu estava em casa, sem saber que existia a UMA, aqui em Paraíso. Aí uma amiga me ligou perguntando se eu não queria ser aluna da UMA. Mais que depressa, fiz a minha matrícula, participei da aula inaugural com muita gente. Daí, fiquei sabendo direitinho sobre a Universidade da Maturidade. Estou muito agradecida de fazer parte da UMA. Está sendo uma terapia para mim. Estou saindo de casa para aprender coisas novas. Quero ficar na UMA por muito tempo. Estar aqui é um direito de todos nós que somos velhos. Tem que ter dinheiro para bancar nós aqui. Aqui em Paraíso, tem que ter casa de apoio para nós idosos. Há muitos velhos jogados às traças. Fico triste com isso. A gente ser idosa não significa que já morremos não. Ainda tenho muitas coisas para viver pela frente. Assim, vou vencendo. A velhice para mim está sendo uma etapa da vida muito boa. Já vivi tantas coisas boas, que as ruins nem me lembro mais. A vivência com meus filhos, netos e todos da família é tudo de bom. Amo de paixão, hoje sou dependente deles, mas mesmo assim, sou uma velha feliz. Sou bem tratada por todos eles. Estou desfrutando da minha velhice com minha família. Nós, velhos, precisamos de saúde boa. Os políticos precisam melhorar a saúde pública. Há muitos velhos sem atendimentos nos postinhos, no Hospital Regional também e por aí vai. Porque se nós não tivermos saúde, a gente tem que parar de trabalhar. Isso não é bom. Nós sabemos atender o povo direitinho. E agora estudando na UMA é que a coisa está boa, estamos sendo vistos. O povo está vendo nosso esforço. Vamos nos formar, receber o diploma e tudo mais. A professora de Palmas falou no dia da aula inaugural que a minha história de vida é grande, mas não vou contar tudo não. Sou de família humilde, mas trabalhadora. Meus pais nos criou com muito amor e respeito, principalmente, a respeitar os mais velhos. Tive dois filhos. Criei sozinha, trabalhando, tenho meus netos que amo muito. Não me lembro de negócio de infância e de adolescência. Na minha época, não tinha isso. Hoje, é tudo melindroso. No meu tempo, filho respeitava pai, mãe e as pessoas mais velhas. Hoje, isso acabou. Tenho saudades daquele tempo... foi uma época sofrida, mas tinha paz, não tinha tantas coisas ruins. Essa conversa está muito boa, estou gostando muito. Nunca pensei que ia falar um dia tudo isso. Estou feliz! Eu me acho ainda nova e pronta para novos desafios. Tenho 61 anos de idade e isso não me incomoda nem um pouco.

Os autores Simpson e Giglio (2006) admitem que, mesmo com as perdas e restrições de ordem biológica, a pessoa idosa, de modo geral, é capaz de manter competências e habilidades intelectuais. A soma de experiências consente que algumas pessoas idosas possam chegar a um elevado grau de aperfeiçoamento e dominação em diferentes áreas de qualquer prática de atividade humana.

Citam-se práticas de atividade como narrar, interpretar o tempo passado e refletir o presente à luz da vivência preexistente como aspectos que podem ser exercidos, muitas vezes, de maneira plena, pelos idosos. Para o autor Izquierdo (2022, p.3,4), “Memória é conquista, saber e preservação de conhecimentos”. De acordo com Benjamim (1944), a experiência percorre caminhos, passa por diferentes sujeitos e, dessa forma, pode-se dizer que é o percurso que todos os narradores recorrem. Assim: “O narrador retira da experiência o que dá conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorporar as coisas narradas à experiência de seus ouvintes”.

Narrar histórias é uma arte e deve estar presente na vida de qualquer pessoa. Desse

modo, busca-se evidenciar, por meio da memória e história dos idosos da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins, as experiências de vida desses cidadãos, que trazem consigo os aprendizados adquiridos ao longo dos anos. Segundo Le Goff (1990, p.423), a memória é “[...] um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Com esse conceito, verifica-se que a memória é um processo reconstrutivo e possuidora de funções de grandeza social.

Segundo Bosi (1994, p.55), nos sensibiliza que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado... A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição do conjunto de representações que provam nossa consciência atual”.

Nesse viés, para a acadêmica „Didi Marinho“, falar do passado e presente é, exatamente, comungar com a referência da verdade singular e ressignificar sua história de vida na contemporaneidade como marca de sua trajetória no decorrer do tempo.

Segundo Lee Goff (1990, p.471): “a maioria é onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma coletiva, viva para libertação e não para a servidão dos homens”.

O desenho de vida da acadêmica ao falar do passado e do presente permite ecoar sua voz, refazer percursos para entrelaçar caminhos entre o passado e o presente, haja vista que a memória constitui identidade e, sobretudo, dar significados aos eventos. A memória é a referência que comprova o vivido, com retorno ao passado, registrado e expressado com narrativas. Dessa forma, reitera-se que “O passado conserva-se e além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma harmônica”. Bosi (1994, p.48).

Oportunizar e ouvir aqueles que guardavam, na memória, o relato de experiências vividas é possibilitar que esses sujeitos possam contribuir para sua identidade. O pensamento de Bosi (1987) aponta que o desenho que permanece após eventos vividos constitui a memória. Como exemplo, o depoimento da acadêmica „Didi Marinho“:

tomei conhecimento do polo da UMA em Paraíso do Tocantins conversando com uma amiga minha. Ela me disse que era a Universidade da Maturidade que estava sendo criada em Paraíso. Agora sou aluna da UMA. Estou me derretendo de felicidade. Estou vivendo o que não tive oportunidade, quando era jovem. Fui acolhida por todos da UMA, tanto por professores, quanto por coordenadores. Faço parte desta instituição. Somos uma família. Eu, não entendo quase nada de políticas públicas. Acho que deveria haver várias instituições como esta no Tocantins. Paraíso tem programas para idoso, já fui em algumas vezes dançar lá... Mas é bom ter também uma casa só para idosos, tem muita gente idosa sofrendo, sem um acolhimento devido. Sou idosa com orgulho. Por isso, já me sinto vencedora. A velhice vem para todos e é um privilégio. Quem não envelhece, morre cedo. Sou feliz com minha família. Tenho meus netos que amo demais. São filhos duas vezes. A felicidade para mim é amar, ter paz, saúde, esperança, viver alegre e participar das coisas boas que Deus nos deu. Eu já trabalhei muito. Hoje, com a idade que tenho, não tenho preguiça de trabalhar, isso para mim é vida. Minha família me incentiva muito para meus estudos aqui na UMA. Vão fazer uma festa para mim na formatura. A minha história de vida foi cheia de altos e baixos. Tive muitas perdas. Aos 13 anos perdi meu pai e minha mãe criou 9 filhos. Ela faleceu há muitos anos. Morei no Rio Grande do Sul, Paraná e agora moro aqui em Paraíso. Hoje me considero uma pessoa idosa, mas feliz aos 81 anos.

Conforme Halbwachs (2003, p.72), “para escoar o próprio passado, em geral, as pessoas precisam recorrer às lembranças de outras e se transportam a pontos de referências que existem fora de si, determinados pela sociedade”. Por outro lado, Bosi (1994), ao referir-se sobre a procura pela felicidade, indicada pelas lembranças, relata que a sociedade, de modo geral, esvaziou da pessoa idosa o tempo de experiências relevantes.

Com isso, o idoso torna-se sujeito do tempo, a fim de procurar, em outro momento, ânimo para reverter o tempo presente em relevante. O referido autor ainda enfatiza que “a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião a alegria de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma nova finalidade ao encontrar ouvidos atentos, ressonância” (BOSI 1994, p.82).

O relato da acadêmica internaliza, nesse cenário agregador da felicidade, lembranças e experiências que marcaram e marcam sua trajetória de vida, oportunidade significativa de fazer um elo com o passado e o presente. Com isso, a acadêmica demonstra a voz de quem já viveu muito, tem sabedoria, histórias para contar e experiência longeva ecoando por todo lugar de singularidade e subjetividade.

A busca por conhecer o que há armazenado na memória e experiências vivida por uma pessoa pode constatar modificações já experimentadas com o processo do envelhecimento. Nessa direção, o vivido é o caminho experimentado e propagado de modo que “o que está em jogo na memória é também o sentido de identidade individual e de grupo”, segundo desenha defende Pollak (1989, p.9). É nesse caminho que se pode ter a chave para entrar nos eventos importantes do processo da vida. O passado indica as experiências vividas pela pessoa idosa. Desse modo, ela constrói sua identidade e busca reconstruir a si mesma por meio duradouro

entre o trajeto vivido e conhecido.

Desse modo, “ao evocar e narrar fatos importantes da história de vida e de suas lembranças, o sujeito emite a definição de si mesmo e se identifica por meio do vivido e evidenciado sobre sua trajetória de vida singular”(GAUER, & GOMES, 2008). As experiências de vida das pessoas nos lugares sociais de convívio devem ser consideradas importantes, pois a memória “opera com grande liberdade, escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas se relacionam por meio de índices comuns”. Partindo dos fatos relatados da memória “incide o brilho de um significado coletivo” (BOSI, 2003, p.31).

As descrições individuais são olhadas como recanto dos indivíduos ao interpretar a própria história. “A retórica equivale à expressão da reminiscência desse indivíduo que move a habilidade psíquica de lembrar preferências humanas de manter certas referências que envolvem o passado”(LEE GOFF, 2003). Considerando as descrições desses indivíduos, indica-se, como processo inovador dessa comunicação, a narrativa e memória de quem tem direito à voz.

De acordo com Vergara (2004, p.31), “a memória não trava uma luta com o esquecimento, mas se move na direção da verdade que emerge do relato. Ela é o protótipo temporal de toda a narração”. Considerando esse aspecto, a Universidade da Maturidade, UMA/UFT, representa a pessoa idosa a partir do passado, o enlace com o presente e a recriação do futuro. Nesse ínterim, ocorre a retomada do tempo vivido desses sujeitos, donos de suas próprias histórias e protagonistas de suas vozes.

Nessa perspectiva de valorizar a história e a memória de um povo, buscou-se ouvir a história de uma voz única e singular, permeada pela verdade fundamentada nas palavras da autobiografia de um acadêmico da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins, em que ele exhibe sua sabedoria e a permite ser compartilhada pelo caminho vivido. Segundo Busatto ( 2006, p.25):

O contador de histórias se mantém vivo, ativo, desafiando as novas tecnologias e apropriando-se delas com sua arte de narrar. Vale lembrar também que a contação de histórias permite ao sujeito que conta e ao sujeito que ouve um contato com dimensões do seu ser e da realidade que o cerca.

Outro acadêmico, „Mauro Batista“, relata:

a chegada da UMA/UFT em nossa cidade trouxe alegria para todos nós. Para mim, está sendo maravilhoso! Tomei conhecimento da criação do polo da UMA em Paraíso, por meio de minha cunhada. Fui atrás de todas as informações para mim. Fez a minha matrícula e me deu todo o apoio necessário. A gente quando fica velho, pouca gente se importa conosco. É um lugar onde estou me sentindo bem acolhido, graças a Deus. Estou me sentindo um jovem outra vez. Feliz pela oportunidade de estar num ambiente saudável como este. Agradeço a Deus, aos professores e coordenadores por tudo isso. É muita felicidade! Antes de fazer parte da UMA, às vezes me sentia sozinho, mas agora, já consigo ver as coisas diferentes. Muitas vezes, me sentia excluído pela sociedade, às vezes sim, pela idade, pelo poder aquisitivo. Mas isso não importa. O que importa é que, aos 59 anos de idade me sinto um homem maduro, com capacidade para ter uma convivência de boa com todos, graças a Deus. Tenho uma deficiência, porém, convivo muito bem com ela. Bom seria para as pessoas idosas, se seus direitos previstos em lei fossem devidamente respeitados e aplicados. O Estatuto do Idoso e a Constituição Federal são claros quanto aos nossos direitos. Aqui em Paraíso, falta muita coisa para que o idoso possa ser atendido como está escrito nas leis. As calçadas são desniveladas, o acesso para entrar no comércio é muito ruim. Falta um lugar de apoio para os idosos considerados sem famílias, entre outras coisas. Vixe, sou uma pessoa vencedora! Gosto do que faço. Levanto todos os dias de cabeça erguida, sem medo de ser feliz. Vivo bem com minha família e familiares. É uma relação harmoniosa, de princípios e temor a Deus. Só agradecimento. Sou o vô mais feliz do mundo. Apaixonado pelos meus netos. A velhice é uma etapa da vida e deve ser encarada com naturalidade. Não vejo erro nisso. Quem não envelhece, alguma coisa acontece. A felicidade para mim é um sentimento que brota do coração. Não há felicidade sem amor ao próximo. O sistema de saúde de todo o Brasil continua precário. É lamentável dar esse testemunho, mas é a verdade que vivenciamos. O idoso deve, sim, continuar no mercado de trabalho. A pessoa idosa já trabalhou e é portador de uma grande experiência. Trabalho para todos aqueles que ainda têm condições para isso. Estou satisfeito em prosseguir estudando. É uma terapia. Ainda pretendo fazer uma faculdade de direito. Aprender sempre é bom. Estou aprendendo com meus professores e colegas. É uma maravilha tudo isso que está acontecendo conosco. Descrever sobre minha vida, eu posso dizer que já tive momentos bons e ruins. Bom, pela vida que Deus me deu. Ruim, por deficiente, sofrer preconceito por parte da nossa sociedade. Tudo superado. Hoje vou pra tudo quanto é lugar, sem medo de ser feliz. Sou pastor e me envolvo com várias causas sociais. Estou com 57 anos de idade com poliomielite. Já sofri preconceitos, discriminação, mas isso não importa mais nada para mim. Sou formado em Teologia e não quero parar de aprender. Não importa a minha idade, o que importa é ser feliz.

O relato noticiado por esse acadêmico indica o testemunho individual e coletivo representado pela experiência e vivência entre gerações. A memória humana constrói um caminho em linha paralela ao passado. Desse modo, a memória é considerada “um fenômeno sempre atual, um elo vivo no eterno presente” (NORA, 1993, p. 9). Além disso, ela é uma corrente de conexões que liga os sentidos e chega aos ouvidos.

É importante destacar que, segundo Bosi (1994, p.84), a memória é a “capacidade épica por excelência”. Reafirmando essa definição, constata-se que as narrções de histórias florescem a memória da pessoa idosa como qualidade de vida, aproximando o passado, presente e futuro. Entretanto, ao se referir ao futuro, muitas pessoas, às vezes, passam a ignorar o futuro do ancião, considerando o público envelhecido como se a sua história não

ressignificasse o presente.

Por fim, partindo do princípio que a OMS (2005) preconiza o estímulo à participação dos idosos em grupos, ressalta-se a importância de se promover a valorização de experiências positivas e estimular a reedição da velhice, contribuindo para a tomada de consciência da pessoa idosa quanto as suas responsabilidades e direitos sociais.

A Universidade da Maturidade busca impulsionar esse processo, de maneira a despertar possibilidades e potenciais existentes na maturidade em nossos tempos. Ao considerar que esta é a população etária que mais cresce, as alternativas de sua contribuição para o desenvolvimento humano e econômico passam a ser ilimitadas em nosso Município. Assim, a UMA/UFT de Paraíso do Tocantins trabalha pela otimização das condições de vida da população, visando a equacionar diferentes interesses em relação à saúde física e mental, educação, cultura e lazer, além de acesso às políticas públicas de nossa cidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a implantação e implementação do polo da Universidade da Maturidade - UMA/UFT da Universidade Federal do Tocantins -UMA/UFT- de Paraíso do Tocantins, dispôs sobre a importância em compreender, nas vozes dos acadêmicos da referida Universidade, suas histórias e experiências de vida sobre políticas públicas de atendimento à pessoa idosa, bem como, o fenômeno do envelhecimento humano.

Compreendendo a importância da implantação e implementação do referido polo, como política social de atendimento à pessoa idosa que traz consigo experiências vividas ao longo do tempo, como sujeito singular e protagonista de sua própria história, isto é, um local onde todos aprendem e ensinam por meio de suas histórias e memórias. Desse modo, pode-se afirmar que esta pesquisa evidenciou a exuberância dessa geração de ouro com direito a ressignificar sua própria existência.

Essa evidência ocorreu por meio das conversas de rodas e das entrevistas com os acadêmicos da UMA, cujas narrativas percorreram caminhos entrelaçados em momentos distintos. Com isso, os participantes lembraram momentos difíceis, mas, também, não se esqueceram dos ensinamentos dos pais e avós, da constituição da família, do amor aos netos ou das perdas de pessoas queridas. Dessa maneira, construiu-se um aprendizado que agregou outros conhecimentos e foi possível perceber os sentimentos que transpareciam o passado e presente de cada entrevistado.

Outrossim, essa pesquisa destacou o trabalho desenvolvido pela UMA, em oportunizar a voz de quem tem direito, ou seja, os acadêmicos idosos, pelo seu passado e presente, com uma visão futurista para que o grupo etário seja visto e respeitado por toda sociedade, considerando o legado em vida que esses sujeitos carregam por décadas.

O polo da UMA de Paraíso do Tocantins é privilegiado com um corpo docente de excelência, profissionais altamente qualificados para o atendimento educacional. Partilham saberes entre gerações. São motivadores de esperança, sucesso e promotores de transformação social na vida desses idosos.

Ser professor da primeira turma de acadêmicos da UMA de Paraíso, é, primeiramente, ter a oportunidade de vivenciar experiências de um grupo que representa a história e memória, construída ao longo do tempo.

Certamente, a implantação e implementação do polo da UMA em Paraíso do Tocantins, foi um dos mais belos projetos de valorização indicado à pessoa idosa.

Esses acadêmicos são pessoas idôneas, valorosas e cheias de vontade para aprender e

interagir um com o outro. São motivadores de si mesmos e conseguem transmitir conhecimentos acumulados ao longo dos anos. Suas experiências de vida é o marco para um novo tempo.

Assiduidade às aulas desses acadêmicos tem validado o quanto a UMA proporciona uma vida nova para todos. Nesse novo cenário de construção de saberes entre gerações, é possível verificar em cada gesto, a grandeza que carrega consigo.

O polo da UMA como cenário de educação intergeracional e de representatividade que envolve amor, alegria, esperança, gratidão, resiliência e partilha entre esses sujeitos contemporâneos é, também, lugar para mergulhar no passado, entrelaçando com o presente.

O estudo demonstrou, ainda, que refletir sobre o cenário da história e memória dos idosos é, sobretudo, valorizar a existência da condição humana e compreender que o momento presente, reflete o caminho trilhado por essa geração. A experiência vivida pelos entrevistados e entrevistadora permitiu o encontro de gerações, sem se importarem com a idade que tem. O cenário das entrevistas, alvejou-se o pódio da autobiografia.

Ressalta-se que, por meio das vozes dos acadêmicos, o envelhecimento humano foi considerado um fenômeno amplo, de representatividade da existência humana, ou seja, um processo natural da vida que se inicia ao nascer e termina ao morrer. Certamente, o envelhecimento vai além de ser um fenômeno de um povo, ele é, sobretudo, uma experiência singular que nasce do indivíduo. Assim, viver essa realidade é comungar momentos, fases, épocas, alegrias e tristezas, ou seja, é o reencontro consigo.

As vozes dos acadêmicos ecoaram validando o passado e o momento atual. O sentimento foi de pertencimento de sua própria história e viu-se o brilho transparecer no rosto de cada acadêmico, narrando seu passado e evocando o presente em um cenário novo, de uma nova história de vida. Dessa maneira, foi possível perceber a singularidade individual dos acadêmicos da UMA de Paraíso do Tocantins.

Portanto, o resultado da pesquisa com acadêmicos do polo da Universidade da Maturidade – UMA/UFT da Universidade Federal do Tocantins apontou e validou a importância da educação intergeracional como uma política social de inclusão, ou seja, o encontro de gerações, para desenvolver atividades de forma dinâmica, participativa, colaborativa e interativa em um espaço acadêmico. Nesse ambiente, os idosos acadêmicos puderam narrar suas histórias e experiências de vida ao longo do tempo. Com isso, suas memórias fluíram, lembrando o passado, entrelaçando-o com o presente e, ainda, projetando o futuro.

Por fim, constatou-se que o polo da UMA de Paraíso do Tocantins trouxe alegria, valorização, aprendizagem, troca de experiências, integração entre gerações, garantia de direitos constitucionais, direito à voz, respeito à diversidade e, sobretudo, a dimensão da condição humana.

## REFERÊNCIAS

- AGICH, G. J. **Dependência e autonomia na velhice**: um modelo ético para o cuidado de longo prazo. São Paulo: Loyola, Centro Universitário São Camilo, 2008.
- ALCÂNTARA, A. O. ; GIACOMIN, K.C. Fundo Nacional do Idoso: Um instrumento de fortalecimento dos Conselhos e de garantia de direitos da pessoa idosa. **Revista Kairós Gerontologia**, vol. 16, n. 01, São Paulo/SP, p. 143 – 166, 2013.
- ALMEIDA, R. C. **Memórias do rio do Monjolinho**: o processo de urbanização e os impactos sobre os recursos hídricos. Dissertação (Mestrado). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo: São Carlos, p. 28-33, 2001.
- ALMEIDA, J. A. M. **Sobre a Anamorfose**: identidade e emancipação na velhice. 2005. 251 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.
- ALONSO, F. R. B. **Como envelhece uma população**: uma análise demográfica dos componentes do crescimento populacional que conduziram ao acentuado e peculiar processo de envelhecimento da população do município de Santos. São Paulo. *In*: XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambú, Minas Gerais, 2010.
- ATTIAS-DONFUT, C. **Génération et âges de la vie**. Paris: PUF, 1991. 85, p.
- BARROS, M. M. L. Memória e família. **Revista Estudo Históricas**, v.2, n.3, p.29-42, 1989.
- BARTHES, R. **Análise estrutural da narrativa**. 7ª edição. Editora: Vozes. 2001.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990. 12 -136 p.
- \_\_\_\_\_ **A velhice**: realidade incômoda. 2 ed.,DIFEL, São Paulo. 1976 , 339 p.
- BEHAR, P. A. *et al.* **Trabalho voluntário e inclusão digital**: indicadores para uma qualidade de vida. *In*: TERRA, Newton Luiz; BÓS, Ângelo José Gonçalves. 2013.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas - magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERG, B. L. **Qualitative research methods for the social sciences**. Pearson, 2001.
- BIELBY, D.; PAPALIA, D. Moral Development and Perceptual Role Taking: their development and interrelationship across the lifespan. **International Journal of Aging and Human Development**, Denton: v.6, p.293-308, 1975.
- BOBBIO, N. **O tempo da memória**: de senectude e outros escritos autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus.1997. 30-53 p.
- BODEN, D.; BIELBY, D. The Past as Resource: a conversational analysis of

elderly talk. *Human Development*, **Berkeley**: v.26, p.308-319, 1983.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S.K. **Qualitative research for education: an introduction to theory and methods**. Boston, Allyn and Bacon, 1992.

BOURGEOIS, L. A intervenção Educativa na Velhice. *In: I Encontro Iberoamericano: a intervenção educativa da velhice desde a perspectiva de uma pedagogia social*, Caxias do Sul. **Anais**, p. 11-28, 2002.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade. Lembranças de velhos**. 17ª ed.. São Paulo: T. A. Queiroz, 2012. 60-62 p.

\_\_\_\_\_. **O tempo vivo da memória. Ensaio de psicologia social**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003. 15-53p.

\_\_\_\_\_. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Edusp, 1987. 27-49 p.

BRANDÃO, H. P.; BAHRY, C. P. Gestão por competências: métodos e técnicas para o mapeamento de competências. **Revista do Serviço Público**, vol. 56, n. 2, p. 179-194, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. **Estatuto do Idoso** / Ministério da Saúde - 3. ed. Brasília : Ministério da Saúde, 2013. 70p.

\_\_\_\_\_. Governo Federal. **Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998**: Lei Brasileira dos Direitos Autorais.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Política Nacional do Idoso. Acesso em 20 de Abril 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.213 de 20 de Janeiro de 2010**. Fundo Nacional do Idoso. Acesso em 20 de Abril 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Diretrizes e bases da educação nacional.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Brasília. DF.

BREDEMEIER, S. M. L. Conselho do idoso como espaço público. **Revista Serviço Social e Sociedade**, v. 24, Ano XXIV, n. 75 especial, p. 86, 2003.

BRUNER, J. **Fabricando histórias-direito, literatura, vida**. Trad. Fernando Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014. 96p.

\_\_\_\_\_. NERI, J. S. **Sobre o conhecimento**: ensaios da mão esquerda. São Paulo: Phorte, 2008. 118 p.

BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006. 25p.

CABRAL, B. E. S. L. A vida começa todo dia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 159-168, 1997.

CACHIONI, M.; NERI, A. L. **Educação e velhice bem-sucedida no contexto das universidades da terceira idade**. In: NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (org.). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2004. 29-49 p.

CACHIONI, M. **Universidade da terceira idade**: das origens à experiência brasileira. In: NERI, A.L.; DEBERT, G.G. (Org.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1999. 141-178p.

CAMARANO, A. A. **Envelhecimento da População Brasileira**: Uma contribuição Demográfica. Texto para a discussão nº 858, RJ: IPEA, 2002.

CAMARANO, A. A. **Os novos idosos brasileiros. Muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004. 86 p.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 150 p.

CARVALHO J.A.M.; WONG, R.A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, maio/junho, 2003.

CRITELLI, D. M. **História pessoal e sentido da vida**: Historiobiografia. São Paulo: ed. EducPucSp, 2012. 51p.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999. 14-60 p.

DENCKER, A. de F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 4. ed. São Paulo: Futura, 2000.

DENZIM, N.K. Interpretando as Vidas das Pessoas Comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner. dados - **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v.27, n.1, p.29-43, 1984.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: ARTMED, 2002

FRANÇA, L.H. e SOARES, N. E. **A Importância das Relações Intergeracionais na Quebra de Preconceitos Contra a Velhice**. In: *Relume Dumará, Terceira Idade: Desafios para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro, RJ, 1997. 151p.

FREIRE P. **À sombra desta mangueira**: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2012.91p.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. 34p.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud Rio de Janeiro: **Imago** v. 19, 1924.

GARCIA, S. G. **Destino Ímpar**: Sobre a Formação de Florestan Fernandes. São Paulo, 2002. 21p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, p. 58, 2007.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de pesquisa Social**, 6ªed. 2008. 21p.

GLENE, C. **Becoming qualitative researchers**: An introduction. 5th Edition. London: Pearson. 2015.

GOLDMAN, S. **Velhice e direitos sociais**. In GOLDMAN, S. Et all. (orgs.). Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia? Rio de Janeiro: CBCISS; ANG/Seção Rio de Janeiro, 2000.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003.

GROISMAN, D. Velhice e história: perspectivas teóricas. In: Envelhecimento e Saúde Mental: uma aproximação multidisciplinar. **Cadernos IPUB**, Rio de Janeiro, IPUB/UFRJ, n. 10, Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - IBOPE mídia, p.44, 1999.

GROISMAN, D. **A infância do asilo**: a institucionalização da velhice no Rio de Janeiro da virada do século. 1999. 124f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social da UFRJ, Rio de Janeiro. Disponível em: [IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=254511&indexSearch=ID](https://isicript.ufrj.br/iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=254511&indexSearch=ID). Acesso em: 24 fev. 2022.

GAUER, G., & Gomes, W. B. **Recordação autobiográfica**: reconsiderando dados fenomenais e correlatos neurais. *Aletheia*, 27(1), p.36-50, 2008.

GUIMARÃES, R. M. Ciência, tempo e vida. **Arquivos de Geriatria e Gerontologia**, v. 1, n. 1, 1997.

HADDAD, Sérgio. **Por uma nova cultura de educação de jovens e adultos**: um balanço de experiências de poder local. In: HADDAD, Sérgio. et al. *Novos Caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Global, 2007. 7-49p.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003. 27-72p.

\_\_\_\_\_, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice/Editora **Revista dos Tribunais**, 1990.

HOSSEIN, T. S. **O sujeito singular-plural - narrativas de vida, identidade, docência e educação continuada do professor**. X Sala de Iniciação Científica, PUCRS, 2009.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2010.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: ARTMED, 2002

JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: PAULUS; Natal: EDUFRN, 2010. 130p.

KACHAR, V. **A Terceira Idade e o Computador: Interação e Produção no Ambiente Educacional Interdisciplinar**. São Paulo: PUC/SP, 2001. 206f. Tese de Doutorado em Educação.

KALACHE, A. et al. Envelhecimento e desigualdades: políticas de proteção social aos idosos em função da Pandemia Covid-19 no Brasil. **Revista Brasileira Geriatria Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 1-3, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.200122>

KALACHE, A.; VERAS, R. P.; RAMOS, L.R. O envelhecimento da população mundial. Um desafio novo. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, p. 200-219, 1987. <https://doi.org/10.1590/S0034-89101987000300005>.

LARROSA, J. **Pedagogia profana – danças piruetas e mascaradas**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 26p.

\_\_\_\_\_. **Tremores**: escritos sobre experiência; tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 18p.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ, 1999. 339p.

LEBRÃO, Maria Lúcia. O Envelhecimento no Brasil: Aspectos da Transição Demográfica e Epidemiológica. **Revista Saúde Coletiva**, São Paulo/SP, ano 4, vol. 17, Editorial Boliva, p. 135-140, 2007.

LE GOFF, J. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 423p.

\_\_\_\_\_. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. 3ª ed. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1994. 424p.

\_\_\_\_\_. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003. 419p.

LEONE, E. T.; MAIA, G. A.; BALTAR, E. P. Mudanças na composição das famílias e impacto sobre a redução da pobreza no Brasil. Campinas: **Economia e Sociedade**, v19, p.1, 2010.

LIMA, M. **O idoso aprendiz**. São Paulo. 2006. Disponível em: <http://www.portalenvelhecimento.net/acervo/pforum/evve1.html>. Acesso em: 13 jan.2022.

LOPES, J. de F. **Relações intergeracionais: um estudo sobre as interações entre os avós e seus netos jovens.** 2021. 151 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2021.

MAGALHÃES, D. N. Intergeracionalidade e cidadania. *In: PAZ.* 2000. 37p.

MANNION, Greg. Intergenerational Education: The significance of reciprocity and Place. **Journal of Intergenerational Relationships**, v. 10, n.4, p. 386-399, 2012. Doi:10.1080/15350770.2012.726601.

MARTINELLI, J. **O Que Significa Envelhecimento Ativo e Saudável?** Portal do Idoso, publicado em 26 de fevereiro de 2020.

MASCARO, S.A. **O que é velhice.** São Paulo: Brasiliense, 1997. 35p.

MATOS, P. R. M. A. de. Ser-se mais do que velho: tempo, memória e velhice no contexto de um Lar. *In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, 8. 2004, Coimbra. **Anais.** Coimbra: CES, p. 1-22, 2004. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel64/PATriciaMatos.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

MÉSZÁROS, I. **A educação para além do capital.** São Paulo: Boitempo, 2008. 47p.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalista da velhice.** Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: Aleph, 1999. 18-28p.

MINAYO & E. A. C. Jr. (org.). **Antropologia, Saúde e Envelhecimento.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. 191-209p.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec. (2000).

MORAGAS, R. **Gerontologia Social.** São Paulo: Paulinas. 1997.

MOREIRA, M. de M. **O envelhecimento da população brasileira: intensidade, feminização e dependência.** Universidade Federal de Pernambuco, 1998. 2p.

MOREIRA, M. de M. **Envelhecimento da população brasileira: aspectos gerais.** In WONG, Laura L. Rodriguez (Org.). O envelhecimento da população brasileira e o aumento da longevidade. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar: ABEP, 2001.

MOTT, L. C. G. **O desafio da Educação na Terceira Idade.** *In: NACIF, P. G. S. et al (org.). Confitea Brasil +6: tema central e oficinas temáticas.* Brasília: MEC/Secad, 2016. 259-267p.

MUCIDA, Â. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice.** Belo Horizonte MG, 2006. p.32p.

MUCIDA, Â. **Escrita de uma memória que não se apaga-Envelhecimento e velhice.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 15p.

NERI, A. L. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. As políticas de atendimento aos direitos da pessoa idosa expressas no Estatuto do Idoso. **A Terceira Idade**, v. 16, p. 7-24, 2005.

\_\_\_\_\_. **Envelhecer num país de jovens. Significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991. 88p.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: Projeto História. São Paulo, 1993.

OMS. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília, DF: OPAS, 2005. 8p.

OSÓRIO, B. N. *et al.* **O velho, a violência e a educação: reflexões sobre a violência com velhos em Palmas/TO**. In: SANTANA, J. *et al.*. Resiliências Educativas. Goiânia: Ed. América, p. 209- 227, 2013.

OLIVEIRA, S. L. **Metodologia científica aplicada ao direito**. São Paulo: Thomson Learning, 2002. 50p.

OLIVEIRA, A. S. **Envelhecimento Populacional e o surgimento de novas demandas de políticas públicas em Viana/ES**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, 2015.

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa: abordagem teóricoprática**. Campinas: Papyrus, 2004. 74p.

PALMEIRÃO, C., & MENEZES, I. **A interação geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações**. A Animação Sociocultural na Terceira Idade. 2009. 22-35p.

PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2002. 10p.

Política Nacional do Idoso: **Lei 8.842 de 04/01/1994**. Brasília: MPAS, SAS, 1997.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, p.9, 1989.

PRETTI, D. **A Linguagem dos Idosos: um estudo da análise da conversação**. São Paulo: Contexto, 1991.

RAMOS, A. C. **Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças**. Porto Alegre, 2011. 463 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32306/000785424.pdf?seque nce=1&isAll owed=y>. Acesso em: 07 jan. 2022.

RANDALL, L. Narrative intelligence and the novelty of our lives. **Journal of Aging Studies**, v. 13, n.1, p. 8-18, 2002.

RIBEIRO, Ó. ; PAÚL, C. **Manual de envelhecimento**. Lisboa: Lidel Edições técnica, Lda, 2011. ISBN 978-972-75-77-392.

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005. 4p.

SALGADO, J. C. O Estado ético e o Estado poiético. **Revista do Tribunal de Contas de Minas Gerais**, v. 27, n. 2, 1998.

ROUSSO, H. **A memória não é mais o que era**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). Usos & abusos da história oral. 5 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002. 93-101p.

SÁEZ, J. **Hacia la educación intergeneracional**: Concepto y posibilidades. In J. Sáez (Coord.), *Pedagogía social y programas intergeneracionales: Educación de personas mayores*. Málaga: Aljibe, 2002. 99–112p.

SANTAMARINA, C.; MARINAS, J.M. Histórias de Vida e História Oral. DELGADO, Juan M, GUTIÉRREZ, Juan (org). *Métodos e Técnicas qualitativas de Investigação em Ciências Sociais*. Madri: Síntesis, p.259-287, 1995.

SANTOS, B. F. *et al.* Identificação das crenças em relação à velhice e ganhos percebidos de professores do CIEJA. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 119-141, jun. 2011.

SENA, T. B. de. O envelhecimento na sala de aula: A importância de atividades educativas intergeracionais na educação básica. **Revista portal de divulgação**, n.15, out. 2011. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php> Acesso em: 18 jul. 2015.

SILVA, M. L. L. da. **Trabalho e População em Situação de Rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009. 12p.

SILVA, R. M. da C. (Org.). CAVALCANTI; Maria Laura, BRANDÃO, Carlos Rodrigues *et al.* **Cultura popular e Educação**. Salto para o Futuro. – Brasília: MEC, 2008.

TATAGIBA, L. **Os Conselhos Gestores e a Democratização das Políticas Públicas no Brasil**. In: DAGNINO, Evelina. *Sociedade civil espaços públicos no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 47-103p.

TEIGA, S.A.M. **As relações intergeracionais e as sociedades envelhecidas – envelhecer numa sociedade não stop**: O território multigeracional de Lisboa Oriental. Instituto politécnico de Lisboa – Escola Superior de Educação de Lisboa: 2012. 2-104p.

THOMSON, A. **Recompondo a memória**: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. Projeto História, São Paulo, 1997. 57p.

UNICOVSKY, M. A. R. Idoso com sarcopenia: uma abordagem do cuidado da enfermeira. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.57, n.3, p. 298-302, mai.-jun. 2004.

VASCONCELOS, A. M. N.; GOMES, M. M. F. Transição demográfica: a experiência brasileira. **Epidemiol. Serv. Saúde**, v. 21, n. 4, p. 539-548, 2012.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004. 31p.

\_\_\_\_\_. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VIEIRA, Y. O. *et al.* Estereótipos dos idosos retratados nos Desenhos Animados da filmografia ocidental. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 3, n. 19, p. 91-112, jul/set. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/31554>. Acesso em 23 fev. 2022.

VILLAS-BOAS, S. *et al.* A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida - Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos. **Revista Investigar em Educação**, n. 5, p. 117-141, 2016.

VILLAS-BOAS, Susana; RAMOS, Natália; AMADO, João; LIMA OLIVEIRA, Albertina; MONTERO, Inmaculada. A redução de estereótipos e atitudes negativas entre gerações: o contributo da educação intergeracional. **Laplage em Revista**, Sorocaba, vol.3, n.3, p. 206-220, 2017.

VON SIMSON, O. R. M.; GIGLIO, Z. G. **A arte de recriar o passado**: História oral e velhice bem-sucedida. In NERI, A. L. (Ed.), *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papirus. 2001.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 14-32p.

WAGNER, E.C.A.M; NERI, A.L. Opiniões de pessoas de diferentes faixas etárias sobre velhice: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.2, n. 2-3, p. 81-104, 1985.

WONG, L. L. R. (Org.). **O envelhecimento da população brasileira e o aumento da longevidade**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar: ABEP, p. 25-56 2001.

**APÊNDICES**

**APÊNDICE A - Roteiro da Entrevista**

- 1- Como tomou conhecimento da implantação do polo da Universidade da Maturidade – UMA em Paraíso do Tocantins?
- 2- Está feliz em fazer parte da UMA?
- 3- O que você entende sobre inclusão?
- 4- Você se sente excluído (a) por algum motivo por parte da sociedade?
- 5- Você tem conhecimento sobre políticas públicas indicadas à pessoa idosa?
- 6- Para você, quais ações poderiam ser realizadas, aqui, em Paraíso do Tocantins para melhorar a qualidade de vida da pessoa idosa?
- 7- Você considera uma pessoa idosa vencedora?
- 8- O que você pensa sobre a velhice? Como encara?
- 9- Como é a vivência familiar intergeracional? Avô, avó e neto?
- 10- Como você define a felicidade?
- 11- Está satisfeito (a) com o sistema de saúde do Brasil?
- 12- Para você, o idoso deve continuar no mercado de trabalho?
- 13- O que você pensa a respeito de voltar a estudar?
- 14- Como você descreve sua história de vida?
- 15- Você se importa com a idade que tem?

## APÊNDICE B - Respostas dos Participantes da Entrevista

Participantes: idosos, regularmente, matriculados no polo da Universidade da Maturidade- UMA/UFT em Paraíso do Tocantins.

### 1. 'Nora Maciel' :

aí, fiquei de olho... esperando o dia certo para me matricular. Essa Covid-19 atrapalhou um pouco o início das aulas. Mas dou graças a Deus por estar na UMA. Quero ficar por aqui, por muito tempo. Vou formar e receber o diploma. Falo isso por lembrar da fala da Doutora de Palmas sobre a nossa formatura. Estou vivendo uma vida nova. Estou animada... a UMA coloca os velhos na sociedade para aprender coisas novas, valoriza a gente como pessoa humana, não olha para nós com o olho torto. Ao se referir à felicidade, afirma ser uma pessoa feliz: "Tenho família boa. Criei os meus filhos e agora ajudo na criação dos meus netinhos. Continuo trabalhando com crochê, vendo tudo. Para se trabalhar com dignidade, idade pouco importa. É só querer. Acho a minha vida linda. Tive uma criação exemplar por meus pais. Eles foram a base de tudo em minha vida. Eles me ensinaram a trabalhar. Meus avós, sempre foram presentes na minha vida. Dificuldades, tive muitas. Venci. Enquanto vida tiveram, viveram felizes. Muitas coisas eu vivi e vivo até hoje. As dificuldades do passado ficaram para trás. Pouco me lembro. Não importa, foram lições para a minha vida.

### 2. 'Dorinha Brandalise':

tomei conhecimento por meio de uma pessoa de minha família, sobre essa faculdade para pessoas da minha idade. Eu e minha família estamos satisfeitos com tudo, por aprender as coisas por aqui. Me sinto uma pessoa valorizada e feliz aqui na UMA. Vejo que é preciso investir mais dinheiro para melhorar cada vez mais a vida dos idosos. Até aqui, sou uma vencedora. A velhice é uma etapa da vida que deve ser encarada a cada dia. Amo minha idade. Tenho uma boa convivência com meus familiares. Conviver com netos é melhor que com os filhos. A felicidade não existe, eu busco ela a todo momento, se eu choro, logo em seguida, estou sorrindo. Em relação à Saúde Pública, considero boa. A pessoa idosa deve continuar no mercado de trabalho, mesmo sem ter diploma. A experiência conta quem somos. Estou aqui para aprender, não tenho vergonha disso, nem da idade que tenho. A minha história de vida eu acho que foi muito boa. Aprendi coisas boas com meus pais, avós e com todos da família.

### 3. ‘Maria Cândida’:

eu tomei conhecimento do Polo da Universidade da Maturidade – UMA, em Paraíso do Tocantins, por meio da minha filha que me passou o link. Abri e li as informações sobre a UMA. Sou feliz em fazer parte da Universidade, pois aqui a gente aprende e faz novas amizades. Me sinto incluída, aqui fui bem recebida, não fiquei de fora, graças a Deus. Acho que é valorizar o idoso. Me vejo como uma idosa mais feliz. Faço os meus afazeres de boa. A minha vivência com toda a família, considero muito boa. Conviver com netos é melhor do que com os filhos. A felicidade não existe, mas eu a procuro. Posso estar chorando, como posso sorrir minutos depois. Precisamos de saúde para continuar no mercado de trabalho. Eu tenho experiência com o trabalho, mas é importante o estudo para arrumar algum emprego, ou ocupação. A minha história de vida eu acho boa. Meus pais e avós me ensinaram muitas coisas. A minha maior tristeza foi que perdi dois de meus irmãos. Então, sou feliz com minha idade e agradeço Deus por tudo. Gratidão pela vida, gratidão por tudo.

### 4. ‘Assis Wanderley’:

tomei conhecimento da criação do polo da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins por meio do site oficial da Universidade da Maturidade, do governo Municipal, ainda antes da pandemia da Covid-19. Uma boa notícia e uma excelente oportunidade. Procurei a equipe responsável para me inscrever no projeto. Estou feliz pela oportunidade de socialização, de aprender e de compartilhar conhecimentos. A equipe que nos acolhe é de primeira, professores conceituados e nós da UMA, representamos todo o segmento da sociedade paraense. Eu me sinto dentro do processo de inclusão social garantido pelo Estatuto do Idoso. O poder público deve assegurar à pessoa idosa direitos preconizados pela legislação brasileira. Eu me considero uma pessoa experiente na vida, mas não envelhecida. Este ciclo da vida é uma fase maravilhosa. Amo minha família. A nossa convivência é harmoniosa. Sobre a felicidade, a felicidade é um estado de espírito. Eu entendo que a felicidade é todo momento especial da vida. Quanto ao sistema de saúde, eu acredito que falta muita coisa para melhorar. A gente precisa de mais atenção por parte de nossos governantes. Com saúde, a pessoa idosa tem a possibilidade de ser incluído novamente no mercado de trabalho. Considerando a boa expectativa de vida nas últimas décadas, a experiência de homens e mulheres maduros é retorno garantido para a economia do país. A oportunidade de voltar aos estudos é excelente! Acho que nunca é tarde para aprender e compartilhar conhecimentos, aqui na UMA, estamos vivendo este momento, que é um momento de integração e muito especial na vida da pessoa idosa. A minha história de vida é bacana. Nasci em Paraíso do Tocantins e sou de família pioneira. Já contribuí e continuo contribuindo para o desenvolvimento do nosso município. Sou radialista e servidor público. Tenho 60 anos de idade. Não me importo com a idade que tenho hoje, sou agradecido a Deus por todas as bênçãos recebidas.

#### 5. 'Niltinho Tavares':

eu tomei conhecimento sobre o Polo da UMA, de Paraíso do Tocantins, por meio do noticiário local e também por outra acadêmica da instituição. Estou feliz por fazer parte da UMA e isso faz dele, uma pessoa melhor e mais participativa, inclusive como aluno. Não vi escolha de pessoas para estudar na UMA, sei que entrei e estou aqui. Ao falar de direitos da pessoa idosa, disse que este direito ele tem. Sou da UMA e isso é um direito meu. Paraíso poderia ter uma casa para idosos morar. Tem muitos idosos passando dificuldades financeiras e dificuldades de convivência familiar. Sou um idoso feliz, que já venceu muitas coisas na vida. Agradeço a Deus todos os dias pelo dom da vida. A velhice vem para todos. Ou envelhece ou morre cedo. Graças a Deus, tenho uma família que me ama. Meus netos são meus filhos duas vezes. Sou feliz demais, pois a felicidade é ter uma família que goste da gente, e que sorte a gente tem de ter ela também. O Sistema de Saúde tem que melhorar. Do jeito que está, muitas pessoas, principalmente, os velhos estão morrendo por falta de atendimento. O idoso precisa ter oportunidade de trabalho. Ainda sou um idoso que aguenta trabalhar, mas isso não acontece com outros. O povo acha que nós não damos conta de mais nada. Voltar a estudar é sinal que os velhos estão de pé, de olho no futuro. A minha história de vida, sempre foi de altos e baixos. Um dia está bom, outro não, e assim vai. Me lembro muito bem dos meus pais, dos ensinamentos deles, para nós, filhos. Vou carregar comigo todos esses ensinamentos para sempre. Os meus 78 anos de idade, para mim, estão bem vividos. Conto a minha idade para qualquer pessoa, pois idade para mim representa experiência de vida. Estou vivendo o melhor momento da minha vida e está tudo muito bom. Tudo é aprendizado. Estou construindo uma nova história aqui na UMA/UFT de Paraíso do Tocantins.

#### 6. 'Martha Maria':

eu tomei conhecimento da criação do polo da UMA/UFT de Paraíso do Tocantins por meio de uma amiga vereadora. Logo me interessei para retomar meus estudos, que há muito tempo deixei. Esta notícia eu recebi há dois anos atrás. Mas com a Covid-19, tudo parou. Mas, estou aqui, na UMA. A acadêmica transmite felicidade e diz que a cada dia, é um novo dia, uma nova história e um novo assunto, disse estar muito feliz pela possibilidade de aprender algo novo todos os dias. Eu me sinto aceita por todos da UMA, incluída nesse grupo da Faculdade da Maturidade. Narra sua participação em projetos sociais importantes, tais como: Liga Feminina do Câncer, Ministra da Eucaristia, entre outros. Ainda trabalho com artesanato e bordado. Queria que houvesse mais investimentos em políticas públicas destinadas à pessoa idosa em Paraíso do Tocantins, tanto em nível estadual, como nacional. Fez elogios ao projeto dos idosos com a existência da UMA em Paraíso do Tocantins. Sou uma pessoa idosa vencedora e que a velhice é normal para todos. Deve ser triste para quem fica falando que é uma pessoa velha. Vivo feliz com minha família. Amo meus netos, pois são filhos duas vezes. Sempre peço a Deus para nunca permitir desfazer a minha mesa, pois nos reunimos em datas festivas e fora delas. A felicidade para mim é estar de bem com a vida. O trabalho é muito importante para o idoso. Tem experiência e é uma forma de ser ativo e valorizado. Estar na UMA é uma alegria muito grande para mim. A possibilidade de aprender coisas novas é uma oportunidade importante para mim, que não consegui continuar com os meus estudos no tempo certo. A minha história de vida teve início e vai terminar um dia, como a história dos meus pais e avós. A minha infância foi na fazenda. Meus pais eram muito tranquilos. Estudamos na fazenda e na cidade. A condução para ir até a escola estudar era um caminhão de bancos de pau. Depois fomos para o colégio na cidade do Paraná, depois em Mato Grosso. Sou feliz com a idade que tenho, pois velhos são os números que se contam todos os anos.

**7. 'Lara Siqueira':**

foi bom a existência da UMA/UFT em nossa cidade! Tomei conhecimento desta Universidade da Maturidade através de uma vereadora amiga, que ligou para mim e perguntou se eu não queria fazer parte desta instituição. Na mesma hora disse que queria. Estou aqui. Estou muito feliz em fazer parte da UMA. A pessoa que criou essa universidade aqui em Paraíso está de parabéns. Estou gostando muito. Sinto que é um lugar de bênçãos para mim. Aqui fui bem acolhida pelos professores e coordenadores. Sou feliz aqui, entrei com o pé direito neste lugar. Paraíso do Tocantins bem que podia ter também uma casa de apoio para os idosos, para melhorar a vida de muitos de nós. Acho que falta essa casa nesta cidade. Eu sou uma pessoa idosa, sem frescura, pois venci obstáculos e continuo na luta. Sou uma vencedora com orgulho. Sou aposentada. A velhice para mim é uma das etapas da vida da gente que se tem história para contar. É isso. Encaro numa boa. Vivo em paz com minha família. Eu na minha casa e cada um, na sua casa. Nós nos encontramos muito, principalmente, nas datas comemorativas: Dia das Mães, Dia dos Pais, Natal e Ano Novo. Amo meus netinhos. Felicidade para mim é estar de bem comigo e com os outros. Acho que é por aí. Bem que a saúde poderia ser melhor. Se fosse, a gente viveria melhor. Os políticos deveriam se importar mais com a gente. A gente só trabalha se tiver saúde. E o idoso precisa e deve trabalhar, isso é vida, é ser enxergado pela sociedade. Faz muito tempo que estudei. Quase não tive oportunidades. Meus pais não tiveram condições para isso. De repente, eu com essa idade, estudando é muita sorte para uma velha, beirando os 80 anos. Quando paro e volto no passado de minha vida, vejo tudo com alegria. Meus pais me ensinaram coisas boas para a vida como: respeito, honestidade, correção e ser uma pessoa do bem. Criei meus filhos junto com meu esposo, ensinando para eles coisas boas, assim como meus pais me ensinaram. Amo minha família. Sou feliz! Amo minha idade. Tem muita gente por aí que respeita a gente, que gosta da gente. Agora, na UMA, é que tudo vai ficar melhor ainda.

#### 8. ‘Maria Eduarda’:

eu estava em casa, sem saber que existia a UMA, aqui em Paraíso. Ai uma amiga me ligou perguntando se eu não queria ser aluna da UMA. Mais que depressa, fiz a minha matrícula, participei da aula inaugural com muita gente. Daí, fiquei sabendo direitinho sobre a Universidade da Maturidade. Estou muito agradecida de fazer parte da UMA. Está sendo uma terapia para mim. Estou saindo de casa para aprender coisas novas. Quero ficar na UMA por muito tempo. Estar aqui é um direito de todos nós que somos velhos. Tem que ter dinheiro para bancar nós aqui. Aqui em Paraíso, tem que ter casa de apoio para nós idosos. Há muitos velhos jogados às traças. Fico triste com isso. A gente ser idosa não significa que já morremos não. Ainda tenho muitas coisas para viver pela frente. Assim, vou vencendo. A velhice para mim está sendo uma etapa da vida muito boa. Já vivi tantas coisas boas, que as ruins nem me lembro mais. A vivência com meus filhos, netos e todos da família é tudo de bom. Amo de paixão, hoje sou dependente deles, mas mesmo assim, sou uma velha feliz. Sou bem tratada por todos eles. Estou desfrutando da minha velhice com minha família. Nós, velhos, precisamos de saúde boa. Os políticos precisam melhorar a saúde pública. Há muitos velhos sem atendimentos nos postinhos, no Hospital Regional também e por ai vai. Porque se nós não tivermos saúde, a gente tem que parar de trabalhar. Isso não é bom. Nós sabemos atender o povo direitinho. E agora estudando na UMA é que a coisa está boa, estamos sendo vistos. O povo está vendo nosso esforço. Vamos nos formar, receber o diploma e tudo mais. A professora de Palmas falou no dia da aula inaugural que a minha história de vida é grande, mas não vou contar tudo não. Sou de família humilde, mas trabalhadora. Meus pais nos criou com muito amor e respeito, principalmente, a respeitar os mais velhos. Tive dois filhos. Criei sozinha, trabalhando, tenho meus netos que amo muito. Não me lembro de negócio de infância e de adolescência. Na minha época, não tinha isso. Hoje, é tudo melindroso. No meu tempo, filho respeitava pai, mãe e as pessoas mais velhas. Hoje, isso acabou. Tenho saudades daquele tempo... foi uma época sofrida, mas tinha paz, não tinha tantas coisas ruins. Essa conversa está muito boa, estou gostando muito. Nunca pensei que ia falar um dia tudo isso. Estou feliz! Eu me acho ainda nova e pronta para novos desafios. Tenho 61 anos de idade e isso não me incomoda nem um pouco.

#### 9. ‘Didi Marinho’:

tomei conhecimento do polo da UMA em Paraíso do Tocantins conversando com uma amiga minha. Ela me disse que era a Universidade da Maturidade que estava sendo criada em Paraíso. Agora sou aluna da UMA. Estou me derretendo de felicidade. Estou vivendo o que não tive oportunidade, quando era jovem. Fui acolhida por todos da UMA, tanto por professores, quanto por coordenadores. Faço parte desta instituição. Somos uma família. Eu, não entendo quase nada de políticas públicas. Acho que deveria haver várias instituições como esta no Tocantins. Paraíso tem programas para idoso, já fui em algumas vezes dançar lá... Mas é bom ter também uma casa só para idosos, tem muita gente idosa sofrendo, sem um acolhimento devido. Sou idosa com orgulho. Por isso, já me sinto vencedora. A velhice vem para todos e é um privilégio. Quem não envelhece, morre cedo. Sou feliz com minha família. Tenho meus netos que amo demais. São filhos duas vezes. A felicidade para mim é amar, ter paz, saúde, esperança, viver alegre e participar das coisas boas que Deus nos deu. Eu já trabalhei muito. Hoje, com a idade que tenho, não tenho preguiça de trabalhar, isso para mim é vida. Minha família me incentiva muito para meus estudos aqui na UMA. Vão fazer uma festa para mim na formatura. A minha história de vida foi cheia de altos e baixos. Tive muitas perdas. Aos 13 anos perdi meu pai e minha mãe criou 9 filhos. Ela faleceu há muitos anos. Morei no Rio Grande do Sul, Paraná e agora moro aqui em Paraíso. Hoje me considero uma pessoa idosa, mas feliz aos 81 anos.

**10. 'Mauro Batista':**

a chegada da UMA/UFT em nossa cidade trouxe alegria para todos nós. Para mim, está sendo maravilhoso! Tomei conhecimento da criação do polo da UMA em Paraíso, por meio de minha cunhada. Fui atrás de todas as informações para mim. Fez a minha matrícula e me deu todo o apoio necessário. A gente quando fica velho, pouca gente se importa conosco. É um lugar onde estou me sentindo bem acolhido, graças a Deus. Estou me sentindo um jovem outra vez. Feliz pela oportunidade de estar num ambiente saudável como este. Agradeço a Deus, aos professores e coordenadores por tudo isso. É muita felicidade! Antes de fazer parte da UMA, às vezes me sentia sozinho, mas agora, já consigo ver as coisas diferentes. Muitas vezes, me sentia excluído pela sociedade, às vezes sim, pela idade, pelo poder aquisitivo. Mas isso não importa. O que importa é que, aos 59 anos de idade me sinto um homem maduro, com capacidade para ter uma convivência de boa com todos, graças a Deus. Tenho uma deficiência, porém, convivo muito bem com ela. Bom seria para as pessoas idosas, se seus direitos previstos em lei fossem devidamente respeitados e aplicados. O Estatuto do Idoso e a Constituição Federal são claros quanto aos nossos direitos. Aqui em Paraíso, falta muita coisa para que o idoso possa ser atendido como está escrito nas leis. As calçadas são desniveladas, o acesso para entrar no comércio é muito ruim. Falta um lugar de apoio para os idosos considerados sem famílias, entre outras coisas. Vixe, sou uma pessoa vencedora! Gosto do que faço. Levanto todos os dias de cabeça erguida, sem medo de ser feliz. Vivo bem com minha família e familiares. É uma relação harmoniosa, de princípios e temor a Deus. Só agradecimento. Sou o vô mais feliz do mundo. Apaixonado pelos meus netos. A velhice é uma etapa da vida e deve ser encarada com naturalidade. Não vejo erro nisso. Quem não envelhece, alguma coisa acontece. A felicidade para mim é um sentimento que brota do coração. Não há felicidade sem amor ao próximo. O sistema de saúde de todo o Brasil continua precário. É lamentável dar esse testemunho, mas é a verdade que vivenciamos. O idoso deve, sim, continuar no mercado de trabalho. A pessoa idosa já trabalhou e é portador de uma grande experiência. Trabalho para todos aqueles que ainda têm condições para isso. Estou satisfeito em prosseguir estudando. É uma terapia. Ainda pretendo fazer uma faculdade de direito. Aprender sempre é bom. Estou aprendendo com meus professores e colegas. É uma maravilha tudo isso que está acontecendo conosco. Descrever sobre minha vida, eu posso dizer que já tive momentos bons e ruins. Bom, pela vida que Deus me deu. Ruim, por ser deficiente, sofrer preconceito por parte da nossa sociedade. Tudo superado. Hoje vou pra tudo quanto é lugar, sem medo de ser feliz. Sou pastor e me envolvo com várias causas sociais. Estou com 57 anos de idade com poliomielite. Já sofri preconceitos, discriminação, mas isso não importa mais nada para mim. Sou formado em Teologia e não quero parar de aprender. Não importa a minha idade, o que importa é ser feliz.